

PUCRS

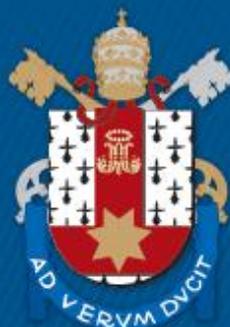
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO COSTA

LITERATURA COMO EXPERIÊNCIA

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO COSTA

LITERATURA COMO EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades – Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Norman Roland Madarasz

Porto Alegre
2018

Ficha Catalográfica

C837L Costa, André Luiz Ribeiro

Literatura como experiência / André Luiz Ribeiro Costa . –
2018.

99 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Norman Roland Madarasz.

1. Experiência. 2. Literatura. 3. Recepção da arte. I. Madarasz,
Norman Roland. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai, que sempre me apoiaram e incentivaram, pelo esforço que fizeram por mim e por terem me proporcionado dias tranquilos enquanto eu terminava a dissertação.

Ao Norman, orientador desse trabalho, pela dedicação afetiva, pelas conversas e por tudo que me ensinou.

À professora Rita Lenira e ao professor Paulo Kralik, por terem aceitado gentilmente ler meu trabalho e participar da banca.

Aos queridos Celso Alves, María Elena, Juliana Cervo e Camila Maccari, pela amizade, por terem me escutado falar tanto sobre esse romance, pelas cervejas que dividimos e por terem paciência com as minhas ocasionais lamúrias.

Aos professores e colegas da PUCRS, pelas trocas e referências novas que me mostraram outras possibilidades.

À Camila Alexandrini, Diego Farina e Tiago Martins, pelo nosso grupo de leituras deleuzianas, pelos encontros que foram tão importantes para mim.

À CAPES, enfim, pela bolsa que me permitiu realizar esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho é dividido em duas partes: um romance curto e um ensaio teórico que busca compreender o processo de criação do romance e propor uma reflexão sobre a sua temática. O romance é composto de cenas longas que são conectadas por sumários curtos e mostram o recorte de uma semana na existência do protagonista, uma semana em que a vida a qual ele estava acostumado entra em declínio e muda. Durante a narrativa, são mostradas três obras de arte: um filme, vídeos da internet e uma performance. Essas obras de arte funcionam como catalisadores da temática do romance, ou seja, são obras que baseiam seus referentes diretamente na realidade e que alteram a percepção do protagonista sobre a sua própria experiência. O ensaio teórico, baseado principalmente no pensamento de Deleuze e Guattari, busca compreender como a literatura pode partir da realidade para criar algo que não é real e que, no entanto, exerce uma influência no real. Considerando a ideia de perceptos e afectos, temos agenciamentos que se formam através da obra de arte, e tanto o romance quanto o ensaio, de diferentes formas, pretendem mostrar isso. No ensaio também é descrito um percurso de criação do romance, mostrando o início da escrita e como a narrativa foi sendo alterada durante o processo.

Palavras-chave: Experiência. Literatura. Autor. Recepção da arte.

ABSTRACT

This work is divided into two parts: a short novel and a theoretical essay that tries to understand the process of creating the novel and propose a reflection on its theme. The novel was written in long scenes connected by short summaries and shows a week in the protagonist's existence, a week in which the life he was accustomed declines and changes. During the narrative, three works of art are shown: a movie, internet videos and a performance. These works of art acts as catalysts for the novels theme, works that are based in referents directly from reality and that alters the perception of the protagonist on his own experience. The theoretical essay, based mainly on the thought of Deleuze and Guattari, tries to understand how literature can depart from reality to create something that is not real and yet exerts an influence on reality. Considering the idea of percepts and affects, we have assemblages that are formed through the work of art, and both the novel and the essay, in different ways, pretend to show this. The essay also describes a course of creation of the novel, showing the beginning of writing and how the narrative has changed during the process.

Keywords: Experience. Literature. Author. Art reception.

SUMÁRIO

<i>Se fosse possível cobrir com tinta preta – romance</i>	8
<i>Ao lado da arte, vida – ensaio</i>	75
1 Origem e mutação da ideia.....	76
2 Opções de criação.....	81
3 As obras de arte no romance.....	85
4 Processo e simbiose.....	92
Considerações finais.....	97
Referências.....	99

Se fosse possível cobrir com tinta preta

As costas dela, iluminada apenas pela luz que vem desde o hall do Instituto, estão arqueadas sobre o mármore, e Samuel percebe a contração dos seus ombros conforme a mão esquerda aproxima e afasta o cigarro da boca, deixando que a fumaça saia para o ar noturno e frio. Conversando em sussurros, próximo a ela, um grupo de cinco homens também fuma, e nos segundos que Samuel leva para decidir o que falar, parado a alguns passos da entrada do Instituto, vê as expressões nos rostos se transfigurarem de solenidade e pesar para total indiferença. É possível que ela queira a presença dele. Uma coincidência quase surreal. Depois das trocas de olhares, de ela abandonar a mesa que dividia com os amigos para ir fumar, existia uma abertura que permitiria Samuel dizer qualquer frase irrelevante, apenas para estabelecer o contato, e improvisar a partir de qual fosse a resposta. Uma combinação curiosa de vestido com estampas verdes, blazer e botas pretas. Se a situação fosse outra, jamais teria reparado nela com interesse, mas agora, após formular o que dizer, desce os degraus, sentindo uma calma estranha. Por um segundo, tem certeza de que ela sabe que ele está ali, mais próximo, já ignorando o grupo que segue na mesma monotonia. Atravessa o patamar, apoia os cotovelos no mármore e diz:

– Eu odeio esse diretor.

O cigarro fica suspenso entre o indicador e o dedo médio. Através dos óculos, o olhar mostra desconfiança, mas ela de repente sorri.

– Então por que tu veio?

A voz sai rouca, esmaece no fim da pergunta. Ela desarma a tentativa de erudição.

– Queria passar um tempo longe de casa.

– E veio assistir o filme de um diretor que tu odeia.

Dois mulheres saem do Instituto também para fumar. Acendem os cigarros em silêncio. Uma delas observa o grupo de homens, depois estica o pescoço magro e olha para o céu. A outra permanece encarando um ponto fixo na escada.

– Preciso ter mais motivos pra odiar ele.

A postura tranquila de Samuel é encenada, os cotovelos no mármore, a coluna inclinada para trás, uma entonação de tédio no que diz, tudo criado a partir do que ele imagina que possa agradar.

– Eu não consigo ser tão passional com filmes.

– Então tu não veio aqui por gostar do trabalho desse diretor?

Ela franze os olhos enquanto traga, depois fica observando o cigarro por um instante.

– Não. Nem sei quem é.

Mais duas tragadas rápidas e apaga o cigarro no mármore. Deixa o resquício da fumaça se dissolver aos poucos, antes de virar o rosto para Samuel e sorrir, os dentes assimétricos, como se estivesse constrangida ou apenas esperasse ele continuar a conversa.

– Os teus amigos não perceberam quando tu veio fumar.

Ele diz.

– Ninguém ali é meu amigo. A gente só conhece uma pessoa em comum. Uma pessoa que talvez viesse.

Era por isso que ela ficava cuidando a porta do Instituto, dividindo a atenção entre alguém que não chegava e Samuel, sentado à mesa ao lado, alheia às conversas, à cerveja esquentando, à mulher que distribuía as senhas para o filme e que precisou se abaixar e tocar no ombro dela para ser notada.

– Qual é o teu nome?

Samuel pergunta, mas já sabe a resposta.

– Laura, e o teu?

Diz o próprio nome. Percebe que um dos homens termina de fumar o cigarro e, conferindo o relógio de pulso, avisa aos outros, de forma audível, abandonando o tom compenetrado da conversa, que o filme já vai começar. Laura demonstra que também escutou o aviso, mas não vira o rosto na direção do grupo.

Como se respeitassem um sinal, os outros quatro homens também terminam os cigarros, e o grupo começa a se deslocar para a entrada do Instituto. As duas mulheres, alheias, se juntam em um canto, para dar passagem a eles, continuam fumando sem pressa, com os braços cruzados e às vezes, por causa do frio, tremendo a mão ao tragar.

– Quer beber uma cerveja depois do filme?

Samuel pergunta, tentando soar desinteressado. Laura suspira com lentidão, volta a olhar para a avenida.

– Outro dia vai ser melhor.

Através das portas envidraçadas, ele vê uma fila se formar dentro do Instituto. Laura, criando uma cumplicidade possível, complementa:

– Mas não quero mais assistir esse filme com as pessoas que vieram comigo.

Samuel, então, sorri, e avisa, reproduzindo o mesmo tom de cumplicidade que ela usou, que naquele instante a sala de exibição do filme foi aberta. A fila está se movendo. Laura pega o isqueiro e a carteira de cigarros que estavam sobre o mármore e os guarda no bolso direito do

blazer. Eles atravessam o patamar, sobem o lance de escadas e entram no Instituto, deixando sozinhas as duas mulheres que, apáticas, fumam sem perceber mais nada.

A primeira cena do filme é longa, sem cortes. Um homem caminha sob chuva torrencial por ruas ladeadas de prédios antigos e outras construções indefiníveis. A câmera o filma por trás e é possível escutar, às vezes, palavras soltas pronunciadas em meio ao ruído da chuva. Nenhuma legenda. Ele pensa sozinho e esse pensamento vaza em forma de som. A cena deve ter cinco ou seis minutos. Os postes de luz estão acesos, o dia está acabando, e a agonia de saber para onde ele vai termina junto com o alívio do corte brusco. De repente, surge uma sala, o barulho da chuva é secundário. Um abajur ao lado da televisão produz a única luz elétrica, o amarelado anêmico contrastando com a luminosidade cinzenta que entra pelas janelas. No canto da tela, uma mulher com as pernas esticadas sobre um dos sofás lê concentrada. Som de porta abrindo e fechando. Os tênis sendo descalços e jogados no chão de tábuas. A concentração da mulher foi interrompida, ela acompanha todo o movimento do mesmo homem que, então, aparece na cena. Ele senta em outro sofá, ofegante, sem trocar as roupas molhadas. O rosto dele é enquadrado pela câmera, depois o dela. Variam pouco em relação à idade, têm no máximo trinta anos. A frase que inicia o curto diálogo soa clara, em um alemão gentil e incisivo. Quem fala é a mulher, e ela avisa que a namorada dele não saiu do quarto. A câmera volta a colocar ambos no mesmo enquadramento, mas em posição diferente, agora estão contra a luz do abajur. Ele demora a responder, não parece surpreso, e desvia o rosto na direção da janela, um semblante calmo e meio oculto pela escuridão que se propaga no restante da sala, observa a chuva cair enquanto a mulher fecha o livro e o coloca na mesa de centro. Nada é dito por quinze segundos, até que a voz seca do homem ressoa com uma afirmação que dá a tônica não apenas desse momento inicial mas de todo o filme. A minha namorada está doente, ele diz.

Conforme as próximas cenas são desenvolvidas, é possível compreender que naquela casa funciona um hostel onde trabalham quatro mulheres alemãs, e o homem, hospedado ali, é um estrangeiro sem muito domínio sobre o idioma. A cidade nunca é nomeada, mas as ruas surgem em detalhes nas andanças do personagem, são filmadas sob a perspectiva de quem o segue, e deixam a sensação de interior do país. O silêncio e a lentidão geral do filme são intercalados por cenas com diálogos curtos, em que a desconfiança das alemãs se torna cada vez mais evidente. Três delas abordam o homem algumas vezes. A gentileza e a cordialidade

dando lugar a uma ironia raivosa. Onde está a mulher que chegou com ele, se ela está doente precisa ir ao hospital. O protagonista desconversa cada uma das tentativas, repete que a namorada está doente como resposta a qualquer pergunta, exhibe uma calma reiterada pelo foco da cena, que, nesses momentos, sempre é em seu rosto, como forma de induzir uma frieza inerente ao personagem. As caminhadas que faz, também para evitar as funcionárias do hostel, duram horas, como se todos os dias saísse procurando um local específico que não é capaz de localizar no mapa. Às vezes, entra em uma livraria. Folheia livros dos quais não parece entender muito. Senta em bancos de praças e fica observando as pessoas. Constantes nuvens cinzas deixam a atmosfera pesada. O filme avança em uma estrutura repetitiva, acrescentando informações sutis quando possível, até a cena que quebra esse procedimento e inaugura a segunda metade da narrativa.

As quatro funcionárias estão reunidas na sala. Elas não haviam aparecido sozinhas e juntas antes. A não ser por ruídos ocasionais, o resto da casa permanece em silêncio. O relógio próximo à televisão, ornado pela pintura de dois pássaros azuis, indica que está próximo de duas da madrugada. Uma garrafa térmica prateada, na mesa de centro, fornece o café que as quatro bebem assoprando e logo em seguida dando pequenos goles. A atitude das mulheres é de pesar. Demora para que uma delas fale e, gaguejando em surdina, esboce alguma impressão sobre o que aconteceu e sobre o que poderia ter acontecido caso estivesse atenta. As outras a escutam, talvez de novo, descrever o gato cinza que surgiu no pátio do hostel naquela tarde, um gato de rua ou perdido de casa, mas afável, que se deixava acariciar enquanto ronronava para ela em agradecimento. A funcionária serviu leite em um pires para o gato, ficou observando o líquido desaparecer pela fome do bicho, a língua pequena e rosada que lambia o recipiente mesmo depois de vazio. Foi só quando ela trouxe o pires de volta para a cozinha, querendo servir mais leite, que ouviu os gritos. A princípio, achou que fosse uma briga. Ficou atenta, imóvel. Mas logo percebeu que eram gritos de dor. Ecoavam, abafados por uma porta, pelo primeiro andar da casa, e a funcionária lembrou do estrangeiro, da namorada doente, largando o pires e correndo na direção que identificava como origem dos gritos, no mesmo corredor em que estava o quarto do casal. A suposição dela, no entanto, não estava certa. Os gritos vinham de outro quarto, daquele que era dividido havia três dias por uma mexicana e duas suecas. Então ela correu de volta para a recepção e pegou a chave extra. Olhou de relance na direção do pátio e não viu mais o gato. Sentiu a responsabilidade imediata de ser a única funcionária no hostel trabalhando durante a tarde. Girou a chave na fechadura e empurrou a porta com força. A mexicana estava sozinha. As janelas escancaradas vazavam a iluminação sobre a cama dela. O

suor escorria pela testa da mulher, estava de olhos fechados e gritava febril. Destapada, as cobertas no chão, com a roupa grudada no corpo e movendo a cabeça devagar pelo travesseiro encharcado, alternava os gritos com murmúrios em espanhol. A funcionária não soube como agir. Ficou olhando a mexicana por alguns segundos e só então se aproximou. A testa e o pescoço da mulher estavam quentes, ardendo, o suor pegajoso empapou a mão da funcionária. Ela deu uma olhada pelo quarto, o beliche que as suecas dividiam com a roupa de cama mal arrumada, as malas e mochilas de campanha das três apoiadas na parede sob a janela, dois pares de tênis jogados de qualquer jeito em um canto e uma garrafa de refrigerante com o conteúdo pela metade exposta em cima do armário onde parte da bagagem deveria estar guardada. As suecas deviam ter saído, a mexicana seguia com os gritos ainda mais audíveis agora com a porta aberta, mas nenhum outro hóspede apareceu para ajudar a funcionária, que decidiu chamar uma ambulância. A mexicana morreu horas depois. Foi vítima de uma doença com nome em espanhol que já estava incubada e teve o gatilho na alimentação da noite anterior. As suecas ainda não apareceram, deixaram números para contato na recepção, mas nenhuma das funcionárias quer telefonar. O relato termina em uma solenidade brutal. A câmera enquadra todas elas iluminadas apenas pela luz do abajur, de repente envelhecidas.

Se eu não tivesse saído da casa, se tivesse escutado os gritos antes, a funcionária lamenta ao beber o último gole de café e em seguida pressionar o botão da garrafa térmica para servir mais. As outras mulheres a consolam como podem. Repetem que nesses casos não há o que fazer, que ela agiu da forma certa. Então, uma das funcionárias, a mais velha, de cabelo solto e vestindo um blusão azulado, diz que a mesma coisa pode acontecer com a namorada do estrangeiro. Desde a hospedagem, ela não foi mais vista, e é só questão daquele homem continuar sendo negligente ou ignorante ou apenas frio em relação ao estado da namorada por mais alguns dias, quem sabe nem tanto tempo assim, para que outra morte aconteça e a responsabilidade acabe sendo delas, que não previram o óbvio, que tentaram disfarçar o incômodo que sentiam com a atitude dele, por mais que perguntassem insistentes qual era a doença da namorada, por que ela não ia nem ao banheiro, compartilhado e visível da recepção, sempre recebendo a mesma resposta evasiva e permanecendo caladas, parecendo que não tinham o dever de se impor. Vamos pegar a outra chave, ela diz, e entrar logo no quarto dele. As outras três funcionárias murmuram entristecidas, estão de acordo, mas quando começam a levantar do sofá o barulho de pés tropeçando e uma gargalhada desestabilizam a quietude da casa. Bêbadas, as duas suecas entram na sala. Nenhum detalhe no rosto avermelhado delas indica que estão preparadas para ouvir sobre a morte da mexicana, que sequer desconfiam o

que aconteceu e não sentirão um choque potencializado pelo álcool. A cena é interrompida nesse instante.

O próximo trecho do filme é curto e mostra como as funcionárias lidam com o fato nos dias que seguem à morte da mexicana. Por marasmo ou passividade ocasional, parecem desistir da ideia de entrar no quarto do protagonista, deixando que as obrigações cotidianas recebam toda a sua dedicação e compartilhando, as quatro juntas, noites de uma insônia melancólica e improdutiva. Mas uma tensão sutil é estabelecida nas formas como a funcionária mais velha interage com o estrangeiro, nos olhares que direciona quando ele chega ou sai do hostel, e essa tensão irá resultar no desfecho do filme.

Ele diz que não sabe quanto tempo ficará na Alemanha, que a situação no país dele é complexa para alguém de fora compreender. Está em um bar, bebendo um chope de coloração dourada e cremosa e tentando explicar para a mulher no lado oposto da mesa o motivo de ter vindo a outro país. Ela parece interessada no que o protagonista fala, bebe um chope igual ao dele balançando às vezes a cabeça para demonstrar que está ouvindo. Lotado de outras pessoas, as câmeras ignoram os figurantes do bar, focam apenas na conversa, a primeira vez que o homem de fato conversa sem inventar desculpas ou afirmar a doença da namorada. O diálogo passa uma sinceridade nova, pouco explorada no filme, e coloca o espectador na mesma empatia que cerca o protagonista e a mulher que o escuta. A narrativa não mostra como se conheceram, mas dá indícios de ter sido no máximo uma hora antes. Em determinado momento, conforme ele tenta explicar a situação do próprio país, a câmera foca significativamente no rosto da mulher. Por trinta segundos, as pálpebras fecham e abrem em intervalos irregulares, dos lábios saem linhas que sugerem o amadurecimento precoce e, no entanto, a expressão é de uma suavidade receptiva, como se estivesse prestes a abraçar o estrangeiro que se esforça para expressar um discurso no conhecimento raso do idioma.

Eles se encontram mais duas vezes, a rápida intimidade que desenvolvem fica visível no segundo encontro, quando, anoitecendo, atravessam um parque caminhando com tranquilidade e o protagonista fala sobre o que precisou vender ou abandonar antes da viagem. A mulher que o escuta nunca é desenvolvida, ela quase não fala, comunica mais com os gestos e com os olhos, a linguagem corporal sugerindo disponibilidade e a paixão incipiente do início. Ele não menciona a namorada, mas comenta sobre o desconforto de estar hospedado em um hostel.

Nessa noite, ao retornar, ele encontra a funcionária mais velha acordada. Sozinha, ela organiza sobre a mesa a louça para o café da manhã. As câmeras alternam entre focar o rosto

do estrangeiro e as mãos da funcionária, as facas que ela dispõe alinhadas aos pires, cada xícara com a asa para a esquerda, cuidadosa, quase um processo perfeccionista, enquanto o silêncio entre ambos se dilui e ele, contraditório ao que fez até então, fala com ela, pergunta se não é cedo demais para arrumar a mesa. As mãos seguem no mesmo ritmo e a funcionária só responde que não. O protagonista sorri, parece irônico e genuíno ao mesmo tempo, balança a cabeça e começa a caminhar na direção do corredor que leva ao seu quarto. No entanto, as mãos param, são apoiadas sobre a guarda de uma cadeira, e a câmera enquadra tronco, pescoço e cabeça da funcionária, que encara o estrangeiro e, tentando conter a raiva, pergunta se ele sabe que uma mulher morreu. Sim, ele responde, parando e voltando a olhar para a funcionária, ouvi alguns hóspedes comentarem. A funcionária, então, solta a guarda da cadeira e caminha ao redor da mesa, conferindo se a louça está bem colocada, até que, próxima ao estrangeiro, ela para e diz eu quero ver a mulher que chegou com você. O protagonista sorri de novo, mas dessa vez a condescendência é óbvia, e nega. A minha namorada está doente. Não interessa, a funcionária diz, eu quero ver ela agora. O estrangeiro para de sorrir e fica alguns segundos encarando a funcionária. Não, ele responde, não vai ser possível, a minha namorada está doente. A câmera enquadra ambos em perspectiva, pelas costas do estrangeiro, e mostra claramente o momento em que a funcionária crispa o rosto e segura o braço dele. Aperta. O protagonista tenta se afastar e tropeça, quase cai, é arrastado até a parede pela funcionária. Vamos agora ao teu quarto, ela fala, e o empurra para ir na frente, dobrando no corredor iluminado por uma luz amarela. Param na porta do quarto dele. O estrangeiro pega a chave no bolso, treme um pouco. Quando abre a porta, a funcionária o faz entrar primeiro. A câmera acompanha logo atrás, já está dentro do quarto no instante em que a luz é acesa e mostra que além da funcionária e do protagonista ninguém mais está ali. Fora a mala vermelha dele, encostada ao lado da cama, não há nada relevante ou diferente no quarto. De forma estranha, a perplexidade da funcionária dura pouco, porque ela se vira para o estrangeiro como se tivesse compreendido a ausência da namorada e diz que ele tem uma hora para deixar o hostel. Ele não fala, alterna o olhar entre o chão e a porta, parecendo ter medo de que alguém os encontre ali. A cena acaba.

O último trecho do filme é alternado entre as funcionárias acordando na manhã seguinte e o estrangeiro tocando a campainha de uma casa. É um trecho mudo, só imagens e nenhum som. A funcionária mais velha aparece conversando com as outras, que logo saem na direção do quarto desocupado, querendo ver por elas mesmas que de fato não há ninguém ali. Ao mesmo tempo, a porta da casa se abre e a mulher do bar surge. Sorri ao ver o estrangeiro e se

coloca de lado para que ele entre. A tela fica preta de repente e aparece o nome do diretor em letras brancas.

Como se a experiência fosse corriqueira e não necessitasse um mínimo de introspecção e inatividade para ser assimilada, a maioria das pessoas sai da exibição do filme conversando sobre qualquer assunto, rindo umas para as outras ou digitando no celular em pequenos grupos de três e talvez desconsiderando o que acabaram de assistir. Essa é a impressão que Samuel tem, enquanto, parado no hall do Instituto junto com Laura, observa o fluxo de gente que se dispersa para comprar cerveja ou segue em direção à saída. Os amigos que estavam antes com ela logo surgem no hall, passam em silêncio por Laura, sem ao menos dar indício de que repararam em sua presença ali. Ela se vira para Samuel e ergue os ombros em sinal de resignação e provável alívio. Começam a seguir o fluxo para sair do Instituto e nada foi dito entre eles ainda. É apenas quando estão descendo o segundo lance de escadas, após atravessarem o patamar e sentindo até na respiração o ar frio da noite, que Laura pergunta se aquele filme redimiou o diretor para Samuel.

– Com certeza não.

Ela ri.

– Mas por que não?

– Achei que de novo tudo ficou engessado, mal resolvido, parece que ele se preocupa mais com a estética e com a forma de gravar as cenas do que com a narrativa.

Param na avenida em frente ao Instituto. O fluxo de pessoas, já dividido, se distancia enquanto alguns grupos esperam por táxi ou ônibus. Laura fica olhando para Samuel com um sorriso irônico, ajeita os óculos com a ponta do indicador e pega a carteira de cigarros.

– Eu também não gostei.

Ela acende um cigarro e dá a primeira tragada, longa, quase fechando os olhos, e expele a fumaça para o lado.

– Por que tu não gostou?

– Não sei. Me incomodou a postura do protagonista. A estética e as cenas tudo bem, mas qual é a relevância dele como personagem, o que ele mostra que não vou encontrar logo ali atravessando a rua?

Samuel, por instinto, olha na direção que Laura aponta. Passa a mão esquerda pelo cabelo enquanto considera o que ela falou.

– Mas, nesse sentido, qual é a relevância de qualquer personagem?

O rosto de Laura se molda em uma expressão sarcástica.

– Essa é uma questão subjetiva, mas diferente do que eu quis dizer. Não tô falando sobre todos os personagens do mundo. Esse, em específico, segue a mesma linha do cara misterioso e imbecil, que inventa ou sei lá que a namorada tá doente e deixa ela, ou a figura representativa dela, sozinha enquanto vaga pela cidade e conhece outra mulher.

Ela dá mais uma tragada e parece analisar a forma como Samuel reage ao que disse, bate com o indicador sobre o cigarro para que as cinzas caiam e sejam varridas pela brisa gelada.

– Talvez falte contexto pra ele.

Sorrindo, Laura nega com a cabeça.

– Pra mim, o contexto dele é bem claro.

Agora, ao olhar para o Instituto, Samuel percebe que menos pessoas circulam por ali. É provável que Laura queira ir embora depois de fumar o cigarro, e a iminência da despedida gera uma vontade obscura de companhia, de estar com ela em um apartamento ou uma casa ou mesmo um quarto aleatório, longe do seu próprio quarto, tentando descobrir no tempo de uma noite o que ainda não sabe, o que as pesquisas na internet ou os relatos sobre Laura não mostraram. Samuel pensa em convidar, quase pedir que ela tenha consideração com um desconhecido, mas desiste, nada pode soar estranho nos primeiros diálogos, qualquer frase brusca pedindo a extensão da presença dela arruinaria todas as possibilidades futuras, então ele mantém ou imagina manter uma expressão sóbria e descontraída, sorri para Laura e ela, rindo e olhando para a avenida enquanto leva o cigarro à boca outra vez, não disfarça o incômodo com o silêncio dele. Um casal cambaleia pela escadaria do Instituto, não devem ter mais de vinte anos. O cheiro de álcool que exalam é forte e, quando passam ao lado de Samuel, ele se arrepende por ter bebido apenas uma cerveja. Logo depois, um ônibus surge e recolhe as quatro pessoas que o aguardavam. Laura ajeita os óculos no rosto e dá a última tragada no cigarro, que não estava no fim, enquanto observa o ônibus se afastar. Coloca as mãos nos bolsos e se vira para Samuel. Anota o meu número, ela diz, com resquícios da fumaça ainda pairando ao redor. Ele pega o celular e digita o número. Pergunta se Laura já está indo embora, ela responde que sim, precisa acordar cedo de manhã, mas ele pode enviar uma mensagem no dia seguinte ou no outro para se encontrarem. Então, desajeitada e como se cumprisse uma formalidade, Laura o abraça por dois segundos, o suficiente para que ele sinta o cheiro de cigarro, de xampu e de pele

no pescoço dela, um cheiro tão natural e próprio que em breve se tornará a memória olfativa dessa noite.

O corredor está escuro quando Samuel entra no apartamento, a mesma escuridão que se estende pela sala e pela cozinha, mas que é interrompida no parquet por um reflexo de luz. No quarto de casal, Marcela talvez ainda esteja acordada. Ele avança devagar pelo corredor, tira o casaco e o coloca sobre o sofá, deixa o celular e as chaves na estante ao lado da televisão e, caminhando até a cozinha, olha de relance para o quarto silencioso tentando ver o que Marcela está fazendo. Abre a geladeira e pega a garrafa de água que está na parte de cima, a parte do casal. Bebe direto no gargalo, cinco goles longos. Cogita preparar um sanduíche ou uma omelete ou um bife na frigideira e logo desiste da ideia. Bebe mais um gole e fecha a garrafa. Olha para a pia e enxerga o prato encrustado de restos de comida que o Agregado usou no almoço, e é a quinta vez em duas semanas que ele deixa de cumprir algum acordo de moradia. Sujou a louça, lavou a louça. Guarda a garrafa e fecha a geladeira, permanecendo algum tempo encarando o imã da Casa de Bolos que Marcela adora, se perguntando quando poderiam ter uma vida normal de novo e se essa vida de fato seria possível depois dos últimos meses. Vamos repensar tudo, ela disse, refazer nossa vida, só que a energia que Samuel precisa é quase nula, e quando ele apaga a luz da cozinha e atravessa o corredor, passando pelo quarto vazio do Agregado, resolve entrar no banheiro para ganhar mais alguns minutos.

O barulho da urina reverbera pelos azulejos em um jato mais escuro do que seria saudável. Na parede ao lado de Samuel, três pequenos quadros estão dispostos em linha reta e exibem paisagens campestres. Marcela argumentou que trariam intimidade e elegância para um momento tão pessoal. Ele ri disso agora, imaginando as fezes do Agregado impregnando de pestilência as três imagens que ela colocou quando o banheiro era dividido apenas pelos dois, quando tinham tempo juntos e ficavam horas na cama ainda um pouco atordoados por estarem morando no mesmo apartamento, compartilhando mais com o outro do que haviam compartilhado com qualquer pessoa, meses de cumplicidade e afeto que passaram rápido demais. Ele deixa as últimas gotas pingarem e dá a descarga. Lava as mãos, o rosto, mas não escova os dentes.

É a luz branca no abajur de Marcela que está acesa, a luz que ela sempre deixa quando espera por Samuel, mas, tapada com lençol, cobertor e edredom quase até o queixo, parece

dormir. Ele tira primeiro as meias e depois as calças. Então, um pouco mais rápido, puxa pela cabeça o blusão e a camiseta ao mesmo tempo. Fica só de cueca, o corpo automaticamente encolhido pelo frio, e amontoa as roupas que tirou na poltrona ao lado da cama. Marcela faz um movimento leve, mas não se vira para ele e, com sorte, não irá acordar. Puxando com suavidade lençol, cobertor e edredom, Samuel deita tentando fazer mínimos ruídos, soltando aos poucos o peso do corpo no colchão, sentindo o alívio da coluna e do pescoço enquanto mantém uma distância segura do corpo quente de Marcela e deixa que um suspiro fraco escape e se misture ao conjunto de barulhos que fez. Olha para o teto. O ventilador que deixaram de usar há poucas semanas, as portas na parte de cima do guarda-roupas pago em conjunto, a cortina listrada de amarelo e vermelho que cobre toda a janela e que foi comprada por Marcela só porque ele um dia mencionou gostar de cortinas. Mas é o silêncio no apartamento, esse detalhe que indica a ausência do Agregado, porque, se estivesse aqui, o Agregado estaria ouvindo música, assobiando, batendo com as mãos na mesa do outro quarto e a quietude na atmosfera doméstica seria impossível, então Samuel escuta o silêncio, deixa toda a concentração possível fluir para os ouvidos, imaginando escutar até mesmo o frio que entra por alguma fresta na sala.

Marcela faz outro movimento e, agora, vira o corpo, se aproximando dele. O diálogo será inevitável. Samuel permanece mais alguns minutos na mesma posição, deixa que os pensamentos anteriores fluam, desapareçam, tentando estabelecer a calma que será necessária para quando a voz dela soar na forma de uma pergunta ou uma afirmação ou um misto de mágoa e conformismo. Prevê o que ela irá dizer, uma variação do que já foi dito, enquanto também vira o corpo. O olhar de Marcela está cravado nele, os olhos pequenos e escuros e a cabeça ornada pelo halo de luz do abajur, a expressão familiar que não mostra raiva nem repreensão, mas afeto. Em vez de falar, ela permanece do mesmo jeito olhando Samuel, até que se vira e apaga a luz do abajur, então, tateando no escuro, o abraça, encosta o corpo no dele, mesmo no frio Marcela sempre está quente, e em no máximo dois minutos ela já começa a respirar pesado.

As migalhas de pão na mesa sem toalha e a caneca com um resto de café sobre a pia mostram que Marcela já saiu para trabalhar. São nove horas, e Samuel, depois de esfregar o rosto pressionando os indicadores contra os olhos por alguns segundos, começa a lavar a louça acumulada do dia anterior. Anestesiado pelo sono, não sente a mesma raiva do Agregado,

apenas deixa que a água da torneira, gelada, flua sobre as mãos e se acumule, já transbordando, no prato encrustado de comida, na caneca que Marcela usou, nos talheres. Então, coloca detergente na esponja e lava tudo em menos de cinco minutos, sem fechar a torneira em nenhum momento, até que fecha e seca a pia com um pano amarelo, as mãos ardendo da água gelada e, no instante em que termina de limpar as migalhas da mesa, escuta o toque de mensagem emitido pelo celular.

Em um texto curto, Marcela avisa que terminou o café nessa manhã e pergunta se ele pode comprar mais. Ela sairá do trabalho às dezenove horas, pede para que se encontrem direto no restaurante. Tudo bem, Samuel digita no celular e envia. Largando o aparelho em cima do sofá, olha pela sala como se estivesse vasculhando o ambiente pela primeira vez ou como se tentasse, com um olhar vago, reconstituir a cena em que depois de três horas consecutivas, entre silêncios, monólogos e frases ditas por impulso, concordou que ele e Marcela deveriam passar mais tempo juntos, que uma forma de isso começar a acontecer seria nessa noite, saindo para jantar, dividindo um espaço em que possam reconstruir intimidade sem a interrupção constante de outra pessoa.

Toma banho e veste a mesma roupa que usou na noite anterior. A manhã fria de céu limpo faz com que tudo pareça mais ameno. Samuel fecha o portão do prédio e caminha devagar, a cafeteria que Marcela gosta não é longe, mas ele dobra em outras ruas, leva mais tempo, observando as pessoas que também não fazem parte da rotina trabalhista de bater cartão às oito horas, adolescentes que matam aula vestindo moletons dois números maiores, homens de meia-idade suados ou limpos indo ou voltando da corrida matinal, mães que empurram bebês sorridentes em um carrinho, senhoras puxando cães em coleiras que não esperam o animal urinar. Sem fixar a atenção nas pessoas por mais de alguns segundos, Samuel acompanha a narrativa disponível do dia, os fragmentos de existência que passam e raramente permanecem na memória, detalhes obsoletos, conversas entrecortadas e frases ditas sem contexto, o bairro é um microcosmo e reproduz, em maior ou menor grau, considerando proporções necessárias, todos os outros microcosmos operantes agora, como um espelho para a vida dos outros, acontecimentos banais que se repetem de forma variada e que nunca são isentos de encadeamento. E, nessa banalidade, ele lembra do dia que Marcela falou sobre o Agregado. Um amigo que estava procurando apartamento e passaria poucas semanas morando com eles. Era para saber se tudo bem, se Samuel aceitaria, e ele precisou de algum tempo ruminando a informação, porque era a primeira vez que morava com uma namorada e não sentia tanta certeza sobre ter outra pessoa junto, no quarto ao lado, aquele que combinaram de transformar em um

ambiente de trabalho para ambos. Além disso, não fazia tanto tempo que moravam ali, ele queria mais, todo o conforto e o desconforto que viver com Marcela poderia causar, as brigas, as frustrações, mas também os momentos em que saíam juntos no meio da tarde para ir ao supermercado, as idas ao cinema e o sexo que faziam na volta em qualquer cômodo, sem a preocupação de alguém chegar ou de invadir um espaço que não seja deles. Mas ele aceitou, e uma semana depois estava morando com um homem estranho, de uma simpatia perturbadora, que sorria demais e não tinha pudores em se mostrar confortável durante qualquer situação. A rotina do Agregado não variava nunca. Ele acordava às sete da manhã e, às sete e meia, já tinha saído para trabalhar. Às seis e meia da tarde, pontualmente, estava de volta. Ia e voltava a pé. A função dele no trabalho envolvia instalar e desinstalar coisas de computadores, mas odiava fazer isso, e mesmo assim reclamava rindo, debochando de outros colegas que, segundo ele, adoravam aquele trabalho. O Agregado entrava no apartamento assobiando, tinha um assobio forte, como se marcasse território através do som. Colocava música no celular para tomar banho, bandas dos anos setenta ou oitenta, e cantava junto, batendo com as mãos nas paredes, ritmando todo o apartamento, talvez todo o prédio, Marcela achando engraçado e Samuel paralisado de raiva estando no quarto, na sala ou na cozinha. Depois, por exatamente duas horas o Agregado jogava videogame. Todos os dias convidava Samuel, e todos os dias ele recusava. Então, finalizando a partida ou apenas desistindo e largando o controle ao lado da televisão, porque as duas horas tinham acabado, ele ia jantar, e essa era a única possível variação na rotina, quando às vezes, no caminho para a cozinha, tentava conversar com Samuel. Foi a partir dessas conversas que começou a entender o Agregado como uma pessoa vazia. Ele parava ao lado de Samuel, o rosto muito próximo, e reproduzia uma cumplicidade abominável, que surgia da ideia de que, mesmo sem intimidade, eram amigos porque eram homens. Sempre cuidando para que Marcela não ouvisse, ele pegava o celular e mostrava as páginas das redes sociais de mulheres que tinha conhecido ou das colegas de trabalho, comentava o corpo delas, as roupas, criticava determinada escolha de penteado ou de pose na foto e, se tivessem namorados, afirmava que eram homens passivos, com empregos medíocres, sem intensidade ou presença de vida. Samuel não sabia responder a esses comentários, olhava de forma estática para a tela do celular, até que o Agregado parava de falar, guardava o aparelho de volta no bolso, dava dois tapas no ombro dele e seguia o que estava fazendo. Às vezes, essas conversas existiam apenas para criticar outros homens, também colegas de trabalho, mas esses o Agregado não mostrava no celular, só contava algumas histórias e ia embora.

O pacote tem a estampa de uma fazenda. Abaixo dessa estampa, o nome da fazenda e o ano de tradição. O café que Marcela adora está em falta, essa é a única opção viável. Samuel paga o pacote de café e pede também um espresso duplo. Senta em uma das mesas na calçada, a rua movimentada apenas por moradores de prédios vizinhos que às vezes olham para ele com certa estranheza, como se perguntassem o que faz um rosto não familiar em um café que sempre está vazio. A atendente traz o espresso duplo em um copo plástico tampado, Samuel agradece, ela fica algum tempo observando a rua distraída e então volta para o balcão. O primeiro gole de café no dia costuma fazer os olhos se fecharem de prazer, ele sente a bebida amarga no paladar e então engole, quando abre os olhos parece que a manhã começou de novo, agora mais concreta, com uma tranquilidade nova. Nesse momento, ele sente o celular vibrando no bolso da calça. Pega o aparelho e acha estranho ver o nome do Agregado na tela. Bebe mais um gole do café antes de atender.

Ele pergunta se está tudo bem. Samuel responde que sim. Então, uma risada nervosa ou irônica inicia um curto monólogo sobre como Marcela pediu para que ele passasse aquela noite em outro lugar porque ela precisava conversar com Samuel e o quão difícil foi que um outro lugar surgisse assim do nada. O fim do monólogo é a pergunta se ele já pode voltar. Samuel diz que não sabe, se foi Marcela que pediu para ele passar a noite fora então é melhor perguntar para ela. Justo, o Agregado responde em um tom de voz que indica dúvida, e ninguém fala nada por alguns segundos. Mais um gole de café. Acho que falo com ela mais tarde, então, o Agregado diz, agora preciso testar uma máquina nova que chegou aqui. A mesma risada nervosa ou irônica, e Samuel fala que tudo bem, até mais tarde. Encerra a ligação com um alívio que é atravessado pela ideia de que, naquela noite, o Agregado deve voltar para o apartamento.

Passa o resto do dia entre divagações e tentativas frustradas. Checa os e-mails e pesquisa na internet, em fóruns próprios, agências que estejam anunciando vagas para trabalho. Não encontra nada há quatro meses, a não ser trabalhos esporádicos e simples. Perde duas horas da tarde pesquisando e enviando e-mails para seis agências. Então, ainda sem ter almoçado, desliga o notebook. Permanece com ele sobre o colo, sentado em um dos sofás da sala, olhando a estante inclinada onde Marcela guarda alguns livros que usa nas aulas e outros que vieram da casa dos pais. Tentaram cultivar três vasos de cactos nessa estante, mas o pouco sol que incide no apartamento não permitiu que as plantas sobrevivessem. Ele esfrega o rosto e massageia os olhos com as pontas dos dedos. Decide não comer nada antes de encontrar Marcela no restaurante, coloca o notebook no outro assento do sofá e levanta. Vai até a cozinha passar duas canecas do café que comprou. Enquanto o cheiro do café se intensifica pela cozinha, Samuel

fica estático, encarando a cafeteira. Lembra do filme que assistiu ontem, a cena em que as funcionárias do hostel bebem café e conversam sobre a morte da mexicana. Durante aquela cena, em um instante específico em que as funcionárias param de falar, ele virou levemente a cabeça para o lado de Laura, viu como os óculos dela refletiam a luminosidade da tela e como a boca, entreaberta, mostrava concentração absoluta ou um problema respiratório que ele não percebeu em nenhum outro momento. Quando as falas retornaram, ele voltou a olhar para a tela, e agora, servindo a primeira caneca de café, tem vontade de falar com Laura de novo, sentir o cheiro que sentiu na despedida, buscar outra vez no tom de voz dela a mesma cumplicidade rasa e desconfiada. Volta a sentar no sofá e busca no celular o nome dela. Tenta escrever um texto curto e descontraído, mas desiste, apaga a mensagem e larga o aparelho. Bebe a primeira caneca de café em goles espaçados e se esforça para não pensar em mais nada.

As mãos de Marcela. Magras e maiores do que a média. Servindo da garrafa plástica um copo de água. Essa é a primeira imagem que Samuel tem dela, e essa imagem se repete logo que chega ao restaurante. Os cardápios que receberam permanecem fechados em cima da mesa, e quatro garçons, vestindo o mesmo uniforme preto e branco, com uma espécie de avental que se transforma em paletó e gravata borboleta, circulam entre as mesas, recebem pedidos de outros casais, mais velhos do que eles, e de mulheres que jantam sozinhas enquanto leem o jornal. A música que toca ao fundo, um jazz genérico em volume quase inaudível, contorna o silêncio e destaca o fato de o restaurante não estar muito cheio. Samuel não vê Marcela como via há dois anos, a mulher estranha que frequentava sozinha o mesmo bar que ele e os colegas de trabalho iam depois do expediente na Agência. Ela pedia sempre uma garrafa de água e duas cervejas antes de um copo de whisky com gelo. Bebia lendo um livro, cena que, a partir de Marcela, Samuel reparou não ser tão incomum também em outros bares. Agora, o constrangimento entre ambos não é mais o constrangimento divertido da primeira conversa, das perguntas que podem ser desnecessárias ou invasivas, é o constrangimento pesado de quem não sabe mais como abordar qualquer assunto que não seja o banal sobre o dia. Marcela bebe um gole da água, o olhar desviado de Samuel para as mesas ao lado, e quando larga o copo de volta na mesa, puxando o cabelo para trás da orelha, pergunta:

– Comprou o café?

É como se fosse a pergunta mais importante a ser feita, e Samuel balança a cabeça afirmativamente, responde também tentando desviar do assunto principal.

– Comprei, e até já bebi uma parte, mas não tinha aquele que tu gosta.

Marcela sorri, passa a unha pelo relevo na estampa do cardápio.

– Tudo bem.

Um dos garçons que circula entre as mesas olha para eles pela quarta vez, é o mesmo que deixou os cardápios e provavelmente espera o momento de vir anotar os pedidos.

– Como foram as aulas hoje?

Ela apoia o queixo na mão esquerda, a unha do outro indicador segue contornando a estampa do cardápio.

– Bem. Quer dizer, sempre tem aquela tensão agora que o semestre tá acabando e as turmas se preparam pra fazer as provas, mas nada preocupante. E o teu dia?

– Nada de mais.

Samuel abre o cardápio.

– Encontrou alguma agência?

– Mande e-mail com portfólio pra algumas.

Ele folheia as duas primeiras páginas, com as entradas dispostas em lista, e fica surpreso com os valores. Marcela também abre o dela, mas vira as páginas direto até os pratos principais.

– Acho que vou pedir o filé rossini.

Ela diz analisando rápido a lista, como se já soubesse o que iria querer.

– Também vou pedir esse, então.

A carta de vinhos surge junto com o garçom, que faz sugestões de garrafas que harmonizariam com o prato. Marcela escolhe e faz os pedidos. Quando o garçom se retira, baixando a cabeça calva e pedindo licença, ela bebe mais um gole de água, e, ao baixar o copo, diz olhando na direção da garrafa plástica:

– Se a gente quer que ele vá embora, tu precisa conseguir um trabalho.

É o mesmo que ela disse na tarde anterior. A discussão que tiveram se instaura novamente, a mesma atmosfera, o mesmo baque por ouvir essa frase outra vez.

– Quando tu diz a gente, tu quer dizer eu, né?

Marcela exala um suspiro curto, fecha os olhos por dois segundos e, ao reabrir, encara Samuel.

– Eu não posso simplesmente pedir pra ele ir embora.

– Por que não?

– Porque ele não tem pra onde ir e porque eu não consigo sustentar o apartamento sozinha.

Samuel cruza os braços e se recosta na cadeira.

– Tudo bem.

– Por que tu saiu ontem?

– Porque eu precisava de um tempo sozinho.

Ela ri de forma audível, sacode a cabeça alternando o olhar entre as mesas mais próximas e Samuel.

– Tu precisava de um tempo sozinho quando a gente combinou que ia passar um tempo juntos.

No jazz ao fundo, um trompete se torna mais audível. O cheiro de toalha seca do restaurante é alternado com um cheiro de madeira sempre que um dos garçons abre a adega. A expressão de Marcela, com as sobrancelhas levemente arqueadas e a boca entreaberta, é a mesma que ela costuma fazer quando é contrariada, e essa expressão tem se tornado cada vez mais recorrente nos diálogos entre eles, desde que o Agregado passou a morar no apartamento.

– Diz pra ele sair, eu vou conseguir um trabalho.

Ela ri de novo.

– Quantas vezes tu já falou isso? Desculpa, Samuel, mas eu não posso pedir que ele vá embora assim.

Samuel cruza as pernas e passa a mão direita pelos cabelos, percebe, na mesa ao lado, um casal absorto em deslizar os dedos nas telas dos seus respectivos celulares, um casal de mais ou menos trinta anos, e o rosto da mulher, detalhe que ele acha significativo, tem a mesma beleza padrão disponível no restaurante, mas uma beleza pesada, exausta, de quem cumpre uma função há anos. Enquanto olha para esse casal, Samuel fala sorrindo:

– Tu não conhece o teu amigo.

Ele apenas percebe a movimentação de Marcela ao ouvir essa frase. Ainda não olha. O homem, que tem a testa enrugada enquanto lê algo no celular, parece um daqueles publicitários que herdou a agência do pai, que tudo na vida foi tão fácil ao ponto de não achar que precisa um mínimo esforço com a mulher no outro lado da mesa. Ele é tão genérico quanto o jazz que está tocando e parece orgulhoso assim.

– O que tu quer dizer?

Escuta a voz de Marcela, e um cansaço dessa conversa, somado ao cansaço da conversa na tarde anterior, o obriga a pensar em uma forma de encerrar o assunto, de mudar o foco, e apenas com esse propósito ele diz:

– Desculpa. Desculpa ter saído ontem.

Marcela reclina as costas na cadeira, sua expressão muda em um misto de afeto e desconfiança, bebe outro gole de água encarando Samuel como se quisesse entender o que ele não diz. A mulher ao lado ri sozinha enquanto digita.

– Não sei se eu te digo que tudo bem e a gente esquece isso ou se continuo te perguntando o que tu quis dizer.

– Tu pode me dizer que tudo bem e contar algo sobre ti que eu ainda não saiba.

Agora Marcela sorri de verdade. Ela coloca a mão direita na bochecha, fingindo estar incrédula com a recuperação da história deles, a frase que Samuel costumava dizer nos primeiros encontros quando o assunto estava quase acabando e ele, de alguma forma sensível a isso, retomava a atmosfera que era meio um jogo e meio um processo natural de aproximação da subjetividade um do outro.

– Tá bom, eu vou te contar uma coisa que tu ainda não sabe.

Samuel estranha essa disponibilidade. Não previu que, de fato, Marcela teria algo para contar. A conversa, no entanto, é interrompida pelo garçom, que traz a garrafa de vinho e dispõe as taças em cima da mesa. Com um gesto afetado de quem precisa demonstrar toda a perícia que adquiriu no trabalho, ele mostra a garrafa para Samuel, que imediatamente aponta para Marcela e diz que foi ela quem escolheu o vinho. O garçom se desculpa, faz o mesmo gesto artificial com as mãos e reposiciona o rótulo da garrafa na frente de Marcela. Ela diz que está tudo certo. Então, sacando o abridor, o garçom abre a garrafa e serve meio dedo de vinho nas duas taças, deixa a garrafa centralizada na mesa e, baixando a cabeça, pede licença.

– Achei que ele ia esperar uma degustação da nossa parte.

Samuel comenta, erguendo o copo e brindando com Marcela.

– O que eu queria dizer é que tô cansada de dar aulas de inglês. Disso, tu já sabe um pouco. Mas ontem surgiu a possibilidade de tentar uma vaga no Instituto, pra dar aulas de alemão.

Ela aguarda que Samuel reaja, mas ele permanece quieto. Então, Marcela continua:

– Se eu conseguisse a vaga no Instituto, ganharia mais do que ganho agora, e se tu conseguisse logo um trabalho, poderíamos alugar um apartamento melhor, em vez de pedir que ele saia.

De novo, o mesmo silêncio para que ele tenha qualquer reação. Marcela bebe mais um gole do vinho e puxa a cadeira para frente, enquanto Samuel tenta, dentro das possibilidades de resposta, formular uma frase que soe tão empolgada quanto ela está nesse momento, mas o que o deixa impactado não é a necessidade de encontrar essa resposta, e, sim, o desânimo, uma quase aversão ao plano que Marcela acaba de propor e que pareceria ideal em outras circunstâncias.

– Tu acha que é melhor a gente sair do que pedir pra ele sair?

Falhou em emular a mesma empolgação de Marcela, que, aos poucos, altera a forma como olhava para Samuel.

– Não. Não é isso o que eu quis dizer.

Pela fresta na porta do apartamento, antes mesmo de a abrir, Samuel percebe que a luz está acesa. Então gira a chave na fechadura e deixa que Marcela entre primeiro, ela apenas vira a cabeça na direção da cozinha e diz um oi antes de dobrar no outro corredor e seguir para o quarto. Samuel também entra e fecha a porta, dá três passos e, parando na entrada da cozinha, vê o Agregado em pé, encostado na pia, segurando uma caixa aberta de leite e três fatias empilhadas e já mordidas de pão sem qualquer recheio. Mastigando, ele sorri toscamente para Samuel, e, ignorando cumprimentos ou contextualizações, diz que estava em um encontro até há pouco. Samuel não consegue dar uma resposta de imediato, balança a cabeça algumas vezes incomodado com a luz diagonal que vem da sala e escuta a si mesmo perguntando se o encontro foi bom. O Agregado responde claro que foi, antes de dar outra mordida nas três fatias empilhadas de pão, parecendo contente consigo mesmo e mastigando devagar, olhando para Samuel como se cuidasse suas reações ou refletisse sobre o que dizer a seguir, agora que sabe com certeza, porque só um idiota não teria certeza a essa altura, e um idiota ao menos desconfiaria seriamente, que Samuel não gosta da sua presença ali, um pensamento que, talvez, ainda não tivesse ocorrido.

Pressionando constrangido um lábio contra o outro e meneando a cabeça, Samuel não comenta mais nada e deixa o Agregado sozinho. No quarto, Marcela já está usando um moletom longo, corre com as coxas descobertas para organizar dentro do guarda-roupa as roupas que tirou. Samuel se aproxima dela e pergunta o que Marcela disse para o Agregado, porque a interação entre eles foi estranha. Ela segue no mesmo ritmo e apenas diz que hoje, quando o

Agregado telefonou para ela, perguntou se por acaso Samuel tinha algum problema com o fato de eles dividirem o apartamento. Marcela respondeu que sim.

Ela fecha as portas do guarda-roupa e vai até a cama. Puxa lençol, cobertor e edredom, se cobre batendo o queixo e com a respiração entrecortada pelo frio. Fica assim, respirando mal, esperando que o corpo es quente, encarando Samuel, que permanece parado no mesmo lugar, sem acreditar que Marcela, de forma deliberada, criou um conflito entre ele e o Agregado.

O que foi, ela pergunta, mas Samuel não responde e escuta a porta do outro quarto sendo fechada. Então ele também tira a roupa. Da mesma forma que fez ontem, empilha as peças na poltrona ao lado da cama, sem dobrar, e vestindo só a cueca puxa lençol, cobertor e edredom e se cobre, sentindo o corpo gelado. Marcela não se aproxima dele, permanece encarando o mesmo ponto e, poucos segundos depois, Samuel vira para o outro lado e pede que ela desligue o abajur. Quando o quarto fica escuro, ele repara que precisará levantar para fechar a porta e que, estranhamente, o apartamento está em silêncio.

Uma gargalhada, interrompendo a conversa entre três pessoas, uma gargalhada que ressoa pelos fundos do prédio e que, de repente, porque uma hora e meia antes não acordou com nenhum barulho feito por Marcela, acorda Samuel, ele gira na cama, os sentidos ainda um pouco dormentes, tentando ouvir o que as vozes falam, esfrega os olhos, boceja, vê que são dez horas e, de novo, a perspectiva de um dia vazio faz com que permaneça na cama por mais dez minutos, sem vontade para qualquer coisa que não seja olhar a mancha escura de umidade no teto.

Quando levanta, e depois que passa o café, senta no sofá e pega o celular. Recosta a coluna no encosto, cruza as pernas. Bebe três goles seguidos de café e então, movimentando os dedos sobre a tela, digita uma mensagem para Laura, escreve que pensou em algumas coisas sobre o filme e que gostaria de conversar com ela, pergunta se podem beber uma cerveja hoje. Ela responde cinco minutos depois aceitando o convite, indica o local e avisa que chegará às vinte horas. Samuel larga o celular e bebe mais dois goles de café. Decide ligar o notebook e realmente fazer uma pesquisa sobre o filme. Enquanto o sistema carrega, bebe mais um gole de café olhando a estante inclinada com os livros de Marcela.

Samuel digita o título do filme e aperta *enter*. Uma lista com vários sites, desde blogs até jornais com grande circulação mundial, surge na tela. Logo ele percebe que quase todos se

referem a um assunto semelhante e que as datas das notícias mais recentes coincidem entre o dia anterior e hoje. A princípio, existe um consenso, partindo de uma declaração duvidosa do próprio diretor, de que o filme na verdade é a narrativa exata sobre um período da vida dele, “narrativa autobiográfica” é a expressão utilizada na maioria dos links que Samuel encontra apenas na primeira página da pesquisa. Ele abre quatro sites em abas separadas, também abre algumas imagens do diretor, imagens que variam entre fotografias oficiais de premiações ou ele caminhando na rua de óculos escuros e cabeça baixa. Nenhum dos sites que encontra com matérias sobre o filme é brasileiro. A maioria são blogs pessoais ou páginas de jornais alemães, mas a notícia já foi divulgada por jornais ingleses e norte-americanos também. Samuel abre cada uma das abas e lê os textos, descobre que a questão, na verdade, está no desaparecimento da namorada durante o filme. No que parece ser uma clara tentativa de mídia, que estranhamente funcionou, o diretor, antes conhecido por uma sequência de filmes no circuito independente, afirma que três anos atrás esteve hospedado junto com a namorada da época em um hostel na Alemanha. Essa mulher, que ainda não teve a identidade divulgada, teria desaparecido alguns dias depois, sem que o próprio diretor soubesse a razão.

No texto de um desses sites está um link para o vídeo em que o diretor afirma ser um filme autobiográfico. Samuel clica no link.

O tempo de duração do vídeo é dois minutos e onze segundos. Uma câmera estática filma o diretor atrás de uma mesa, junto com ele está o ator que interpreta o protagonista e a atriz que interpreta a funcionária mais velha do hostel. Os três projetam expressões de tédio e cansaço, enquanto um repórter, fora do enquadramento, pergunta sobre a inspiração para o roteiro. O diretor, que deve ter no máximo quarenta anos, esfrega as mãos na frente do rosto, os atores parecem apenas figurantes empalhados na cena, quase não se movimentam e passam a impressão de estarem encarando algo muito além do repórter. Três segundos depois que a pergunta acaba, um sorriso de condescendência surge na expressão do diretor, ele ainda deixa que o silêncio se propague mais, desviando os olhos para os lados, como se perguntasse aos demais presentes se conseguiram escutar a questão do pobre coitado que não imagina ter proposto a maior brecha na carreira do diretor. Ele sabe usar questões genéricas e comuns em benefício próprio, é o que diz com o olhar para a provável plateia de repórteres. Minha vida. Essas palavras, ao serem ditas, ficam quase desenhadas ao redor da mesa, pairam sobre a plateia. O mesmo repórter pede que o diretor explique melhor, e ele, alternando o sorriso de condescendência para um esgar irônico, responde que não tem o que explicar, a inspiração do filme é a vida dele, é uma narrativa autobiográfica, aquilo aconteceu exatamente como está

mostrado. Uma mistura de vozes falando ao mesmo tempo ressoa na plateia. Parecendo terem acordado somente nesse momento, os atores olham ao redor, olham para o diretor, admiram a cena com a perplexidade sutil de quem não estava prestando atenção. O diretor permanece encarando a plateia, até que uma nova pergunta começa a ser feita e o vídeo termina.

Samuel abre a matéria de um dos principais jornais ingleses, não consegue acreditar que aquela afirmação, feita de forma tão negligente, pudesse gerar toda a atenção que o diretor, e o filme, está recebendo. Na matéria, ele dá outros detalhes sobre a produção. Diz que passou um mês deprimido com o que aconteceu, que, após esse período, escreveu o roteiro em duas semanas, já com uma clara ideia de como construir a estética e sobrepor os silêncios aos diálogos. Sabia que tinha uma narrativa, não uma história, não queria usar esse conceito tão banal e pejorativo, a expressão “contar uma história” não se encaixava em seu filme. Ele tinha uma narrativa construída esteticamente a partir do que viveu. O resto da matéria traça um perfil dos filmes anteriores dele, de como evoluíram, nunca fracós ou irrelevantes mas apenas bons, até o ponto em que esse diretor não será mais ignorado.

Vê na tela do celular que já são dezenove e quarenta e sete. Três mulheres apoiadas no balcão do bar estão bebendo o segundo copo de chope, mas não conversam muito. Além da mesa de Samuel, outras duas estão ocupadas. Uma por um homem já beirando os sessenta anos, que bebe o mesmo copo de chope desde que chegou e passa o indicador pela tela do celular com a testa enrugada, e a outra mesa é ocupada por um casal que claramente está no primeiro encontro, porque ele, vestindo uma camisa abotoada quase até o pescoço, fala de si e faz perguntas sem transição, sem que a conversa possa correr o risco de entrar em um silêncio que a princípio poderia ser constrangedor. Ela escuta, os cotovelos estão apoiados na mesa, não demonstra qualquer resistência ou desagrado em relação a ele.

Esse é um bar que Samuel gosta e que já tinha vindo outras vezes. A iluminação amarelada e penumbrosa, as mesas de madeira e o chão de tábuas que rangem quando alguém se movimenta na frente do balcão, Samuel está ocupando uma mesa ao fundo, sentado na cadeira de frente para a porta, porque gosta de ter uma visão total do ambiente e também porque prefere ver de imediato a chegada de Laura. Já negou para o garçom japonês, de barba fina e cabelo comprido amarrado em um coque tipo samurai, a possibilidade de pedir um chope agora, disse que está esperando outra pessoa e sentiu uma espécie de constrangimento.

São dezenove e cinquenta e sete no momento em que Laura abre a porta do bar. Veste o mesmo blazer da outra noite e uma calça preta rasgada nos joelhos. Logo enxerga Samuel e baixa o rosto com um meio sorriso, se aproxima dele, Samuel levanta e dá um abraço rápido em Laura, usando apenas o braço direito para envolver, tocar e soltar seus ombros. Pergunta se está tudo bem. Ela responde acenando de forma positiva, puxa a cadeira e senta. Só então Samuel percebe que Laura colocou um piercing no septo. Por trás dos óculos os olhos dela parecem reparar em qualquer movimento dele, como se precisasse redescobrir nos primeiros segundos quem é a pessoa no outro lado da mesa, e ela nota que Samuel repara no piercing.

– Coloquei ontem.

Ela diz, a mesma voz rouca que esmaece no fim da frase.

– Combina com o teu rosto.

O comentário surge de forma mais natural do que era esperada por ele, e Laura agradece desviando o olhar.

– Tu faz questão de beber aqui?

Ela pergunta, vendo o garçom japonês atender a mesa do outro casal.

– Como assim?

– Tem uma festa aqui perto, de uma amiga minha, que começou pelas dezessete horas.

O que tu acha de ir lá agora?

Samuel encara ela tentando não evidenciar que prefere permanecer no bar.

– Tudo bem. A gente pode ir.

O sorriso de Laura agora mostra os dentes. Eles levantam ao mesmo tempo e, antes de sair, Samuel acena para o garçom japonês, que faz o sinal de oquei com a mão direita.

Caminham em silêncio pela mesma rua do bar. Laura parece desconfortável, talvez tímida com a presença dele, e às vezes pega o celular no bolso do blazer para responder a alguma mensagem. Indica as ruas em que devem dobrar e no máximo dez minutos depois chegam à portaria de um prédio. Ela diz o nome da amiga para o porteiro, que, sem usar o interfone para confirmação, avisa que podem subir até o décimo andar, apartamento mil e sete.

O elevador é uma capsula silenciosa que só produz ruídos do próprio mecanismo. Laura fica ao lado do painel com botões, se olha no espelho por um instante e mantém a cabeça inclinada para baixo como se tentasse evitar o contato visual com Samuel, como se esse contato explicitasse de fato o constrangimento e a estranheza na interação. Ele não força o diálogo, encosta a coluna na parede metálica do elevador e apenas espera chegarem ao décimo andar, não dizer nada às vezes é a melhor forma de interagir, porque dá espaço para a outra pessoa,

permite que o tempo necessário para o prosseguimento ou não de um diálogo seja estendido ao máximo, de uma forma que poderia até ser inconsciente Samuel costuma usar essa espécie de técnica, mantendo o silêncio até que a outra pessoa queira falar. Mas Laura não fala. Ao menos ainda não, ele pensa. As portas do elevador se abrem para um corredor extenso, que é iluminado automaticamente pelo deslocamento de ambos, seguem até o apartamento da amiga de Laura que fica no fim desse corredor. Um ruído constante ressoa pelo andar e, conforme se aproximam, Samuel percebe que esse ruído vem do apartamento. É a música que toca na festa. Param na frente da porta, o último bojo de iluminação do corredor se acende. Laura aperta o botão da campainha, que deve ter o som misturado à música onipresente no apartamento. Demora alguns segundos e ela está erguendo outra vez a mão, mas a porta se abre sem que vejam quem abriu, e a porta se abre para uma sala cheia de pessoas dançando, a música, como uma lufada, atinge Samuel, e é um tipo de rap melancólico, com arranjo que mistura orquestra e uma batida lenta que talvez seja difícil para dançar. Quando percebe, Laura já está dentro do apartamento, olhando para ele com um sorriso e a mão estendida. Samuel segura a mão dela e também entra, fecha a porta sentindo que a massa sonora o envolve, de mãos dadas seguem entre as pessoas, suadas, grudentas, vestindo roupas de verão e se movimentando sorridentes ou sérias ou de olhos fechados, em uma dimensão própria que não dividem com mais ninguém. Atravessam a sala e chegam em um corredor também lotado, mas as pessoas, aqui, apenas conversam aos gritos, paradas, e Samuel começa a sentir o calor da atmosfera, começa a suar por baixo do blusão e do casaco, e Laura segue puxando ele, cruzam o corredor entre as pessoas e, sem parar, ela abre a porta de um dos quartos. Ali dentro estão duas mulheres e um homem. O homem, de cabeça raspada e barba quase até o peito, está encostado na parede ao lado da janela e, em silêncio, olha a vista da cidade enquanto segura um copo de cerveja, uma das mulheres, ainda com a bolsa no ombro como se tivesse acabado de chegar, digita no celular parada de pé entre a cama e a porta, e a outra mulher, sentada na cama com os joelhos dobrados, solta uma gargalhada repentina quando vê Laura entrar no quarto. Levanta correndo, envolve Laura em um abraço e fala muito rápido, mas Samuel não consegue ouvir o que ela diz, nenhuma das outras pessoas no quarto altera o que está fazendo ou dá indícios de perceber uma nova atividade ali dentro. Quando a mulher solta Laura, ela apresenta Samuel, gritando diz que aquela é a dona do apartamento e da festa. Ele sorri falsamente, tentando mostrar que está à vontade, mas não tem tempo de falar porque a outra mulher para de digitar, guarda o celular na bolsa e sai do quarto sem dizer nada. A dona do apartamento fica olhando essa movimentação, desatenta ao cumprimento de Samuel, e depois que a outra sai ela volta para a cama, senta na

mesma posição e também fica olhando para a janela. Laura aproxima a boca da orelha de Samuel, talvez mais do que deveria porque a primeira sensação que tem é do contato da saliva dela em sua pele, e diz que aquela é ou era a namorada da mulher que agora leva a mão até a boca e rói a unha do indicador direito, e aquele, Laura aponta para o homem na janela, é o responsável por colocar o piercing dela. Parte do que Laura diz Samuel só entende depois que ela afasta a boca. Se olham. Laura está tão próxima que ele sente de novo o mesmo cheiro da outra noite, e também sente um calafrio na coluna, um ímpeto, que só é interrompido porque Laura se distancia sem perceber nada e senta na cama ao lado da amiga. Observa elas interagirem por alguns segundos. Então se aproxima da janela e do homem, que, a princípio, não parece ter reparado na aproximação, bebe goles eventuais da cerveja e talvez encare um ponto fixo na paisagem panorâmica da cidade, mas no instante em que começa a tocar outra música, um rap mais agressivo que o anterior, o rosto dele se altera e a atenção retorna para o quarto, olha Samuel com a feição benevolente de quem já bebeu algumas cervejas e estende a mão propondo um cumprimento. Samuel aperta a mão dele, que, fingindo perplexidade, pergunta como assim não deram uma cerveja para o convidado. Vamos resolver isso. Vem comigo. E sai andando trôpego, mas com a elegância que deve ser natural na sobriedade. Samuel olha para Laura, que ergue os ombros e indica positivamente a cabeça na direção do homem. Então ele o segue. Saem do quarto de novo para o corredor lotado, Samuel se esquivava dos copos com bebidas e das pessoas que se movimentam de forma aleatória como se tentassem dançar enquanto conversam umas com as outras. Chegam na sala. O homem é mais alto e mais gordo do que Samuel, abre caminho com facilidade. Uma das linhas que Samuel consegue ouvir melhor no rap norte-americano fala sobre uma piscina cheia de mortos, sobre uma festa organizada pelo governo para condecorar policiais que matam nas periferias das cidades. O homem abraça uma mulher loira que está dançando com purpurina dourada e prateada nas bochechas, ele aponta para Samuel e a mulher o abraça também, provavelmente deixando uma camada considerável de purpurina no rosto dele. Quando termina o abraço, vê que o homem já está alguns metros na frente e consegue divisar um balcão onde pessoas seguram copos cheios de cerveja. Prossegue, tenta não esbarrar em ninguém, e no instante em que alcança o balcão improvisado como bar, perde o homem de vista. Ele não está ali, e Samuel pergunta para o adolescente com um moicano vermelho que de certa forma atende no bar quanto é a cerveja. De graça, ele grita, não paga nada, e imediatamente pega um copo de plástico e esvazia uma garrafa ali dentro. Entrega o copo para Samuel dizendo que talvez a cerveja seja infinita ali, porque não está nem perto de acabar. Ele agradece e bebe o primeiro gole. Suando por baixo

do casaco e do blusão, se encosta na parede próxima ao balcão improvisado e fica olhando a massa às vezes disforme e às vezes uniforme de pessoas dançando ou esbarrando umas nas outras ou apenas paradas em um canto como ele bebendo cerveja. Procura o homem que desapareceu, mas não o enxerga em nenhum lugar, bebe outro gole da cerveja, que está na temperatura ideal. Pela primeira vez repara na mulher que está um pouco elevada atrás de uma mesa com notebook e outros aparelhos, ela alterna olhares entre a tela do notebook e as pessoas dançando, às vezes abana para alguém e bebe goles rápidos na cerveja ao seu lado.

Durante a terceira música, um rap mais ritmado e mais suave do que o anterior, Samuel enxerga Laura saindo da massa de pessoas, o piercing e os óculos reluzem quando ela o vê, caminha na direção dele e, antes que Samuel possa oferecer a cerveja, Laura apoia as mãos nos ombros dele e beija a sua bochecha esquerda, permanece com o rosto próximo, a boca entreaberta, como se aguardasse a reação, e quase não sentindo o movimento, percebendo apenas quando já acontece, Samuel beija Laura, um beijo que dura todo o resto da música que está tocando e a próxima inteira. Quando afastam os rostos, ficam se olhando por alguns segundos, até que Samuel ergue o copo para Laura e ela ri e bebe cinco goles seguidos.

– Tu tá suando e cheio de glitter na cara.

Ela diz, passando a mão pelo rosto de Samuel na tentativa de limpar o glitter.

– Teu amigo me apresentou pra uma menina que tinha glitter no rosto e depois sumiu.

– Ele voltou pro quarto, disse que esqueceu o que ia fazer e voltou.

Samuel ri balançando a cabeça, pega o copo de volta. Tenta beber os mesmos cinco goles de Laura, mas só consegue três seguidos.

– Tu sabe o que tinha acontecido no quarto?

Ele pergunta, mesmo não querendo saber.

– Acho que elas brigaram, mas não tenho tanta intimidade pra perguntar.

Samuel bebe mais três goles da cerveja e devolve o copo para Laura. Os dentes dela, na penumbra da festa, ficam azulados, e enquanto segura o copo ela tira de dentro da bolsa o isqueiro e a carteira de cigarros. Tira com a boca um cigarro da carteira, o acende e devolve tudo para a bolsa. Fecha os olhos na primeira tragada, tendo cuidado de expelir a fumaça para longe de Samuel, e bebe um gole da cerveja antes de entregar o copo de volta para ele.

Após duas músicas, a mulher que estava tocando dá espaço para um careca de sobrancelhas grossas, agora é ele que assume o ritmo da festa, que é completamente alterado, a sequência de rap que estava tocando é substituída por um tipo de música mais atmosférica, sem letra, com batidas esparsas. De início, Samuel pensa que ninguém mais vai dançar, mas se

surpreende ao ver as pessoas satisfeitas com essa troca, acenando para o careca e se encaixando no novo ritmo.

– Só vai tocar músicas que ele mesmo compôs.

Laura diz no ouvido de Samuel. Termina o cigarro e coloca a bituca apagada no lixo do bar.

A atmosfera se torna mais contemplativa. Qualquer movimento na dança das pessoas parece lentamente estudado, braços são erguidos e permanecem no ar até que a próxima camada de sintetizador mude a fluência do ritmo, e então braços se juntam a pernas ou são apoiados na cabeça e no pescoço. Não há nenhum par à vista, todos dançam sozinhos e com todas as pessoas. Corpos atléticos e nem tão atléticos e flácidos reunidos em uma comunhão organizada pelo careca, e ele está tão concentrado em tocar as músicas que não percebe quem dança, não desgruda os olhos do notebook e dos aparelhos, cada movimento dele gerando uma nova textura, uma nova camada sonora para o ambiente. Laura também observa as pessoas dançando, está tão séria como esteve durante todo o percurso até ali. Samuel poderia pensar sobre o fato de terem se beijado, poderia tentar compreender se teve algum sentimento ou se o beijo foi mais um exercício, uma atividade que duas pessoas podem fazer juntas às vezes porque têm boca e vontade, ele poderia se perguntar o que Laura sentiu, sobre o que ela está pensando agora ou o que pensou antes de chegarem aqui, se havia previsto que se beijariam ou se foi uma ação guiada pela festa, proporcionada pela atmosfera de cumplicidade e desejo, poderia também imaginar como isso irá afetar o diálogo entre eles fora dessa atmosfera, em um espaço-tempo exterior a esse, se é que de fato irá afetar e se é que de fato existirá qualquer diálogo depois disso, ele poderia desenvolver esses pensamentos, e uma brecha deles inclusive penetra pelo cérebro tentando ganhar espaço, mas ele bebe outro gole longo da cerveja e sobe a mão esquerda até a nuca de Laura, tocando apenas com as pontas dos dedos inseridos entre os cabelos, e dá um passo enquanto fala no ouvido dela. Vem dançar. Laura resiste por um instante com a postura tensa, mas cede ao impulso de Samuel e sutilmente ambos se deslocam e entram na massa de pessoas, o calor é ainda maior aqui, e apesar do suor, apesar de um desconforto inicial, ambos se fundem mesmo separados, dançam sem qualquer tipo de toque, mas se olham, escutam as mesmas camadas sonoras e se movimentam juntos, não com os mesmos movimentos, mas na mesma sintonia. Samuel bebe goles da cerveja enquanto dança, enquanto tenta observar as pessoas ao redor. A primeira música que o careca toca se torna cada vez mais longa até ser a única música, sempre sobreposta por novas camadas e novas texturas. Laura está de olhos fechados, movimentando as mãos em uma inércia narcisista, sem parecer lembrar de

qualquer pessoa ali. Movimenta as mãos enquanto um homem, também fazendo movimentos aleatórios e pessoais, se aproxima dela, um homem de fisionomia séria, com os cabelos molhados de suor e vestindo uma regata branca, ele se aproxima de Laura com lentidão, segura as mãos dela como um convite, e Laura abre os olhos, arregala os olhos no primeiro momento, mas depois relaxa, se deixa conduzir, e quando o homem percebe que ela aceita, que são o único par dançando, ele encara Samuel por cerca de dez segundos, e Samuel encara de volta, sem entender, mas imaginando o que está acontecendo ali. Laura encosta as mãos no peito dele, permanece de olhos abertos e em nenhum momento procura Samuel, está imersa não mais em si mesma, mas na condução dele.

Samuel termina a cerveja e sai do meio das pessoas. Pede para que o adolescente de moicano vermelho encha o copo de cerveja, e, quando devolve o copo para Samuel, pergunta o que ele está achando da sequência de músicas agora. Um pouco atmosférica demais, ele responde, e o adolescente de moicano vermelho ri, diz que não dá para perceber a mudança de uma música para outra se ele não é familiarizado com o trabalho do careca.

Encostado no balcão, Samuel bebe a cerveja em menos de dez minutos. Pede mais um copo para o adolescente de moicano vermelho e, enquanto bebe o quarto gole, enxerga o homem que estava dançando com Laura sair da sala em direção ao corredor. Permanece onde está, pensando que talvez seja melhor terminar essa cerveja e ir embora sem avisar, mas não demora para que Laura surja e vá na direção dele, os óculos caindo sobre o nariz, uma expressão de tédio e espanto que Samuel não consegue entender e não se esforça para entender no instante em que Laura encosta os cotovelos no balcão e provavelmente espera que ele seja o primeiro a falar. Samuel não diz nada, continua bebendo e planejando ir embora. Então ela encosta em Samuel, coloca a mão sobre o casaco e aperta o braço direito dele, se inclina quase até o ouvido, diz que tem umas garrafas de vinho chileno em casa e pergunta o que ele acha de ir até lá. Samuel bebe mais um gole da cerveja para ganhar tempo, duvida da própria vontade, mas ela se aproxima, mantém o rosto próximo do dele, duas gotas de suor escorrem na testa molhada, o piercing torto para o lado esquerdo, Samuel olha de novo as pessoas dançando, as cores das roupas em movimento, as fisionomias compenetradas em uma atmosfera contínua, sempre sobreposta pelo álcool e pelas texturas emanando das caixas de som. Laura pressiona o braço dele com mais força, e Samuel bebe outro gole de cerveja, duvida da própria vontade e agora também da vontade dela, volta a olhar para Laura, desconfia da expectativa, dos olhos grandes e fixos com que ela tenta convencer de que precisam ir. Mesmo sabendo que não deveria, sente a vontade ceder. Beija Laura e diz vamos.

Luzes de natal, amarelas e brancas, sobre o sofá da sala, piscam fora de época e alternam o ambiente entre escuro e mal iluminado. Laura termina de encher a taça de vinho dela e senta no sofá, brinda com Samuel, ele bebe um gole do vinho e o sabor adocicado contrasta com os resquícios de amargor da cerveja.

– Tu mora sozinha aqui?

Ele pergunta já sabendo a resposta.

– Moro, há mais ou menos um ano moro sozinha aqui.

Pendurada na parede acima do sofá, uma moldura enquadra a foto que mostra homens em roupas antigas durante a construção de um navio, é uma foto grande, proporcional ao tamanho do sofá e ao tamanho da sala. Quando chegaram, Samuel ficou algum tempo olhando para ela, imaginando se algum daqueles homens teria sido um parente distante de Laura. Então, agora, apontando para o quadro, mas olhando para ela, pergunta:

– Esse barco ou esses homens na foto têm alguma relação contigo?

Laura sorri e ergue a cabeça para olhar o quadro, os lábios dela pressionam um ao outro antes de responder.

– Não, essa foto era de outra pessoa e resolvi deixar aí porque gosto dela.

Mais uma vez, Laura se torna lacunar tanto no que diz quanto na postura, porque segue olhando para a foto por alguns segundos, esquecida de Samuel. Ele bebe mais um gole do vinho, sentindo ainda a cerveja no paladar, detesta vinho, detesta esse gosto esquisito de suco meio ácido e meio doce ao mesmo tempo.

– Gostei desse vinho.

Laura volta a olhar para ele.

– É chileno. Sempre são bons. Uma amiga trouxe várias garrafas pra mim.

Ela baixa a cabeça e fica encarando a taça. Samuel pensa em mais perguntas para fazer, não gosta do silêncio que Laura parece forçar. A sala escurece por dois segundos, então volta a ficar mal iluminada, essa alternância se repete oito vezes até que ela diz:

– Não gostei de ter ido lá.

O tom de voz é baixo, um sussurro.

– Na festa?

Balança a cabeça afirmando.

– Por que tu não gostou de ir?

Ela solta um suspiro que dura duas alternâncias da iluminação.

– Vi gente que não queria ter visto.

Samuel tenta, mas não consegue evitar o ímpeto de esticar o braço e tocar no ombro de Laura, pressionando levemente os dedos. Ela não retrai o corpo, mas segue olhando a taça de vinho.

– Eu acho que preferia ter ficado no bar. Ter bebido umas cervejas e conversado contigo.

Ela fala no mesmo tom monocórdio.

– Eu também preferia isso.

Escuro. Claro. Laura ergue o rosto e olha para Samuel. Tira os óculos, os deixa no braço do sofá, faz isso mas permanece olhando ele, que agora está surpreso pela diferença da fisionomia de Laura sem os óculos, um rosto que praticamente não tem manchas, marcado apenas pelo piercing. Ela bebe de uma só vez todo o vinho na taça e diz:

– Tu tem às vezes a sensação de que não deveria estar em algum ambiente?

– Como assim?

– A sensação de que a tua presença é errada. Tu quer estar com outras pessoas, mas não aquelas pessoas, e parece que a possibilidade de ficar sozinha não existe ou não deveria existir. Tu sente isso?

– No sentido de que a tua presença precisa ser validada por outra presença?

Ela passa de leve a mão direita pela boca.

– Talvez.

– Às vezes eu sinto isso, sim.

– E o que tu faz?

– Acho que eu só sigo o que as outras pessoas me oferecem.

– Como se não existisse nenhuma possibilidade?

Ele bebe outro gole do vinho.

– Talvez não exista de qualquer forma. É mais ou menos como no filme que a gente viu, quando o protagonista conhece aquela mulher no bar.

O olhar de Laura parece demonstrar um leve desconforto, ela passa a impressão de que irá falar, mas para, fica olhando Samuel por mais uma alternância nas luzes.

– Não entendi a relação que tu fez.

– Tu não acha que é uma situação parecida com a que tu descreveu? Um estrangeiro que acaba encontrando companhia depois de vários dias vagando em uma solidão que não deveria existir.

– Mas ele não chegou sozinho. De alguma forma ele optou pela solidão.

Samuel bebe outro gole do vinho, olha na direção do quarto de Laura, visível apenas em diagonal, uma escuridão completa ali dentro. Enquanto isso, sente ela levantar do sofá e a enxerga caminhando até a garrafa que ficou em cima da mesa na cozinha, enche a sua taça e traz a garrafa para encher também a de Samuel, depois volta para a cozinha e deixa a garrafa no mesmo lugar. Senta de novo, dessa vez com as pernas cruzadas em cima do sofá.

– Eu vi que a história desse filme realmente aconteceu com o diretor, tu sabia?

– Li sobre isso também, e achei a coisa mais ridícula e egocêntrica.

Laura solta uma risada nasal ao responder, mexe em círculos a taça de vinho.

– Mas tu acha que isso é verdade?

– Eu não sei se a questão é essa porque qualquer discussão sobre o filme agora só vai se resumir a isso, e as pessoas esquecem facilmente as atitudes do personagem. Quer dizer, por que interessa tanto se aconteceu ou não quando ele é um protagonista verossímil e é nisso que tá o problema?

A sala fica escura e depois mal iluminada de novo. Através da janela, no outro lado da rua, Samuel consegue ver a rachadura de um prédio quase até o topo. É melhor terminar essa taça de vinho e ir embora, sabe disso, mas de alguma forma preferiria dissipar a sensação estranha que essa noite está reproduzindo, uma sensação de perda irreparável, como se ele quisesse recuperar algo há muito tempo decomposto.

– Acho que pode ao menos facilitar a empatia sobre a narrativa.

Ele diz e logo em seguida se arrepende. Laura solta uma risada sonora.

– Eu realmente espero que não, mas é sintomático que todo mundo sinta essa curiosidade absurda sobre a vida do diretor e que agora o filme seja reconhecido por isso. A mulher que desaparece não interessa mais. A mexicana definhando sozinha em um hostel também não. O que interessa é que o diretor inovou na indústria cinematográfica porque quis reproduzir uma realidade que já não precisa de filme nenhum pra ser tratada como banal e insignificante. Precisamos louvar a genialidade dele.

– Então tu não acha que isso tem relevância estética, que o diretor afirmar a tentativa de reproduzir a realidade faça com que o filme tenha outra camada possível de interpretação?

Laura bebe dois goles seguidos do vinho. É a primeira vez nessa noite que parece de fato interessada nele.

– Olha, eu adoraria entender as coisas desse jeito, apreciar esteticamente uma obra e fruir a arte, deixar minha alma ser inundada ou qualquer coisa nesse sentido, mas acho que seria ingenuidade, especialmente pra mim, pensar a arte pela arte, não considerar aspectos políticos e éticos. Adoraria poder falar, por exemplo, que achei a atuação ótima e que os enquadramentos são maravilhosos. Realmente achei tudo isso, só que não posso ignorar o que esse filme mostra, a narrativa que agora, pior ainda, o diretor afirma ser uma reprodução da realidade, e o quão defeituosa e problemática e comprometedora essa afirmação é.

Samuel começa a perceber seus movimentos como se o corpo estivesse recoberto por veludo. Parece que leva mais tempo para focar os olhos quando mexe a cabeça e, por costume do paladar, o vinho fica melhor, quase sem o mesmo gosto de antes. Observa Laura depois que ela termina o que estava dizendo e gostaria de deitar no colo dela, deixar o pescoço esticado sobre suas pernas, sentir o toque de Laura no rosto, nos cabelos, e seguir falando sobre o filme ou sobre o apartamento dela ou sobre a vida que levou até esse momento, mas lembra do estranho que dançou com ela na festa e, de repente, a vontade some. Então, pergunta:

– E se o filme não tivesse esses problemas, se fosse mesmo só a questão estética mas com uma temática rasa, vazia, que de forma nenhuma te provoca, tu acha que seria melhor?

– Eu acho que a afirmação da autobiografia iria me provocar de qualquer forma.

Laura faz menção de continuar o que está dizendo, mas para, encara Samuel por alguns segundos e bebe três goles seguidos do vinho. Os olhos dela se fecham e entreabrem de uma forma estranha, como se estivesse imitando as luzes de natal. Ela permanece em silêncio, até que Samuel acha ter entendido o que está acontecendo.

– O filme te lembra de alguma coisa específica?

Puxando todo o cabelo para trás com a palma da mão e desviando os olhos para a janela, Laura suspira, passa um lábio sobre o outro, a sala escurece e vagamente se ilumina.

– O meu argumento não perde a relevância por causa disso, mas de alguma forma tudo em torno desse filme me lembra aquela pessoa que veio dançar comigo na festa.

Samuel bebe um gole do vinho e fica esperando Laura prosseguir, mas ela não diz nada.

– O que tem ele?

Laura sacode a cabeça como se negasse algo e bebe todo o vinho que resta no copo.

– Essa coisa artística, sabe, passar por cima de outras pessoas porque a tua arte é maior do que essas pessoas, o teu filme, a tua narrativa, mais importante do que outros filmes e outras

narrativas. A questão não é ser uma narrativa autobiográfica, mas sim ser uma narrativa autobiográfica de quem não tem nada pra dizer. Tu acha que a temática é profunda ou provocadora, mas eu acho que, sim, é rasa, meio vazia, não me faz pensar em nada a não ser em artistas entre aspas.

– Que tipo de arte ele faz?

– Uns vídeos caseiros que posta na internet. Vídeos que supostamente seriam sobre a vida dele, mas com uma estética propositalmente amadora.

Samuel ri com desprezo, um riso que sai abafado pelo canto da boca.

– E o que tem nesses vídeos?

– Nada. Quer dizer, nada relevante. Ele só sente saudade dos anos noventa e acha que é surrealista. É muito engraçado quando usam o surrealismo como desculpa pra fazer arte vazia. Ele faz coisas aleatórias com os amigos, cozinha usando uma fantasia, por exemplo, ou caminha pelo apartamento dele fazendo movimentos aleatórios, de um jeito que ninguém mais caminha. Fica dizendo que a arte dele é pra quebrar o automatismo, pra pensar em outras formas de viver. Mas é fácil fazer arte que quebra o automatismo quando os teus pais pagam o teu apartamento.

A sala fica novamente escura e novamente clara, alterna quatro vezes enquanto Laura esfrega o rosto e diz que está cansada.

– Quer que eu vá embora?

Faz menção de levantar, mas ela diz que não.

– Eu quero deitar na cama um pouco. Não precisa ir embora. Se quiser, vem comigo.

Samuel bebe o resto do vinho para ganhar tempo. Laura já levantou e caminha na direção do quarto, desaparece na penumbra quando ele termina de esvaziar a taça. Agora a sala escurece e se ilumina em silêncio, a visão dele está mais lenta e aproveita para deixar que a ausência de vozes se expanda o quanto conseguir, o quanto puder imaginar que, na verdade, poderia morar nesse apartamento, esse lugar tranquilo e com a elegância dos poucos móveis antigos dispostos com precisão e cuidado, as cores opacas que se destacam em harmonia pelo ambiente conforme as luzes acendem e apagam, móveis que devem ser presente ou herança, e que de alguma forma, ele percebe agora, combinam com a personalidade dela, tudo ali, na verdade, as luzes, a fotografia, os móveis, o vinho, tudo combina com Laura e com a impressão que ela passa para Samuel e com as informações que ele já tem sobre ela. Não existe, porém, nada que o impeça de ir até o quarto, a não ser o pensamento constante de que seria um erro, mas um erro que ele quer cometer, porque ao checar a sua vontade percebe que não é a de ir embora, voltar para o lugar que não consegue mais considerar sua casa, então transfere qualquer sensação de

pertencimento que tinha para esse instante, para o momento em que levanta do sofá e vai até a cozinha, deixando a taça vazia ao lado da garrafa de vinho quase vazia, observando rapidamente a geladeira metalizada, a louça do almoço empilhada dentro da pia, o fogão com duas panelas que parecem lavadas, e caminha na direção do quarto, entra na penumbra que é entrecortada pela paisagem através da janela, uma luz cremosa que ilumina parte da cama em que Laura está deitada, olhando para ele sem qualquer reação, como se a inércia fosse o convite absoluto e nenhum movimento precisasse ser feito para que Samuel sentisse o que quisesse sentir, esse arrepio na coluna, que segue gelado até a nuca, e se não fosse o álcool talvez sentisse também os pés fracos, sinal físico que não indicaria medo, mas a incerteza de uma mudança abrupta. Ele vai até a cama e deita ao lado de Laura, a luz que entra pela janela agora ilumina seus pés também.

– Eu amava ele.

A frase sai estranha, entrecortada, e Samuel demora alguns segundos para entender que Laura está falando de novo sobre o homem que dançou com ela.

– E por que não ama agora?

Ambos olham para o teto.

– Era ele que eu achei que iria encontrar no dia do filme.

Ela está oscilando mais uma vez, parece que perdeu o interesse na conversa e apenas diz frases. Samuel começa a repetir a pergunta, mas Laura se vira e deita a cabeça no ombro dele, a respiração imediatamente muda e começa a soar pesada, ele estica o braço direito por baixo dela e passa a mão de leve em seus cabelos, repetidas vezes, estranhando uma espécie de grossura nos fios, o formato da cabeça que não está acostumado, mas de novo sente aquele cheiro da outra noite e, ao mesmo tempo que sente o cheiro, percebe estar com frio. Laura então continua a falar:

– Não esperava encontrar ele na festa, não queria que nos víssemos mais. Ele é o dono daquela foto ali na sala, me deu de presente quando se mudou pra outro apartamento e resolvi colocar ali porque me lembra de um período bom, me lembra do apartamento anterior dele, do tempo que passamos lá.

Agora um braço dela envolve o corpo de Samuel e pressiona como se ela quisesse uma proximidade maior do que a possível. Ele retribui aumentando a intensidade do carinho nos cabelos, mas preferia que o diálogo entre eles não se desenvolvesse dessa forma.

– E por que a relação de vocês acabou?

– Se tu procurar na internet, o último vídeo que ele postou é comigo. Ele queria gravar o instante em que decepcionaria alguém que amava, alguém que não esperaria essa decepção, então ele simplesmente ligou a câmera e me disse que ia se mudar pra Alemanha e que tinha decidido não seguir mais a relação comigo. Eu sabia que estava sendo filmada e deixei que ele filmasse, porque nunca achei que seria postado nem que teria o impacto que teve.

– E qual foi o impacto?

Ela suspira um ar quente no pescoço dele.

– Prefiro não falar sobre isso.

Samuel, então, fica em silêncio. Não consegue escutar nenhum barulho que venha da rua ou do próprio prédio, e lentamente o braço direito de Laura começa a pesar na barriga dele, a respiração se torna mais espaçada. Por alguns minutos, Samuel cogita acordar ela para ir embora, mas prefere deixar a sonolência alcoólica agir e logo também está dormindo.

A decepção no rosto de Marcela. Uma caneca de café que o Agregado leva à boca assim que Samuel entra na sala. Não faz muito que o dia clareou, e é óbvio para ele, nesse momento, que ambos permaneceram acordados durante a noite, talvez conversando, sem entender como Samuel poderia sumir por tanto tempo. De fato, a louça suja de uma provável janta está empilhada no chão, ao lado do sofá, e ele alterna o olhar da louça para o Agregado e do Agregado para Marcela e de Marcela para qualquer ponto que sirva como distração. Mas não há nada a não ser a expectativa, o que poderia dizer para amenizar o silêncio, mentindo sem qualquer vontade, e mesmo que quisesse mentir, inventar alguma história, percebe no olhar de Marcela, que examina cada aspecto da sua aparência e que provavelmente também está sentindo esse cheiro de pessoas aleatórias, de álcool, de suor incrustado por baixo do casaco e do blusão, percebe que ela não acreditaria em qualquer versão que contasse agora, e o silêncio na sala fica ainda pior no momento em que o Agregado levanta do sofá, recolhe a louça do chão e vai para a cozinha.

Enrolada em um cobertor, encolhida no sofá, ela desvia o olhar para o ponto em que a louça estava. Samuel fica impressionado como a noite sem dormir envelheceu Marcela, sombreando seu rosto que até pouco tempo era iluminado naturalmente. Só então, pega o celular no bolso da calça e na tela estão marcadas doze chamadas não atendidas e três mensagens não lidas. Todas de Marcela. Ele começa a elaborar um pedido de desculpas, mas desiste. O

Agregado volta para a sala segurando a caneca de café, senta no mesmo lugar em que estava, ao lado de Marcela, e fica olhando Samuel como se esperasse alguma explicação inusitada ou, como espectador ansioso, quisesse apenas testemunhar a cena.

No entanto, a cena não se desenvolve mais, porque parece bastar para ela apenas ver Samuel, não precisa ouvir qualquer narrativa e talvez até não tenha interesse. Marcela se destapa, agradece ao Agregado pela companhia e vai para o quarto, fechando a porta. Em menos de uma hora, Samuel sabe disso, tanto ela quanto o Agregado precisam sair para trabalhar. Lembrar desse fato o tranquiliza, faz com que sente onde Marcela esteve sentada, dobrando o cobertor dela e o colocando na guarda do sofá, sem olhar para o Agregado, sabendo que qualquer contato visual colocaria ambos em uma conversa íntima. Mas Samuel está errado, e percebe isso ao ouvir o que o Agregado diz, a voz seca que chega até ele de forma autoritária, um tom que o Agregado nunca havia usado antes, a voz que se mistura a um leve cheiro de café e diz para Samuel ter cuidado porque a paciência de Marcela é curta. Então ele também vai para o quarto e deixa Samuel sozinho.

Às dez horas recebe uma mensagem de Laura. Ela acordou há pouco e não encontrou Samuel no apartamento. É uma mensagem curta, e ao final pede que ele avise quando quiser beber uma cerveja ou ir a uma festa aleatória de novo. Fica encarando a tela do notebook, pensando no que escrever em resposta, se comenta que encontrou o vídeo que ela mencionou durante a madrugada, um vídeo que poderia no mínimo ser considerado absurdo, onde o mesmo homem que dançou com ela na festa está segurando a câmera, provavelmente um celular, com a mão esquerda, e com a direita gesticula enquanto diz que pretende se mudar para a Alemanha e que por isso o relacionamento deles precisa acabar. É um vídeo curto, que Samuel encontrou ao digitar o nome e o sobrenome de Laura. Ao fim do vídeo, o silêncio dela é significativo, a reação é algo entre o ódio e a incapacidade de compreender que aquelas palavras realmente foram ditas.

Samuel leu os comentários abaixo do vídeo, quase todos, e entendeu que talvez o problema de Laura não seja apenas o impacto que o conteúdo do vídeo teve em sua vida, mas também, e principalmente, a manifestação pública, as opiniões de quem não a conhece e que, protegido pela distância digital, se acha no direito de escrever mensagens de ódio a Laura ou de apoio à decisão dele, comentários sobre a aparência dela e de como o rosto se transfigura ao

receber a notícia. Leu todos os comentários porque não conseguiu acreditar, procurou qualquer manifestação de apoio a Laura, qualquer mensagem que condenasse a exposição e não encontrou nenhuma. Muitos escreveram, inclusive, chamando ele de artista, defendendo a liberdade na criação dele, que aquilo era uma nova forma de arte e as pessoas não conseguiam entender. Samuel passa os olhos pelos vídeos sugeridos, também dele, mas não clica em nenhum. Prefere não contribuir para qualquer tipo de sucesso que esse artista entre aspas possa ter.

Fica olhando a mensagem de Laura, com a luz da manhã refletida na tela do notebook, o apartamento silencioso, apenas alguns ruídos audíveis de outros apartamentos, e um cheiro quase dissipado do perfume que Marcela estava usando ao sair, porque mesmo que estivesse visivelmente triste com ele, decepcionada ou qualquer variação nesse sentido, ela jamais abandonaria uma elegância inerente, a vontade de estar bem situada em qualquer lugar, aquilo que algumas pessoas chamariam de classe, mas que para Samuel não faz muita diferença. Então larga de novo o celular ao lado do notebook. Escolhe responder a mensagem de Laura mais tarde, quando souber o que escrever. Caminha até o quarto ainda sentindo o torpor da noite, tentando decidir entre dormir agora ou sair a esmo na rua, e quando olha a cama levemente desarrumada, com a marca da cabeça de Marcela no travesseiro e lençol, cobertor e edredom amassados, onde ela deve ter estado por pouco tempo antes de ir para o sofá enrolada no cobertor, acaba deitando com a barriga para baixo, e qualquer pensamento desaparece logo após dois minutos.

O perfil de Marcela, enquanto ela procura qualquer coisa dentro da bolsa preta, só poderia ser descrito como sombrio. É a primeira visão de Samuel assim que acorda, provavelmente com o barulho dela, e diria que são em torno de cinco da tarde por causa da iluminação esmaecida que entra pela janela. Parece que está mais frio do que estava quando deitou, sente um enrijecimento no corpo destapado ao tentar se mexer. Ela percebe o movimento e para, encara Samuel por dois segundos antes de perguntar se ele por acaso viu os convites da exposição.

Esfregando os olhos, gira o corpo para a direita, as mãos geladas no rosto, responde que não, não viu os convites, e pensa que não lembrava dessa exposição.

– Tu ainda quer ir?

A pergunta soa como se esperasse uma resposta negativa, mas Samuel murmura que sim, só precisa acordar direito.

– Assim que ele chegar do trabalho, a gente sai.

Marcela pega a bolsa e vai para a sala. Ele escuta os sons do telefone dela recebendo mensagens, papéis são amassados, e durante cinco minutos Marcela suspira três vezes de forma audível.

Samuel então levanta, esfrega as mãos na tentativa de se esquentar e também vai até a sala. Pergunta se Marcela quer um café e ela responde que não, sem olhar para ele, e Samuel fica ao lado do sofá, cuidando Marcela digitar no celular ou remexer a bolsa atrás dos convites, puxando o cabelo para trás em movimentos mais bruscos do que o normal. Ele desiste do café. Cogita tomar um banho antes de sair, mas prefere não também. Permanece parado ali até que Marcela se vire e pergunte se ele quer alguma coisa. Ela faz essa pergunta enquanto ergue as mangas do blusão que está usando, e só agora Samuel percebe que a iluminação entrando pela janela faz com que as roupas de Marcela contrastem, a saia e a meia-calça pretas, o blusão branco, iluminados pela luz natural do inverno, o tipo de visão que ele teria todos os dias, que pensou então ser uma vantagem ao morarem juntos, ver Marcela sempre, ver Marcela depois do banho, com uma toalha na cabeça, correndo pelo corredor porque esqueceu de levar as roupas para o banheiro, ver Marcela ao acordar e, especialmente, observar os gestos dela enquanto se arruma para o trabalho, enquanto penteia os cabelos e cobre o seu cheiro natural com o cheiro do perfume ou do sabonete ou das próprias roupas que estranhamente sempre exalam cheiros específicos, os fios do cabelo preto de Marcela sobre o travesseiro, misturados nas cobertas, e ela vestida de maneira impecável conversando com Samuel, parada no meio do quarto sob a luz da primavera, do inverno, do verão e do outono, sempre a mesma pessoa em diferentes tonalidades sazonais, e nada poderia antecipar que nesse momento, enquanto ela ergue as mangas, e apesar de toda a naturalidade e elegância, até mesmo uma espécie de imponência, Samuel não ficaria mais impressionado, ao contrário, nada mais parece importante em Marcela, como se a mulher que ele amou não tivesse mais nenhum peso e se tornasse apenas uma deriva possível, alguém que desfaz o tédio de quando nada está acontecendo.

Balançando a cabeça negativamente, em resposta à pergunta dela, Samuel se aproxima. Para bem próximo de Marcela, tão próximo que sente o ar saindo por suas narinas, se dilatando e se fechando ao respirar, tão próximo que vê a pele quase perfeita do rosto, pequenas marcas que aos poucos se tornam rugas ao redor dos olhos, a testa franzida demonstrando não entender o que ele está fazendo. Nesse instante, o barulho de chave e a porta abrindo interrompem a

aproximação de Samuel, ele se afasta, e logo o Agregado está na sala também, com aquele sorriso constante, perguntando que horas irão sair.

A iluminação dentro da Galeria está disposta a formar um amarelo penumbroso. As salas estão vazias, tanto de obras de arte quanto de pessoas, e na medida que avançam pelos corredores, Samuel percebe que fica mais calor, e as paredes brancas cercando a caminhada deles vão se abrindo, até que cheguem em uma sala redonda onde pelo menos mais vinte pessoas estão em silêncio observando algo no centro da sala. Toda a iluminação principal da Galeria está desligada aqui e apenas dois holofotes montados pendem do teto e apontam para onde as pessoas olham. Marcela logo encontra conhecidos, pessoas com quem Samuel já conversou algumas vezes e que agora não faz questão de cumprimentar, então ele se afasta, e o Agregado para entre os dois, parecendo não saber para onde ir.

Desviando de um grupo de quatro pessoas, Samuel consegue enxergar o centro da sala, e ali uma poltrona reclinada, preta, está coberta por um papel filme e uma mesa de apoio ao lado exibe instrumentos que ele não conhece. Ao fundo da sala, uma tela grande está montada, mas ainda não exibe nenhuma imagem. Marcela não falou sobre o que seria a exposição, e ele estranha o fato de não haverem quadros e de a Galeria estar praticamente vazia, como se poucas pessoas tivessem recebido aqueles convites e fossem selecionadas com cuidado para visitar a Galeria.

Marcela agora está apresentando o Agregado para o grupo de pessoas que foi cumprimentar, e Samuel permanece afastado, tentando descobrir o que são aqueles instrumentos. Mais cinco pessoas chegam na sala e exibem a mesma perplexidade, olhando para os outros convidados e para a poltrona recoberta pelo papel filme. Ao lado de Samuel, duas mulheres fotografam o centro da sala com seus celulares, sem dizer qualquer palavra, e ele percebe que por mais pessoas que estejam ali todos mantêm uma espécie de silêncio respeitoso, falando baixo entre si. O único grupo que se exalta mais é o de Marcela, que nesse momento parece perceber que Samuel não está próximo e o procura pela sala. Quando o encontra, faz um gesto com a mão para que se aproxime. Ele caminha lentamente até o grupo dos amigos dela, fingindo estar mais interessado na instalação dos holofotes pendentes do teto e no homem que parece indiano e que permanece imóvel, sozinho, em um canto da sala, vestindo uma bata preta com detalhes em branco.

As pessoas que Marcela conhece, principalmente as que são mais próximas, fazem parte de um grupo elitista e pretensamente intelectual que nunca deu muita importância para Samuel. Ao se aproximar, recebe o mesmo cumprimento indiferente que sempre recebeu, em especial do homem de cabelos compridos e muito lisos. Ele está vestindo uma camiseta preta desbotada e com a gola esgaçada, finge não se importar com as pessoas que circulam ao redor dele, mas sempre deu atenção especial para Marcela e para o que ela diz. No momento em que termina a sequência de cumprimentos constrangedores para Samuel, esse homem prossegue dizendo que o artista logo chegará, que é amigo dele, e que trocaram mensagens nessa manhã sobre a performance, algo que em breve se tornará uma das obras de arte mais icônicas desse ano. Trouxe teu celular, ele pergunta para Marcela, e ela responde que sim, que seguiu o pedido escrito no convite. Olhando para os lados, Samuel então repara que todas as pessoas ali, não apenas as duas mulheres que viu antes, estão segurando seus celulares, e alternam entre tirar fotos do centro da sala e de si mesmas com o centro da sala ao fundo.

– Ele quer que todos os ângulos sejam mostrados e que estejam na internet assim que a performance acabar.

A única pessoa que não segura um celular é o homem que parece indiano, ele segue observando os convidados à distância, às vezes analisando o centro da sala e deixando a cabeça pender para o lado, parecendo excessivamente concentrado.

Aos poucos a sala vai enchendo, o Agregado e Samuel passam o tempo meio em contato com os amigos de Marcela e meio afastados. Todos ali parecem conhecer alguém, e embora estejam mais silenciosos, os convidados não deixam de comentar questões cotidianas, sobre como alguém esteve em algum lugar fazendo alguma coisa incrível ou sobre como alguém passou mal depois de beber vodka em excesso durante uma festa. Samuel, sozinho, se aproxima da linha colada ao chão que limita o espaço do público. Pega o celular e enfim responde para Laura, escreve que está livre no dia seguinte e pergunta o que ela acha de se encontrarem.

Quando termina de enviar a mensagem, as luzes dos holofotes diminuem. O homem que parece indiano se encaminha para o centro da sala junto com outro homem, que veste uma bata idêntica. Ambos ficam posicionados em frente à poltrona e então os holofotes voltam a sua luz anterior. O segundo homem é visivelmente alguns anos mais velho do que o primeiro e tem uma barba escura que aos poucos se torna grisalha. Ele é o artista e começa a explicar com uma voz que ressoa sem microfone pela sala que todos os convidados devem ficar à vontade para filmar ou se movimentar em qualquer sentido no espaço destinado ao público. Se alguém quiser ir embora, está livre também.

Ele então tira a sua bata, e o homem que parece indiano faz o mesmo. O artista mostra para o público seu braço coberto com tatuagens, ele está sem camiseta e apenas tem tatuagens no braço direito, do ombro até os dedos. O homem que parece indiano tem os dois braços cobertos com tatuagens escuras e desbotadas. Imediatamente, na tela atrás da poltrona, começam a aparecer imagens detalhadas das tatuagens do artista, e a primeira imagem está focada na mão dele, que tem o rosto de alguém tatuado e a palavra *love* com cada uma das letras tatuadas em cada dedo. O artista senta na poltrona coberta com papel filme e apoia o braço na direção do homem que parece indiano, que agora senta em uma cadeira ao lado da poltrona e começa a montar uma máquina que Samuel percebe ser uma máquina de tatuagem.

Nada mais é explicado para os convidados ou dito entre os dois. O homem que parece indiano dispõe em cima da mesa de apoio um pequeno tubo transparente com tinta preta. Ele coloca luvas escuras e começa a testar a máquina, o barulho encorpado de uma abelha ressoa pela sala. Sem olhar para os movimentos dele, o artista fica observando o público, várias câmeras de celular apontadas, a única pessoa na primeira fila que não segura o celular é Samuel, e ele sente um constrangimento estranho por isso. Olha para trás e enxerga o Agregado, que faz um sinal de oquei e pisca o olho esquerdo. Não vê Marcela, mas antes que possa procurar por ela, um som começa a ser emitido pela sala. É a voz do artista, gravada, saindo de algum lugar que Samuel não identifica, e a voz começa a dizer que aquelas duas tatuagens foram feitas para lembrar uma namorada que morreu há cinco anos. A voz então detalha o relacionamento, como se conheceram, o período que moraram juntos, e quando inicia a descrição da morte dela, afogada no mar, o homem que parece indiano começa a tatuar a mão do artista por cima das tatuagens anteriores.

No início, não é possível entender o que está acontecendo, é só quando o áudio com vinte minutos de duração se repete pela terceira vez que Samuel percebe a tinta preta cobrindo inteiramente as duas tatuagens. Em nenhum momento o artista esboçou qualquer tipo de reação física, não contraiu o rosto pela dor como pessoas que fazem tatuagens costumam contrair, permaneceu como se concentrado em um ponto fixo, escutando o próprio áudio ou ignorando todas as presenças externas a dele.

Assim que o áudio termina, a imagem na tela muda e agora o antebraço do artista está projetado em três imagens. A primeira mostra o interior do antebraço coberto inteiro por uma mão que segura flores. Na segunda imagem, o exterior do antebraço é dividido por um olho realista, situado logo acima do punho, e um coração, também realista, logo acima do olho. Há um detalhe nessa tatuagem de coração, um tipo de falha, que Samuel só consegue identificar

como uma cicatriz que tenha cortado a tatuagem. A terceira imagem é fragmentada em quatro partes e mostra que todos os pontos do antebraço sem tatuagem foram cobertos por palavras que parecem formar uma frase específica e que foram escritas com a mesma caligrafia. O homem que parece indiano demora cerca de três minutos no preparo do material. Repõe a tinta preta no tubo transparente, e também parecendo esquecido dos convidados, testa a máquina outra vez, como se desse o sinal para outro áudio começar.

Esse áudio é mais longo do que o anterior. Durante trinta minutos, a voz do artista detalha outro relacionamento, com um homem que cometeu suicídio. Novamente, o relato de como se conheceram, do apartamento que dividiram por um ano, até o suicídio do namorado por enforcamento. A voz do artista fala que fez as tatuagens durante o período em que morou com ele, o segundo relacionamento mais importante da sua vida, e que por isso tatuou o olho do namorado, um coração que representa a forma visceral do amor que sentia, a mão do namorado segurando flores e, por último, depois do suicídio, tentando encontrar formas de superar a perda, ele tatuou a última frase da carta que o namorado deixou, ele tatuou sete vezes essa frase, até preencher todos os espaços do antebraço que estavam em branco, uma frase em inglês: *the enemy will not reveal its mortal form to me*.

O processo para cobrir o antebraço é mais demorado, e os convidados parecem sentir alguma segurança para cochicharem entre si. A mão do Agregado toca no ombro de Samuel e, se esgueirando entre duas pessoas, o Agregado consegue parar ao lado dele.

– Que negócio ridículo, né?

Cochicha para Samuel, que até então não tinha pensado em como estava sentindo o processo.

– Por que tu acha ridículo?

– Ficar parado aqui olhando esse cara se tatuar é ridículo.

Uma gota de suor escorre pela testa do Agregado. Samuel olha para trás e encontra Marcela em outro ponto da sala, com o mesmo grupo de conhecidos. Ela está compenetrada, olha para o artista sem desviar a atenção.

O processo de cobrir o antebraço dura seis horas. São três e meia da madrugada quando o áudio é interrompido e o homem que parece indiano se afasta do artista. Fica olhando com certa distância para o braço dele, virando o braço lentamente, para ver como o trabalho está ficando. O artista está com o peito suado, tem uma expressão pálida, quase cadavérica, segue não emitindo qualquer sinal. Duas mulheres entram segurando garrafas de água. Elas vestem batas inteiramente pretas e mantêm a cabeça baixa, não olham para o homem que parece indiano

nem para o artista. Deixam as garrafas de água no centro da sala e saem novamente. O homem que parece indiano se aproxima das garrafas, abre uma delas e bebe metade do conteúdo. Volta a se aproximar do artista e exhibe a garrafa na frente do rosto dele. O artista apenas fecha e abre os olhos lentamente, como uma recusa, e o homem que parece indiano bebe o restante da água. A interação entre o público cessa. Durante o processo de cobrir o antebraço, todos sentaram no chão. As pessoas que antes estavam filmando não pararam de filmar nenhum momento, e o cheiro na sala, um cheiro quente por causa dos aquecedores ligados, é de sangue, plástico e algo que só pode ser descrito como tinta entrando em contato com pele.

Todo o ritual da água, a postura do artista e o silêncio passam uma impressão de cerimônia. O tipo de evento que os amigos de Marcela adoram. Samuel não acha ridículo, mas não entende a necessidade ou a possível beleza daquilo, e como esse processo de cobrir tatuagens pode ser chamado de exposição. Fica observando o homem que parece indiano se recuperar, ele caminha pelo centro da sala, os olhos focados no braço do artista.

– Será que ele vai pintar até a cabeça de preto?

O Agregado cochicha para Samuel. Ele finge rir. Pega o celular no bolso da calça e vê que Laura respondeu sim, amanhã quer encontrar com ele. Quando o Agregado se aproxima para cochichar outro comentário, Samuel esconde a tela do celular, discretamente, se inclinando para ouvir melhor o que o Agregado irá dizer. Depois, tira uma foto do artista e envia para Laura sem qualquer explicação, apenas a foto. Guarda o celular de volta no mesmo bolso.

Aos poucos, o homem que parece indiano retorna para a sua cadeira e prepara de novo o material. Mais tinta preta no tubo transparente, mais papel-toalha ao alcance de sua mão. Testa a máquina duas vezes e então outro áudio começa. A imagem na tela muda e, também dividida em três, mostra a parte de cima do braço, do cotovelo até o ombro. Toda essa parte está coberta por apenas uma tatuagem, realista, que mostra um tipo de imperador romano entre pilares e estátuas. A voz do artista diz que aquela tatuagem foi feita pelo homem que parece indiano, o terceiro relacionamento mais importante da sua vida e o único que não acabou repentinamente com a morte de alguém. Esse imperador representa o próprio homem que parece indiano, que anos atrás fez terapia de regressão e descobriu que em uma de suas vidas havia sido um imperador romano. A tatuagem mostra minutos antes do seu assassinato, quando observava a cidade adormecida sob a luz da lua. Samuel tenta identificar semelhanças fisionômicas entre o rosto na tatuagem e o homem que parece indiano, mas só identifica traços banais, dois rostos magros, um mais envelhecido do que o outro, e nada na composição total do

homem que parece indiano remete ao que se imagina ter sido a imponência de um imperador romano.

Cinco minutos após ter iniciado a terceira parte da tatuagem, Samuel sente um toque no ombro. É Marcela, que pergunta se eles querem ir embora. O Agregado diz que sim, não aguenta mais, e Samuel pergunta se é possível ver o resultado completo depois.

– Acho que eles vão divulgar na internet.

Então ele concorda em ir embora, e os três passam por várias pessoas sentadas no chão, mais do que era possível ver de onde Samuel estava, desviam de convidados que parecem hipnotizados, segurando os celulares com as câmeras apontadas para o artista, sem indícios de perceberem a saída dos três. Atravessam novamente a Galeria, em silêncio. Marcela segura a mão de Samuel. Trocam um olhar que dura dois segundos.

O Agregado estica as pernas e solta um grunhido de alívio. Segura um copo de cerveja recém servida e estende o braço direito pela guarda do sofá. Fica assim, olhando Samuel, durante algum tempo, bebendo goles esparsos da bebida.

– Eu não consigo imaginar ser todo tatuado. Tu consegue?

– Não muito também.

Sentado na outra ponta do sofá, Samuel fica escutando o barulho da escova de dentes de Marcela dentro do banheiro. O Agregado oferece um gole da cerveja, mas ele recusa.

– Chamar isso de exposição. Que tempo perdido.

O barulho da torneira sendo fechada e de Marcela guardando a escova no armário. Então ela sai do banheiro, vestida em um pijama escuro.

– É sobre a exposição que tu tá falando?

Ele bebe um gole da cerveja e ergue os ombros.

– É. Não entendi muito bem.

Marcela olha para Samuel como se quisesse fazer uma pergunta e apenas diz que prefere não falar agora sobre a exposição que acabaram de ver. O Agregado sorri, satisfeito, bebe mais um gole da cerveja e pergunta se Marcela já vai dormir.

– Vou, sim. Boa noite.

Ela atravessa o corredor e logo em seguida Samuel escuta o barulho da porta fechando.

– Ela ainda tá irritada contigo.

O Agregado diz com uma risada, depois pergunta:

– Posso fumar um cigarro aqui dentro?

Samuel não responde. Enquanto o Agregado larga o copo de cerveja e acende o cigarro, ele vai até a janela e a abre. Uma brisa gelada entra no apartamento, e logo o cheiro do cigarro se mistura ao cheiro úmido vindo da rua. Samuel permanece próximo da janela, sentindo dor na coxa direita, provavelmente pelo tempo que ficaram sentados durante a exposição.

– Mas tu não te importa, né?

O Agregado pergunta.

– Com o quê?

– Com a Marcela estar irritada contigo.

Qualquer coisa que responda será comunicada para ela. Tem certeza disso.

– Eu não sinto mais o peso.

O Agregado dá uma tragada no cigarro.

– Como assim o peso?

– O peso dela.

Não espera que o Agregado compreenda o que disse. Na verdade, não sabe o motivo de estar falando isso para ele e, em consequência, o motivo de estar falando isso para Marcela. Ela, sim, entenderia o significado dessa frase.

– E tu sentia antes?

– Sentia.

– É por isso que tu quer que eu me mude?

O Agregado dá outra tragada no cigarro, e Samuel desvia o olhar para a rua, para a neblina rasa que encobre os prédios históricos.

– Quando tu viveu aquela situação no teu relacionamento anterior, aquela situação que tu não queria viver de jeito nenhum. Como tu resolveu?

Longo gole na cerveja e, olhando para o chão:

– Eu fugi.

Todas as noites de sábado parecem iguais e começam da mesma forma. A sensação vaga de que o dia não importou muito e de que todas as pessoas com rotinas semanais fixas precisam sair para encontrar amigos, beber ou dançar. É uma necessidade de colocar para fora tudo o que

é absorvido durante a semana, beber e dançar até que o domingo se torne inútil, um dia apenas para recuperar a energia e tornar a segunda-feira um dia palatável.

Caminhando até aqui, Samuel sentiu inveja dessa rotina, até saudade da época em que trabalhava na Agência e tinha o cotidiano definido por isso, a vida que se organizava em torno do trabalho assim como se organiza a vida dos homens vestindo sobretudo e bebendo chope na rua, que passaram por ele conversando em voz baixa, encurvados, as mãos que não seguravam o chope enfiadas nos bolsos. Laura já está aqui quando ele chega, o frio aumentou desde que saiu do apartamento e durante o trajeto nuvens se aglomeraram no céu dando a impressão de que em breve irá chover.

– Pensei que tu não vinha mais.

Ela está sentada em um banco na praça, o banco mais afastado dos postes de luz recém acesos. Ergue a cabeça mais do que seria normal porque os óculos estão na ponta do nariz, e sorri para Samuel, como se a timidez ou estranheza da outra noite fossem apenas ocasionais.

– Achei que essa praça fosse mais perto. Demorei pra encontrar.

Laura então se inclina no banco, esticando o pescoço, Samuel também se inclina na direção dela e eles se beijam.

– O que tu quer fazer?

Ela pergunta.

– Tanto faz, o que tu quiser. Achei que tu ia propor de ficar por aqui.

Laura realoja os óculos com a ponta do indicador e levanta do banco.

– Não, eu só queria ver o dia terminar aqui fora. Vamos subir ali no meu apartamento.

Caminham duas quadras com Laura contando que acordou cedo para ir na feira, mas que só almoçou às dezesseis horas porque passou o resto do dia lendo e esqueceu de comer. Quando entram no elevador, Samuel comenta que não fez nada o dia inteiro. Então, em vez de apertar no botão do andar dela, Laura aperta no botão do último andar.

– Quero ir pro terraço um pouco.

Ela diz enquanto se olha no espelho enorme ao fundo do elevador, puxando uma das hastes do piercing e o deixando reto em seu nariz.

Uma cruz verde, desbotada, se ergue em frente ao terraço. É a cruz do hospital que fica no outro lado da avenida. As luzes acesas formam um halo em torno do hospital e cada vez contrastam mais com a escuridão da noite e das nuvens se adensando. Laura fica olhando para Samuel enquanto ele observa o hospital, por dois minutos não falam nada e o frio aqui em cima é ainda pior do que na praça.

Do terraço, conseguem enxergar um apartamento do prédio vizinho. Pela janela da sala desse apartamento, Samuel vê um homem de barba brincando com uma menina que deve ter no máximo três anos. Ambos brincam com brinquedos acinzentados e alternam movimentos labiais de conversa com um silêncio cabisbaixo.

– O pai solteiro.

Laura comenta, também observando o homem brincar com a filha.

– Eles parecem meio tristes.

– Sempre brincam assim.

Passando a mão direita pelo cabelo, Laura senta no parapeito do terraço, na parte gradeada.

Enquanto conversam, o breu noturno avança. É possível perceber isso mais claramente porque o pai solteiro ainda brinca com a filha, embora não consigam mais distinguir os seus traços ou os da menina.

Samuel então senta ao lado de Laura.

– É certo que vai chover.

Comenta olhando o céu, e Laura concorda enquanto o abraça e deita a cabeça em seu ombro.

Pela altura mediana do prédio, não é possível enxergar toda a cidade, mas a paisagem noturna, cintilante na vista do terraço, ainda assim impressiona Samuel, que nunca subiu no terraço do prédio em que mora. Ele fica observando as luzes, um ou outro avião que passa, sentindo a mão de Laura deslizar para cima e para baixo em seu braço, por cima do casaco.

– Aquela foto que tu mandou ontem era da performance na Galeria?

– Era de uma exposição. O homem cobriu todo o braço direito com tatuagem preta.

– Por que tu acha que era uma exposição?

– Porque chamaram assim ontem.

– E tu gostou?

Samuel desliza levemente a mão esquerda até o joelho de Laura.

– Mais ou menos. Entendi a ideia dele, mas preferia algo mais artístico do que tinta preta no braço.

Laura ri e ajeita de novo os óculos no nariz.

– Tu viu que ele desmaiou? Parece que não conseguiu aguentar a dor e o cansaço. No fim, faltou só terminar o ombro.

– Não sabia.

A luz no apartamento do pai solteiro é acesa. Surge, no enquadramento da janela, uma parede branca com um quadro de moldura clara. Não consegue distinguir a pintura, mas é uma imagem também em cores claras. A filha dele está olhando pela janela, talvez sentada em um banco ou em uma pequena cadeira, ela não enxerga Samuel ou Laura, olha para o céu com uma expressão que mistura medo e impaciência. O pai dela logo surge atrás, segurando um prato amarelo. Senta ao lado da menina e fica ali, dando a janta para ela em garfadas lentas, sem falar nada, como se já não prestasse atenção naquilo e a alimentação da filha não passasse de rotina.

– Eu também queria cobrir as minhas memórias com tinta preta.

Laura, que não percebeu a movimentação no apartamento, diz.

– Que memórias tu queria apagar?

Solta o braço de Samuel e se afasta um pouco. Pega a carteira de cigarros no bolso do casaco. Acende um e ergue a cabeça para que a fumaça saia para cima, mal entreabrindo os lábios, e antes que comece a falar um arrepio faz com que se encolha, tremendo, e ela olha para Samuel e o beija, um gosto de cigarro misturado ao cheiro do cabelo.

Então ela começa a contar, com a voz mais rouca por causa do cigarro ou porque talvez goste de forçar a rouquidão na voz quando fuma, que antes do relacionamento com o homem que gravava vídeos, cinco meses antes, outro relacionamento acabou da forma mais traumática possível. Talvez se a gente soubesse como as coisas terminam não começaríamos, Laura diz. Depois, fala sobre o início, alguém que se aproxima em um museu, uma tarde que precisou sair de casa, sozinha, esquecer o que quer que estivesse acontecendo na época, encarar obras de artistas desconhecidos em uma tarde vazia, e um estranho surge, um rapaz bonito, que sorria facilmente e que a fez rir nas primeiras frases, pode ser um clichê mas sentiu uma atração imediata, visitaram o resto da exposição juntos e depois o rapaz a convidou para beber uma cerveja em algum bar. Relembrando agora, é fácil perceber que a situação era estranha desde o início, qualquer má escolha na vida parece óbvia em retrospecto, Laura diz, só que era uma tarde triste e talvez a companhia de qualquer pessoa fosse aceita, não havia a necessidade de ser ele, mas foi, e como todas as coisas que vão acontecendo e nos transformando sem que percebamos, aos poucos ele tomou conta da minha vida, ela diz, dessa vez soltando a fumaça para o lado oposto ao de Samuel. O rapaz a convidou para sair duas vezes antes que se beijassem pela primeira vez. Talvez porque apenas gostasse de conversar com ele e não quisesse nada além disso, não lembra de dar brechas ou deixar intenções subentendidas, apenas saíram para beber e conversaram sobre as rotinas, os trabalhos, as famílias, assuntos banais que podem ou não provocar uma empatia entre duas pessoas, fazer com que se conectem e se interessem mais

pela vida uma da outra. A profissão dele era chata, não interessava Laura, mas a forma como ele falava, como usava as palavras e parecia sempre à frente do que responder, era a questão para ela. Não o assunto em si, apenas a forma. E a relação foi baseada nisso, na maneira como ele falava, no que ele tinha para dizer, na profissão dele, no que seus amigos diziam ou como viviam, e cada vez mais as perguntas, o interesse pela vida de Laura, diminuíram, e ela foi se tornando um recipiente que era enchido e esvaziado como o rapaz quisesse. O relacionamento durou cerca de dez meses, e tudo o que ela percebe agora não percebia na época, sentia um abandono que achava inexplicável e que apenas se tornou evidente no fim, no que aconteceu para que terminassem a relação.

Ela bate as cinzas do cigarro com o indicador. Olha para Samuel e não percebe nada em seu rosto, provavelmente apenas o interesse para que conclua o relato. Ela dá mais uma tragada, fechando levemente os olhos, e então diz que não entende como certas pessoas se acham no direito de falar o que outras devem ou não fazer com o corpo e com as suas escolhas. A menstruação de Laura atrasou três dias. Era um momento em que mudanças estavam acontecendo no emprego dele e não fazia muito que ela havia começado a morar sozinha. Por incrível que pareça, ela diz, era a primeira vez que passava por uma situação assim. Nunca havia conversado com o rapaz sobre a possibilidade de terem filhos, mas ela queria, sempre quis, e não se importava caso ele quisesse desaparecer. Quer dizer, hoje ela não se importaria, porque na época não tinha tanta clareza do que aceitava ou não em sua vida. Hoje tem certeza de que faria qualquer coisa para criar um filho, não importando a presença ou ausência do pai, mas naquela situação ela apenas intuía isso, e foi com essa intuição que resolveu conversar com ele, comunicar o atraso da menstruação e explicar que isso não é um motivo para tristeza ou desespero.

A reação dele foi mais violenta do que poderia prever. Ninguém consegue adivinhar quando um homem se torna irracional, Laura diz. Estavam no apartamento dela, o anterior, explica, pausando para outra tragada, sentados no sofá, e ela começou falando como se sentia em relação a ter filhos, sobre a sua vontade, para só então comunicar que a menstruação estava atrasada e logo em seguida dizer que tudo bem. Mas não estava tudo bem para ele, por uma razão que logo se tornou clara o bastante para que Laura percebesse de fato quem era a pessoa com quem havia dividido aqueles meses. Com um tom de voz inicialmente baixo, ele se disse contra essa ideia, que não aceitaria ter um filho, muito menos com ela, uma mulher que quase não conhecia. Laura, então, tentando manter a calma, disse para o rapaz que não se importava

com o que ele queria ou não, que estava mais avisando do que pedindo e teria o filho mesmo sozinha.

Nesse momento, o rapaz começou a gritar. Levantou do sofá e com o dedo apontado na direção de Laura falou tantas coisas que parte delas já havia sido esquecida no dia seguinte. O que lembra, no entanto, é a frase que ele repetiu exaustivamente, Laura abortaria de qualquer forma, ele dizia, ou em uma clínica clandestina ou caindo da escada, não fazia diferença, e durante o acesso que teve, ele quebrou o cinzeiro de vidro que ela tinha, uma garrafa de cerveja vazia em cima da mesa, depois derrubou a mesa, as cadeiras, e dizia que estava fazendo aquilo porque ela não deixou outra opção, porque ela não pensou nele na hora de decidir o que fazer.

De novo Laura pausa o relato, dá uma última tragada no cigarro e observa a expressão de Samuel. Ele permanece com o que acredita ser uma fisionomia tensa e surpresa, praticamente incrédula. Laura sopra a fumaça para cima e fica olhando se dissipar, então ela diz, com a mesma tranquilidade que teve durante todo o relato, que acordou na manhã seguinte, sozinha, e a menstruação havia descido. Olhou para a sala do apartamento revirada, os objetos quebrados, e sentiu a maior tristeza de toda a sua vida, e não era uma tristeza profunda, ela fala, mas complexa, porque não sabia se estava triste por ter percebido o erro de começar aquele relacionamento ou por ter sido tudo em vão, a conversa, a irritação dele. Depois que a gente descobre quem de fato é uma pessoa, não dá para voltar atrás, ela diz, olhando na direção da janela onde antes era possível enxergar o pai solteiro e sua filha mas agora enquadra a sala vazia.

– Tu nunca mais viu ele?

Samuel pergunta, tentando não transparecer o nervosismo.

– Não. Terminei o relacionamento mandando uma mensagem. Ele nem respondeu.

Por alguns segundos, Samuel fica em silêncio. Um relâmpago cruza o céu de repente e Laura se assusta. Pergunta se podem ir para o apartamento dela antes que a chuva comece.

Dessa vez, o que ilumina a sala é a luz de um abajur posicionado no chão, próximo ao sofá. Laura tira o casaco e vai para o quarto dela, enquanto Samuel permanece parado, olhando através da janela na sala o início da chuva, que aos poucos se torna mais forte e, antes que Laura saia do quarto, já se transformou em um temporal.

– A gente desceu bem na hora.

Ela diz quando volta para a sala, abraçando Samuel por trás e também olhando a chuva.

– E tu, que nunca fala sobre ti, qual é a tua história?

Pergunta no ouvido dele, e Samuel, ainda tentando assimilar tudo o que Laura disse, sai do abraço dela da forma mais gentil possível. Olha para Laura de frente, nos olhos dela que o encaram através dos óculos, tenta ver a experiência nos traços do rosto como se o corpo pudesse contar a história de Laura.

– Eu não tenho muito o que falar.

Ele diz, sabendo que é mentira, tentando fugir de qualquer transparência ou honestidade. Laura sorri.

– Claro que tem.

Ela fala, e em seguida pega a mão de Samuel e o conduz até o sofá, senta com ele, muito próxima, e pergunta de novo qual é a história dele. Samuel sente o hálito de quem acabou de fumar. Tenta rir e dizer que é besteira, mas Laura insiste.

Tinha um relacionamento que acabou há três meses, começa a falar, ele ainda não conseguiu entender como acabou, mas o fato é que não existe mais relacionamento, está sozinho, sempre sozinho, e embora consiga dialogar com outras pessoas, até mesmo rir, não é natural. É como se tivesse perdido a energia para ser ele mesmo. Tudo o que antes fazia sentido era porque Samuel não questionava, foi vivendo os acontecimentos um depois do outro e percebendo as consequências só quando não poderia reverter. Morar com outra pessoa, uma namorada ou um namorado, ele diz, é um compromisso às cegas, não existe forma de prever se as rotinas irão se ajustar e virar uma só ou se, ao contrário, a vida de ambos aos poucos ficará tão sufocante ao ponto de não conseguirem mais qualquer tipo de comunicação. O estranho, ele diz, é que não aconteceu nenhum dos dois comigo, quer dizer, de certa forma aconteceu a primeira possibilidade e depois a segunda. Ele para de falar e olha para Laura, que está completamente concentrada nele, não move os olhos do rosto de Samuel e mexe com o dedão na unha do indicador, um sinal de expectativa talvez, e ela move lentamente a cabeça, como se pedisse para Samuel continuar.

Sempre quis morar com a outra pessoa do relacionamento. Mesmo antes de existir essa pessoa, ele ficava imaginando como seria dividir o espaço, a comida, as contas, e, embora gostasse de ficar sozinho, era isso o que queria, conhecer tanto a outra pessoa ao ponto de saber como ela está apenas pelo seu rosto de manhã, pela forma como movimenta as mãos ao alcançar um objeto ou ao secar o corpo depois do banho. Quando isso aconteceu, foi com a pessoa que ele acreditava ser a melhor possível, que havia sido a melhor possível durante os primeiros

meses e que, na verdade, continuou sendo incrível depois da mudança, depois que o apartamento estava mobiliado, as contas chegando e sendo divididas, ambos descobrindo uma forma de vida diferente da que estavam acostumados. Ela trabalhava dando aulas em um curso de inglês, então tinha horários incertos, dias que trabalhava apenas de tarde, dias que trabalhava durante os dois turnos, e ele, trabalhando em uma agência de publicidade, tinha um horário fixo e diário, que muitas vezes se estendia para a noite. Era uma vida tranquila, e ele sabe agora que era a vida mais tranquila que poderia ter com ela. Essa vida em conjunto começou a terminar na manhã em que recebeu uma ligação. A agência onde trabalhava havia começado um processo de fusão com outra agência, mais conhecida e com um número maior de funcionários, e Samuel estava sendo convocado para uma reunião sobre os cortes que a agência sofreria. Ele foi um dos cortes, perdeu o emprego sem estar preparado. Ao contar para a outra pessoa o que havia acontecido, com um receio estranho, uma sensação de ter falhado não apenas consigo mas com ela também, recebeu uma resposta tranquila, era uma tarde de domingo, demorou um dia e meio para reunir a coragem e contar, e ela disse que tudo bem, dariam um jeito, ele não precisava se preocupar. De qualquer forma, ainda tinha o seguro do desemprego, que manteria as contas em ordem até encontrar outro trabalho.

Os meses do seguro passaram e Samuel não encontrou nada a não ser dois trabalhos esporádicos como *freelancer*. A verdade é que não teve empenho, porque, como acontece com boa parte dos publicitários que conheceu, se desiluiu com a profissão e não sentiu tristeza ao ser demitido, mas desânimo pelos anos de estudo que naquele momento pareciam não importar mais. A pessoa com quem tinha um relacionamento, claro, não poderia sustentar um apartamento sozinha, e ele não conseguia aceitar que a vida seria aquilo, ter um emprego no qual não acreditava, viver a mesma rotina forçada por anos sem entender o sentido. Talvez fosse só uma crise, ele diz, evitando olhar para Laura, um momento na vida que é preciso ter paciência, repensar, mas como explicar isso para a outra pessoa quando ela depende de um retorno financeiro, não só ela depende, o apartamento, a comida, a luz, a água, tudo depende do retorno financeiro, um retorno que talvez demorasse algum tempo para existir de novo. Então a possibilidade, a melhor resolução imediata, era alugar um quarto, um dos dois quartos no apartamento. Ela disse que um amigo estava procurando, que ele se encaixaria bem na rotina e que o seu retorno financeiro daria mais algum tempo para Samuel, só até ele conseguir outro trabalho. A sequência de eventos era incontrolável, porque ele não conseguiria explicar o que estava sentindo, qual era o verdadeiro problema, ela jamais aceitaria. Então concordou com essa resolução, sabendo que não seria tão temporária assim, esperando que esse amigo dela

fosse uma pessoa interessante com quem pudessem de fato conviver em simbiose. Mas ele não era. Descobriu isso nos primeiros dias. Foi a pior decisão que fizeram. O Agregado de fato era um amigo antigo dela, um amigo que Samuel não conhecia e que destoava de todos os amigos que ela tinha. Se conheceram na escola e mantinham um contato eventual desde aquela época. Ela gostava dele, achava o Agregado simpático, talvez até engraçado, embora fossem pessoas muito diferentes. Ela era capaz de conviver com o Agregado, com o espaço que ele ocupava, mas Samuel não. Isso ficou claro no primeiro domingo desde a mudança dele.

No meio da tarde, Samuel quis caminhar um pouco. Ainda estava calor, mas era um calor ameno, e ele havia passado o sábado inteiro fechado no quarto, assistindo filmes de faroeste no notebook. Então saiu e caminhou pelo bairro por uma ou duas horas, parando em dois cafés onde costumava ir com frequência. Resolveu voltar para o apartamento no início da noite. Antes de abrir a porta, escutou as vozes cantando em uníssono, e a risada dela às vezes interrompia o canto. Era uma versão dela que Samuel não conhecia. Entrou no apartamento e viu ambos com o notebook do Agregado, na tela uma espécie de karaokê brega estava sendo reproduzido, uma letra meio estúpida, e Samuel não imaginava que ela pudesse gostar daquilo, se divertir cantando em um domingo, dia que geralmente usava para organizar exercícios ou provas, corrigia trabalhos, e separava algum tempo para estar com Samuel, assistir a um filme juntos, conversarem, cozinhare. O espaço que o Agregado ocupava, um espaço de felicidade constante, não era o mesmo ocupado pelo casal, um espaço de calma e silêncio que ambos pareciam necessitar.

Isso fez com que pensasse no quanto de fato a conhecia, porque quando estava com os amigos artistas ou com os que apreciavam arte de uma perspectiva elitista, ou até mesmo quando ela estava com os outros professores do trabalho, não costumava mudar a personalidade, que sempre se mantinha sóbria e séria. Essa mudança apenas ocorria com o Agregado, com a capacidade que ele tinha de conversar, de integrar as pessoas em um ambiente, e no início, apesar da estranheza, Samuel tentava uma espécie de simpatia, não queria transparecer o incômodo, e logo o Agregado começou a acreditar que eram amigos, contou vários detalhes da sua vida para Samuel, parecia não haver nenhum problema em detalhar episódios, com o devido exagero de orgulho, sobre as mulheres que conheceu e os porres que tomou. Isso aproximava o Agregado de Samuel, mas jamais aproximaria Samuel do Agregado. Não gosto de pessoas que forcem algo, Samuel diz, algo que obviamente não existe.

Ele interrompe o relato. Laura permanece na mesma posição, como se respeitasse o tempo de silêncio que precisa, mas Samuel não tem mais vontade de seguir falando.

– E como o teu relacionamento terminou?

Laura enfim pergunta. Passando a mão pelo cabelo, Samuel suspira, tem a vaga impressão de que a luz da sala se torna mais opaca.

– Eu fui embora.

Diz, sem olhar para Laura.

– Como assim, tu deixou teu relacionamento porque não conseguia dividir o apartamento com outro homem?

– É mais complexo do que isso.

– Então me explica.

Samuel levanta do sofá. A chuva continua na mesma intensidade e de repente a perspectiva de ficar ilhado no apartamento de Laura parece interessante. Ela fica olhando para Samuel, mantém uma rigidez na postura, como se esperasse que o diálogo em breve fosse se transformar em discussão.

– Eu não sentia mais o relacionamento em mim. É estranho dizer isso, mas talvez a presença de outra pessoa tenha revelado questões que antes eu ignorava.

– Que tipo de questão?

O tom de Laura é provocativo, mas ela parece se arrepender em seguida que pergunta. Pega o maço de cigarros.

– Não sei. Tanto faz.

– Tanto faz pra ti, talvez.

Ela diz com o canto da boca, enquanto acende o cigarro.

– Tu já sentiu uma pessoa se esvaziar pra ti, perder qualquer tipo de atração?

Laura dá a primeira tragada e solta a fumaça.

– Claro. Mas não parece ser o teu caso.

– Como assim?

– Parece só que tu perdeu o controle.

Samuel para em frente a ela.

– O que tu quer dizer?

Sorrindo, Laura dá outra tragada e cruza as pernas.

– Tu basicamente disse que o relacionamento funcionava bem até que tu perdesse autonomia financeira e que ela precisasse alugar o quarto pra um amigo, que ajudaria com as contas. Depois tu falou que ela se divertia com esse amigo de uma forma diferente. O que isso parece pra ti?

Ele balança a cabeça negativamente e cruza os braços.

– Não sei, Laura.

Agora ela ri, os dentes alinhados e por trás dos óculos os olhos se fecham por um segundo. Bate as cinzas do cigarro no pequeno cinzeiro que está sobre o braço do sofá.

– Calma, não tô te acusando de nada.

Laura passa a mão onde Samuel estava sentado antes e pede para ele voltar. Quando senta de novo, ela o abraça e beija seu rosto.

– Não quero mais falar sobre isso.

Tudo bem, ela diz, e termina de fumar o cigarro em silêncio.

Acordar na cama de Laura pela segunda vez, e pela segunda vez ir embora antes que ela acorde também. Os olhos doem quando sai do prédio, a luz do dia nublado e ainda uma chuva fina, que acompanha Samuel até chegar em seu apartamento. O frio molhado da rua é quase insuportável, devem ser entre oito e nove da manhã, não viu o horário no celular e está pensando no que dizer, se é que precisa dizer, inventar uma história para o segundo sumiço. Caminha como se estivesse condenado a essa caminhada. Encontra pessoas que se recuperam da noite, com resquícios de vômito nos casacos, os olhos tentando encarar um ponto fixo enquanto caminham com as pernas moles. Antes de chegar no prédio em que mora, ainda passa por um homem que está sentado na calçada. Chora embaixo da chuva, com os braços cruzados sobre a cabeça, os joelhos tremendo. Parece a vítima de um mal absoluto. Samuel passa ao largo dele, assim como duas ou três mulheres que caminham em silêncio, as roupas de festa desarranjadas em seus corpos. Quando finalmente chega em seu prédio, mais molhado que pensou que ficaria no início da caminhada, sente arrependimento por ter ido embora. Talvez, se tivesse conversado com Laura, poderia ficar ali durante o dia, ou durante mais uma noite.

Na cozinha, em pé, está o Agregado. Que abre uma embalagem de queijo fatiado para fazer um sanduíche. Ele sorri ao ver Samuel, um sorriso que esboça a falsidade absoluta, e pergunta se a noite foi boa. Samuel não responde e vai direto para o quarto, pisando devagar para não fazer barulho com os pés, mas, em vez de Marcela dormindo ali, encontra a cama intacta, como estava quando arrumou na manhã anterior. Volta até a cozinha e encontra o Agregado terminando de passar café. Está vestindo um moletom cinza desbotado e uma bermuda.

– Cadê a Marcela?

Pergunta, parando atrás do Agregado com um movimento mais brusco do que gostaria.

– Ela saiu ontem de noite.

O Agregado responde enquanto tira a jarra da cafeteira e serve uma xícara. Pergunta se Samuel gostaria de café.

– Como assim ela saiu, com quem?

– Disse que ia ver uns amigos. Só isso.

Coloca a jarra metade cheia de volta na cafeteira e afasta da mesa uma das cadeiras. Senta com as pernas cruzadas. Dá uma mordida no pão com manteiga e queijo e, só agora, olha para Samuel.

– Ela não dormiu em casa?

Faz a pergunta com resposta óbvia.

– Não que eu tenha visto.

O Agregado responde mastigando.

– Tu não sabe pra onde ela foi?

– Eu não sou pai dela.

Ele diz isso e sorri, dando outra mordida no pão com manteiga e queijo.

Samuel começa a fazer outra pergunta, mas desiste. Vai até o quarto e fecha a porta. Só então tira o celular do bolso da calça e confere se recebeu alguma mensagem. Nada. Nem qualquer ligação de Marcela. Checa na única rede social que tem conta o último horário em que ela esteve online e já fazem oito horas. Fica olhando para a cama, tentando decidir se liga para ela ou se deixa assim e vai dormir. Uma taquicardia começa, olha para as suas mãos e elas estão tremendo. Estranhamente não está preocupado com a segurança de Marcela, mas talvez não consiga dormir sem falar com ela.

Joga o celular na cama e tira o casaco. Abre a porta do quarto e volta até a cozinha. O Agregado está na metade do sanduíche, bebendo o café em goles curtos. Olha para Samuel como se ele fosse um cachorro morto prestes a ser chutado.

– Tu falou pra ela o que eu te disse, né?

Pergunta, contendo um pouco da raiva.

– O que tu me disse?

– Aquele dia, depois da exposição.

O Agregado ergue os ombros, bebe outro gole de café.

– Ela me perguntou. Eu só comentei.

Sem pensar, Samuel dá um tapa na mão do Agregado, a metade do pão com manteiga e queijo voa até a parede e cai no chão. O Agregado permanece sentado, olhando para Samuel, a mão direita ainda erguida onde estava antes do tapa.

– Que merda foi essa?

O Agregado grita, como se tivesse saído do estado de choque, e levanta. Empurra Samuel com as duas mãos e tenta acertar um soco no rosto dele, mas Samuel desvia. Vai até o corredor e se afasta do Agregado, que fica parado, olhando para ele.

– Tu sabe que tu é um imbecil.

Diz em voz baixa, e desvia de outra investida do Agregado, que agora começa a gritar insultos e ameaças sem nexos. Eles vão caminhando pelo corredor, Samuel de costas e o Agregado de frente para ele, com o indicador da mão direita apontado enquanto diz que vai matar Samuel, que vai esfregar o rosto dele no vidro quebrado, que vai queimar as roupas dele e depois o apartamento, e Samuel fica escutando, ambos já estão na sala, e quando o Agregado faz outra investida contra ele, de alguma forma consegue desviar e ao mesmo tempo emendar um soco que raspa na orelha do Agregado. Ele solta um urro e espalma a mão no rosto de Samuel, como se estivesse segurando o rosto dele, e com a perna esquerda o derruba no chão.

Samuel sente o impacto nas costas. Parece que seu peso faz tudo tremer no apartamento, o Agregado tira a mão de seu rosto e sobe em seu corpo, continua gritando ameaças surreais e dá um soco no rosto de Samuel, a cabeça bate no chão e volta, uma surdez momentânea, então recebe outro soco e o mesmo movimento na cabeça, e, quando vai receber o terceiro, um outro grito se mistura aos berros do Agregado, Marcela chegou, Samuel consegue ver com o canto do olho, e ela corre até eles e segura o Agregado por baixo das axilas. Ele se debate, talvez até machuque Marcela, mas ela consegue afastar o Agregado de Samuel, caem no chão, e quando o Agregado levanta pega suas chaves e sai do apartamento dizendo que vai matar Samuel.

– Talvez agora tu concorde que ele precisa ir embora.

Deitado na cama, ele observa Marcela, que está sentada na poltrona, com o notebook no colo, digitando sem parar há cinco minutos.

A tarde de domingo, silenciosa, está pela metade, talvez sejam quatro ou cinco horas, e Samuel sente uma pressão atrás da cabeça, os maxilares doem. Dormiu um pouco desde a hora que o Agregado saiu e ainda não viu como está o seu rosto.

– Não sei como tu consegue manter a calma.

Marcela diz, sem parar a digitação nem olhar para Samuel.

– O que tu tá fazendo?

– Terminando um texto pra aula de amanhã.

Samuel então se ergue sobre os cotovelos e coloca as pernas para fora da cama. A dor não é tanta quanto poderia ser. Vai até a sala, onde deixou seu celular, e vê que recebeu uma mensagem de Laura perguntando se algum dia ele poderia esperar ela acordar antes de ir embora. Retorna para o quarto e vê Marcela inclinada, lendo atentamente o que acabou de escrever.

– Amanhã a gente vai conversar. Nós três.

Ela diz, sem tirar os olhos da tela.

O Agregado não volta para o apartamento no domingo. Samuel e Marcela passam o resto do dia entre o silêncio de quem não quer falar sobre o que precisa ser falado e trocas eventuais de informações cotidianas. Assistem a um filme juntos depois de jantar, deitados na cama, e Samuel às vezes olha para Marcela esperando talvez que ela diga qualquer frase, que explique onde esteve na noite anterior ou que de fato decida mandar o Agregado embora, mas os olhares dele não são correspondidos e ambos dormem logo em seguida que o filme acaba.

São quatro horas da manhã quando Samuel acorda, ele confere no relógio do celular. Sente um vazio no espaço ao lado dele e toca para ver se Marcela de fato não está ali. Ao mesmo tempo, escuta um estalo na sala, um suspiro abafado. Levanta e veste o roupão branco que era dela e que ele às vezes usa para levantar no meio das madrugadas de inverno.

Entra na sala e encontra Marcela de pé, em frente à janela, olhando para a rua. Não se aproxima dela, fica parado na entrada da sala, observando o meio perfil iluminado pelas luzes claras que entram dos postes na calçada. Os cabelos pretos amarrados em um coque e os braços cruzados.

– Eu acho tão bonita a rua de noite.

Ela fala, com o mesmo tom de nostalgia raro que emprega ao ver lugares que eram importantes em sua vida antes de conhecer Samuel.

– O que tu acha bonita nela?

Pergunta, dando um passo em frente mas parando.

– Pena que quase não tenho mais tempo pra olhar.

Marcela ignora a pergunta de Samuel com um leve movimento da mão direita no outro braço. Na escuridão parcial, ela parece outra pessoa, o pijama adquire uma cor diferente e nenhum barulho ressoa a não ser na sala.

– Não entendi.

Ele arrisca.

– Queria ter mais tempo pra olhar a rua de noite.

Passa a mão pelo braço novamente, como se tentando conter um arrepio, a respiração dela produz uma fumaça insípida que Samuel só consegue enxergar quando anda mais dois passos na sala.

– Tu precisa de alguma coisa?

Ele pergunta.

– Engraçado. Eu ia te perguntar a mesma coisa.

Marcela muda para um tom acusatório e continua olhando pela janela.

– Não. Eu tô bem.

Responde e deixa que o silêncio volte a se estabelecer. Cogita sentar no sofá, mas acha melhor permanecer de pé. Quando já está pensando em voltar para a cama, Marcela diz:

– Tu sabe que tá difícil, né?

– O que tá difícil?

– A gente.

Escuta, depois que isso é dito, o suspiro de Marcela, e ela se vira para olhar Samuel, metade do rosto agora iluminado.

– O que tu quer fazer?

Ela o observa por mais alguns segundos e então volta a olhar pela janela.

– Não sei.

Quer vir no meu apartamento mais tarde, Samuel digita. Deixa o celular em cima da mesa e fica relendo a mensagem. Olha para o único cliente do café, um senhor de óculos e blazer que lê o jornal do dia e bebe um espresso. A mulher atrás do balcão ainda não viu Samuel, está passando o dedão pela tela do próprio celular. Ele relê a mensagem pela quarta vez,

acrescenta um horário, não consegue decidir se complementa com alguma outra informação ou se envia assim mesmo.

A mulher atrás do balcão o enxerga e sorri quando o reconhece. Ela larga o celular e pega um cardápio, vem caminhando na direção de Samuel, que sorri também, e diz, quando ela se aproxima, que nem precisa do cardápio, vai querer um espresso duplo. O senhor da outra mesa ergue os olhos do jornal para Samuel, talvez não tivesse reparado antes que outra pessoa estava ali. A mulher prepara o café enquanto Samuel lê a mensagem mais uma vez e tenta complementar com a informação de que irão jantar alguma comida específica ou beber alguma bebida específica, mas apaga o complemento e resolve deixar a mensagem anterior, direta.

Quando a mulher coloca o pires e a xícara na frente de Samuel, pergunta, com genuíno interesse, onde está Marcela, fazia tempo que não via nenhum dos dois. Ele pega um dos pequenos pacotes de açúcar disponíveis na mesa e o coloca de volta no lugar, vira a xícara para que a asa fique ao alcance da sua mão direita e só então olha para a mulher, que espera uma resposta com os braços cruzados sobre a barriga.

– A minha namorada tá doente.

Ele diz, a frase sai em um tom pesaroso. A mulher franze a testa e quase fecha os olhos.

– Nossa, que pena. Manda melhoras pra ela.

Samuel apenas balança a cabeça afirmativamente e sorri. A pergunta o incomoda, decide, mesmo antes de a mulher retornar para trás do balcão, que não virá mais nesse café.

Envia a mensagem. No curto tempo que demora a resposta, imagina Laura recebendo a mensagem, esticando o braço na cama para pegar o celular, lendo o convite deitada, sorrindo talvez, e em seguida digitando uma resposta, que de fato chega antes que Samuel termine o espresso. Claro que ela aceita, só pede que ele envie o endereço. Samuel digita o endereço e, no fim da mensagem, coloca a figura de um rosto amarelo que manda beijo com um pequeno coração ao lado. Em poucos segundos Laura responde com a mesma figura.

Larga o celular de volta na mesa e fica bebendo lentamente o café, observando a mulher atrás do balcão e depois o senhor, que cruzou as pernas e tem o rosto escondido pelo jornal.

Laura entra no apartamento de Samuel. Ele abre a porta e ela entra, parece feliz em estar ali, abraça e dá um beijo rápido em Samuel, pergunta o que aconteceu com o rosto dele e depois atravessa o corredor até a sala, enquanto Samuel fecha a porta. Apesar de não ter sido grave, é

possível ver as manchas da briga com o Agregado. Por sorte, ela diz, não costuma aparecer trabalho na segunda-feira. Então tinha tempo para vir. Larga a bolsa em cima do sofá e senta. Hoje é um daqueles dias atípicos no inverno em que faz um calor inacreditável. Laura veste apenas uma camisa xadrez por cima da camiseta preta, olha para os móveis, para a estante em especial, com uma curiosidade felina. Samuel senta ao lado dela, estende o braço esquerdo pelo encosto do sofá e pergunta se Laura quer beber ou comer alguma coisa. Ela diz que agora não. Tira o celular do bolso, pedindo desculpas para Samuel, mas precisa responder rapidamente a uma mensagem. Enquanto ela digita, Samuel olha na direção da janela, onde Marcela esteve naquela madrugada estranha, sente um desconforto físico, localizado abaixo do estômago, ou do local em que ele imagina ser o estômago, desconforto que é desfeito quando Laura termina de digitar e coloca o celular no silencioso, guardando o aparelho de volta na bolsa.

– Faz quanto tempo que tu mora aqui?

Ela pergunta, cruzando as pernas e se aninhando parcialmente sob o braço dele. Ainda está arfante da caminhada, claramente ansiosa.

– Alguns anos, só.

– É bem bonito, mas não tem muito a tua cara.

Diz e olha ao redor, reparando em detalhes que foram pensados por Marcela, os livros de decoração arranjados em simetria visível na estante, dois retratos de flores raras que Samuel não lembra os nomes na parede acima deles e, em especial, as pantufas de Marcela, pretas e pequenas, revestidas com seda.

Samuel apenas sorri. Não responde a pergunta que fica pairando por alguns segundos, e, como se reparasse no silêncio nervoso dele, diz:

– Tu não vai me mostrar o resto do apartamento?

Passa a mão carinhosamente no rosto de Samuel.

– Daqui a pouco.

Ele fala e checa o horário no celular. Faltam trinta minutos. Pergunta se Laura quer um café e ela aceita.

Na cozinha, oferece uma das cadeiras para que Laura sente. Enquanto Samuel, pega a cafeteira italiana no armário do balcão e preenche as partes específicas com pó de café e água, ela observa a cozinha, o piercing reluzindo em seu nariz sempre que gira a cabeça de um ponto a outro. Parece ter curiosidade sobre todos os aspectos da vida de Samuel, ao menos do apartamento dele, é o que pensa ao colocar a cafeteira no fogão e acender o fogo.

– Me diz como foi teu dia.

Samuel fala e se encosta no balcão.

– Meu dia foi meio parado, fiquei só em casa, mas tive umas ideias legais.

– Quer me contar elas?

Laura sorri, tímida.

– Eu pensei em começar a gravar vídeos pra internet.

– Vídeos artísticos?

Ele pergunta, com ironia explícita, e Laura ri.

– Não. Vídeos falando o que eu penso sobre assuntos que considero relevantes.

Laura fica olhando Samuel com alguma expectativa, como se esperasse aprovação. Ele desvia os olhos para a cafeteira no fogão.

– Acho interessante tua ideia.

Escuta Laura rindo pelo nariz.

– Não acha nada.

– Só tenho dificuldade pra entender como isso funciona.

– Como assim?

– Que assuntos são esses, será que outras pessoas não falam sobre eles também?

– Talvez falem, mas tantas pessoas na internet falam besteira ao mesmo tempo, por que eu não posso me juntar aos que tentam ser sérios?

Volta a olhar para Laura. Concorde com o argumento dela.

– E como tu vai fazer isso?

– Vou pesquisar equipamento, juntar dinheiro e comprar. É um investimento mais à longo prazo.

Ele abre a tampa da cafeteira. O café está começando a brotar da pequena torre.

– Se tu quiser ajuda pra gravar, posso me oferecer.

Laura puxa o cabelo para trás da orelha, olha Samuel com um sorriso.

– Eu preciso mudar minha vida.

Ela diz, cruzando a perna esquerda por baixo da direita.

– Eu também.

Samuel abre de novo a tampa da cafeteira, mas o café ainda não está pronto. Escuta um barulho de chaves tilintando no corredor e fica na expectativa, mas lembra de que ainda devem faltar pelo menos vinte minutos.

– O que tu quer mudar?

Laura pergunta. Ele fecha a tampa da cafeteira lentamente antes de responder.

– Acho que mudar de apartamento.

Ela ergue as sobrancelhas.

– O que tem de errado com esse?

– Acho mal localizado.

Samuel fala, rápido demais, e tenta mudar o assunto perguntando se Laura bebe café com ou sem açúcar. Sem, ela responde, encarando a cafeteira.

– E tu pensa em morar sozinho ou dividir apartamento com outra pessoa?

– Não pensei nisso ainda, mas talvez prefira dividir.

Demora cerca de mais um minuto para o café ficar pronto. Samuel serve duas canecas e entrega uma delas para Laura, que assopra cinco vezes antes de beber o primeiro gole e comentar que gostou do café.

Retornam com as canecas para a sala. Do corredor, Laura fica olhando na direção dos quartos, que estão com as portas fechadas.

– Por acaso tu mora com alguém?

Ela pergunta e em seguida bebe outro gole, encarando Samuel por cima da caneca. Imobilizado pela pergunta, em pé no meio da sala, ele apenas consegue responder:

– Claro que não.

Olhando de novo na direção do corredor, Laura bebe outro gole. Então senta no sofá, e Samuel continua parado, a caneca na mão, vendo e não vendo Laura.

– Dividir apartamento pode ser ruim depois da experiência de morar sozinho.

– Tu não gostaria de dividir com ninguém?

Pergunta e agora volta a enxergar Laura, que sorri franzindo os olhos por trás dos óculos.

– Contigo?

– Sei lá.

Ergue os ombros e dá passos curtos pela sala. Bebe um gole do café.

– Eu poderia pensar nisso.

Ela diz e um silêncio se propaga na conversa. É como se uma ideia tivesse acabado de nascer, porque Samuel não havia pensado na possibilidade de forma concreta, apenas imaginado, e agora parece uma epifania quando Laura diz que poderia pensar na possibilidade. Mas ele prefere não falar sobre isso. Se for o caso, discutirão essa ideia outro dia, partindo do que acontecer ou não acontecer em cerca de quinze minutos.

Senta ao lado dela. Bebe outro gole do café.

Laura deita no ombro de Samuel e começa a falar sobre o que pretende fazer, gravar os vídeos, encontrar outro trabalho para que consiga mobiliar melhor o apartamento, se desfazer de objetos antigos que acumulou durante épocas difíceis e que hoje prefere não ter mais, fala sobre a vontade de fazer outro curso, psicologia talvez, moda, pensa constantemente em como poderia estabelecer uma base mais sólida para a sua vida.

– Eu achei que virar adulta fosse ter mais estabilidade, mais certeza, mas talvez seja o contrário.

Ele concorda, embora não consiga ainda visualizar nenhuma mudança em sua vida e saiba que até há pouco havia encontrado um tipo de estabilidade.

Terminam de beber os cafés e Samuel pega as duas canecas. Vai até a cozinha com elas. Deixa ambas em cima da pia. Retorna para a sala e enquanto está caminhando pelo corredor, enxergando Laura que tecla no celular, as pernas cruzadas uma por baixo da outra novamente, escuta o barulho da chave. Primeiro, o tilintar das chaves no chaveiro. Depois, a entrada na fechadura. Esse instante é dilatado. Laura ergue a cabeça e olha Samuel com os olhos arregalados, o celular fica meio caído em sua coxa, e Samuel, por mais que antecipasse o que aconteceria, sente uma taquicardia repentina, para na entrada da sala e se vira ao mesmo tempo que a porta abre. É o Agregado.

Primeiro, o Agregado enxerga Laura. A única reação visível é o crisar em sua testa. Enxerga Laura e para, a mão ainda segurando a chave enfiada na fechadura. Então ele desvia de Laura para Samuel, que se esforça em manter a fisionomia serena. Não faz ideia de qual é a reação física que Laura tem ao enxergar o Agregado, mas imagina que ela permanece estática, fria, sem demonstrar qualquer sentimento. Logo atrás do Agregado surge Marcela, ainda no corredor, se esgueirando para ver o que acontece dentro do apartamento.

– O que ela tá fazendo aqui?

A voz do Agregado ecoa no corredor. Samuel olha para Laura como se acabasse de perceber sua presença. O rosto dela é exatamente o mesmo que havia imaginado.

– Eu convidei ela.

É a única frase que consegue elaborar enquanto volta o rosto para o Agregado.

– Quem tá ali?

Marcela pergunta, ainda sem conseguir enxergar direito, e o Agregado se posiciona na lateral do corredor para que ela consiga ver.

– O que ela tá fazendo aqui?

O Agregado repete em um tom mais agressivo, mais alto. Marcela coloca a mão no ombro dele, como se pedisse calma e fecha a porta. Agora os quatro estão isolados pela tensão no apartamento e a única pessoa que de fato parece calma é Marcela.

– Samuel, quem é essa menina?

Laura prossegue na mesma posição.

– Pergunta pra ele.

Indica o Agregado fazendo um movimento com o queixo. Marcela se vira para ele, mas o Agregado não diz nada, encara Laura sem desviar os olhos.

Marcela então atravessa o corredor lentamente. Vai até Laura e se abaixa perto dela, ficam próximas uma da outra, Laura observando Marcela com alguma curiosidade e a mesma frieza.

– Pode me dizer quem tu é, já que ninguém me diz?

Laura então fala o seu nome e complementa indicando Samuel com os olhos:

– Ele me convidou.

– E de onde vocês se conhecem?

Laura não responde. Fica olhando para Samuel e após alguns instantes Marcela também vira o rosto na direção dele, e a expressão de Marcela mostra que ela entendeu o que não foi dito, olha para Samuel com o mesmo entendimento de todas as outras vezes em que ele escondeu alguma informação ou ato. Ela se ergue e se afasta de Laura, caminha até ele, que de forma mecânica recua um passo.

– Eu só queria te mostrar quem ele é de verdade.

Mas, antes que Samuel termine de falar, Marcela aponta na direção dos quartos.

– Eu vou me hospedar em um hotel hoje, e amanhã, às dezoito horas, quando eu voltar do meu trabalho, não quero te ver aqui.

O Agregado se aproxima de Laura, que, no mesmo instante, levanta do sofá e fica em pé, encarando ele.

– Achei que eu nunca mais ia te ver.

O tom de voz do Agregado surge com algum sentimentalismo. Laura joga o celular dentro da bolsa, olha para Samuel rapidamente e empurra o Agregado, pedindo licença. Samuel escuta o barulho da porta abrindo e fechando.

A interrupção no frio durou apenas um dia, e durante a manhã e a tarde de terça-feira Samuel vagou, parando apenas para almoçar e descansar. Aos poucos, nuvens de chuva se formaram no céu e um vento úmido começou a percorrer as ruas. Ele colocou algumas roupas e o carregador do celular na mochila. Sabe que a essa hora Marcela deve estar chegando do trabalho, mas afasta esse pensamento enquanto caminha, desce a rua que a cada dia se torna mais familiar, os troncos de árvores sem folhas, homens idosos que passam agora por ele com os sobretudos fechados até o pescoço, carregando as compras que fizeram no mercado da outra esquina. Atravessa a rua. Passa por mais três prédios e entra no próximo. Por alguma razão, o porteiro o deixa subir sem fazer qualquer anúncio. Nem olha para Samuel, na verdade, porque está entretido com uma pequena televisão que exibe uma partida de futebol em preto e branco.

Quando chega no andar certo, Samuel sai do elevador e a luz acende automática. Segue pela fila de portas fechadas, pensando no que dizer agora que finalmente criou coragem e está aqui. Para na frente da porta certa e tenta escutar algum barulho dentro do apartamento, mas tudo parece silencioso demais. Então toca a campainha, escuta o toque elétrico ressoar, e alguns segundos depois a chave gira e Laura abre a porta. Ela está vestindo um pijama preto, sem óculos, parece que acabou de ser acordada. Não demonstra qualquer reação ao ver Samuel, nem surpresa nem pesar, apenas se afasta da porta como um convite e ele entra.

Ao lado da arte, vida

1 ORIGEM E MUTAÇÃO DA IDEIA

Retomar a origem de uma obra nunca é fácil. O processo de criação passa por diversos estágios, alguns mais lentos e inconscientes, até formar uma estrutura clara ou menos turva do que será a narrativa e quais elementos a irão compor. Esse processo anterior à redação, quando pensamos em personagens e começamos a esboçar cenas, é quase como um quebra-cabeças montado no escuro, encaixamos peças com base nos formatos que são tateados e tentamos ver as imagens que formam. Para mim, é demorado até que perceba os elementos unidos em torno de uma ideia e, geralmente, noto uma narrativa a partir de uma epifania, quando um acontecimento me faz perceber todo o material que já está acumulado. Todavia, para definir um ponto de início, creio que esse romance começou a tomar forma com uma pergunta: o que, na ficção, parte da vivência do escritor e o que, na mesma ficção, acrescenta à vida do leitor?

Essa pergunta, por mais simples, nos leva a níveis abstratos de reflexão, porque não podemos definir uma resposta precisa. O processo de elaborar possíveis respostas, no início, era inconsciente, eu ainda não havia determinado o que para mim era, ou poderia ser, a figura do escritor ou a figura do leitor, mas de alguma forma já intuía que a partir da especificação dessas duas figuras poderia manusear a ficção com mais segurança.

A primeira vez que fiquei consciente dessa pergunta e do quanto ela estava presente nos meus pensamentos foi durante uma palestra do escritor Bernardo Carvalho. Ele comentava as histórias pessoais que levaram à escrita de três dos seus romances mais conhecidos: *Nove noites*, *O filho da mãe* e *O sol se põe em São Paulo*. As histórias contadas durante a palestra não eram sobre o processo de escrita em si, os rituais de trabalho ou opções que precisou fazer durante a construção da narrativa, essas histórias eram sobre situações que Bernardo Carvalho havia vivido e como elas, com seus detalhes transfigurados e adaptados para outros personagens ou para a necessidade dos romances, haviam sido transformadas em literatura. O ponto mais interessante, para mim, foi a história sobre a tentativa de assalto que o escritor sofreu em um de seus primeiros dias em São Petersburgo, um fato que definiu o resto da sua estadia na Rússia e, claro, a atmosfera de *O filho da mãe*, romance da coleção Amores Expressos que foi resultado dessa viagem.

Durante essa mesma época, o apartamento no andar de cima do apartamento em que moro era dividido por três pessoas, uma mulher e dois homens. Me impressionava as diferenças contrastantes entre os três, diferenças que eu conseguia perceber no cotidiano deles. A mulher namorava com um dos homens, e o casal era proprietário do apartamento. O terceiro morador,

que logo comecei a chamar mentalmente de agregado, vivia de maneira expansiva, escutando música ou arrastando móveis durante a madrugada. A presença dele era espaçosa, muito mais do que a presença do casal, mas a mulher parecia não se importar com isso, eu conseguia escutar as conversas entre ambos e sempre eram amistosas, empáticas, enquanto o outro homem, que falava baixo e quase nunca se manifestava, respondia com murmúrios e, se falava, era um comentário breve.

Então, em uma noite de insônia, causada pelo barulho deles, me surgiu a ideia sobre a narrativa do casal que divide o apartamento com um agregado. Foi uma imagem clara para mim, e, embora ainda faltassem alguns meses até definir estrutura e voz narrativa, tive certeza de que era possível construir um romance em torno dessa situação e ali trabalhar questões de relacionamentos, mas não partindo de experiências dramáticas e sofridas, queria mostrar como eu enxergava o relacionamento deles e os de outras pessoas, relacionamentos que muitas vezes acabam ou recomeçam de maneira aparentemente simples.

Esse foi o início de *Se fosse possível cobrir com tinta preta*, quando defini a temática. Seis meses depois, aprovado na seleção para o mestrado em Escrita Criativa da PUCRS, já havia relacionado o meu questionamento teórico com a narrativa que tomou forma no convívio com meus vizinhos. A atmosfera criada pela experiência negativa que Bernardo Carvalho teve na Rússia ficou se repetindo na minha cabeça como um eco constante. Minha intenção também era construir uma narrativa que, além de tudo, possuísse uma atmosfera própria, construída através da linguagem, e que viria da minha percepção de pessoas, situações ou lugares. Me tornei mais atento ao que acontecia ao meu redor, anotava mentalmente características de pessoas, trejeitos, paisagens que de algum modo integrariam bem essa atmosfera que aos poucos se tornava mais evidente para mim. Eu queria escrever uma narrativa noturna, melancólica, que estivesse centrada no tema do relacionamento e que variasse esse tema constantemente, mas também queria que, no romance, aparecesse a minha questão teórica, e encaixar essas ideias foi um processo lento que resultou em um projeto maior de romance, bem definido e estruturado. Projeto que não se concretizou, porque *Se fosse possível cobrir com tinta preta*, agora, apesar de manter as mesmas características, é outra narrativa.

Minha intenção era escrever um romance dividido em três partes: ficção, escritor da ficção e leitora da ficção. A melhor forma de compreender e esboçar uma resposta para minha questão principal seria através da ficção, delimitando quem seria o escritor, seus traços de personalidade, condição social, experiências de vida, e quem seria a leitora, definindo também nela as mesmas características. As três partes seriam compostas por narrativas próprias, com

conflito e encerramento, mas se espelhariam entre si, variando a temática e os elementos da temática, e transfigurando principalmente as cenas, que de certa forma se repetiriam, porque a ideia, assim como Bernardo Carvalho propôs em sua palestra, era que o escritor passasse por situações que estariam narradas de outra forma em sua ficção, situações então que seriam interpretadas pela leitora e assimiladas em seu cotidiano, na sua forma de enxergar ou compreender a vida. A primeira parte, a ficção, não possuiria referentes da realidade, de maneira que a cidade em que se passa a narrativa e os cenários dessa cidade seriam apenas nomeados seguindo uma lógica interna do romance (por exemplo: Agência, Instituto) e não com seus nomes reais, localizados em ruas que podemos encontrar em mapas fora da ficção. Essa primeira parte, e apenas ela, se transformou em *Se fosse possível cobrir com tinta preta*, mas explicarei melhor no decorrer deste trabalho os motivos que me levaram a suprimir as outras duas partes e como adaptei os elementos narrativos previstos no projeto inicial.

A segunda parte do romance focaria na leitora da ficção. Aqui, já teríamos uma cidade nomeada, Porto Alegre, e todos os lugares frequentados estariam identificados pelos nomes reais. A leitora seria professora de alemão no Instituto Goethe e estaria vivendo a transição em um relacionamento, características que espelhariam situações da primeira parte. Sua narrativa, em primeira pessoa, começaria no momento em que ela terminasse de ler o livro, e a partir daí repensasse suas escolhas e potenciais experiências futuras. Segundo o planejamento da estrutura, que repetiria a primeira parte, a parte da leitora estaria concentrada em poucos dias, que mostrariam o fim e o início de períodos em sua vida. Ela frequentaria lugares narrados na primeira parte e os identificaria, mas em nenhum momento se interessaria em saber quem era o escritor da ficção.

Roland Barthes, em seu texto *A morte do autor*, escreve de forma lapidar “[...] o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor” (BARTHES, 1988, p. 70). Retomarei o texto de Barthes ao longo deste ensaio, mas gostaria de destacar essa frase porque ela está em consonância com a minha ideia de leitora, ou seja, para que exista uma autonomia absoluta de interpretação, precisamos esquecer a ideia clássica de Autor, a figura que conhecia e determinava a interpretação da obra principalmente através da crítica baseada em sua biografia. Minha intenção era afastar escritor e leitora em termos de presença física, mas, claro, existiria uma espécie de simbiose literária que os aproximaria e, dentro da lógica interna do romance, espelharia suas vidas.

A terceira parte, a do escritor, seria temporalmente anterior à leitora, porque aconteceria antes da escrita da ficção. Da mesma forma, a estrutura da narrativa implicaria com o fim de

um período da sua vida e o início de outro, mas a diferença, na parte do escritor, é que os referentes da realidade o aproximariam de mim. Ele seria um aluno do mestrado em Escrita Criativa na PUCRS, conviveria com pessoas que teriam seus nomes reais inclusos na narrativa e frequentaria locais que seriam, depois, os mesmos descritos na parte ficcional. Com essa parte, minha intenção era criar uma tensão máxima entre o real e a ficção, e esse processo aconteceria em um crescendo desde a primeira parte.

Durante o planejamento da narrativa, me vinha a ideia de *2666*, romance póstumo do escritor chileno Roberto Bolaño, que é dividido em cinco partes. Essas partes narram núcleos distintos de personagens, mas são amarradas pelo tema da violência no México e pela obsessão de um grupo de críticos literários pela figura misteriosa de um escritor. A última parte do romance narra a biografia desse escritor, até a ida dele para o México, e, apesar de narrativas com focos distintos, a parte do escritor serve como encerramento temático, conferindo mais uma camada de sentido para o romance. Era essa a intenção com a terceira parte do meu projeto, que o escritor, apesar de ter uma narrativa distinta e espelhada nas outras duas, encerrasse tematicamente todo o romance e recuperasse elementos apresentados anteriormente.

Meu interesse principal, nesse projeto, era mostrar a literatura como uma não representação da realidade, como um espaço próprio que obedece a processos particulares e que produz pensamento. A ideia era, e continua sendo, ir contra o lugar-comum de contar uma boa história, porque, sim, a história, a narrativa, é um dos componentes de uma obra literária, talvez, de certo modo, o que a englobe, mas não é desprovida de potência. Simplesmente contar uma boa história, simplesmente ler uma boa história é ignorar a complexidade de uma obra de arte. Não existe obra literária, em qualquer gênero, desprovida da sua própria lógica interna e dependente do engajamento de um leitor. Podemos ler apenas por prazer, claro, mas de qualquer forma há uma obra, e esse fato não anula o prazer da leitura, não impede que a obra, qualquer obra, amplie nossa noção de mundo, que tenhamos acesso a uma nova experiência. Foi pensando nisso que aumentei o espectro da primeira parte do romance, a parte ficcional, e defini algumas questões que surgiriam durante a narrativa.

Eu também queria, com esse romance, pensar a recepção da arte. Além da figura da leitora e da recepção da literatura, haveriam outras obras de arte que permeariam a narrativa, contribuindo para a expansão do tema e para a mudança de percepção que os próprios personagens teriam no decorrer do romance. Queria que a arte interferisse, produzisse debates entre os personagens. Então, nas três partes, não apenas a literatura seria colocada como tema, mas também outras formas de arte.

Explico todo o projeto anterior para que se entenda de onde *Se fosse possível cobrir com tinta preta* surgiu e como foi constituído como a versão presente neste trabalho. Parte do texto foi redigida considerando o primeiro projeto, até a qualificação, quando me foi sugerido, e de fato concordei, que não haveria tempo para concluir esse romance durante o mestrado. Precisei fazer algumas adaptações e remanejar elementos prévios, de modo que o texto já pronto ainda tivesse sentido na versão que apresento agora. O curto romance presente nessa dissertação foi concebido inicialmente como a primeira parte do projeto anterior, a parte ficcional, por isso mantenho certas características, como a ausência de referentes reais de lugares ou nomes de cidade. Excluí o debate sobre literatura que haveria no romance, concentrando neste ensaio as ideias que pretendia trabalhar, e enfoquei as outras formas de arte e a relação que exercem sobre os personagens. O espelhamento que mencionei anteriormente, a variação na temática, tudo ficou concentrado, e, em especial, a figura do artista está presente em todas as obras mencionadas, como estaria a figura do escritor também, sendo debatida e questionada retomando a ideia de Roland Barthes. Decidi que abordaria então dois assuntos como foco do trabalho: a possível simbiose através da ficção entre escritor e leitor e a literatura como um campo da não-representação, como um bloco de perceptos e afectos (DELEUZE&GUATTARI, 2016). Para isso, a leitura da obra de Gilles Deleuze, principalmente o que escreveu junto com Félix Guattari, foi fundamental.

2 OPÇÕES DE CRIAÇÃO

“O artista cria blocos de perceptos e de afectos, mas a única lei da criação é que o composto deve ficar de pé sozinho” (DELEUZE&GUATTARI, 2016, p. 194). Minha intenção desde o primeiro projeto era criar um romance que funcionasse de forma indireta, não tivesse o seu tema explícito em palavras, e que não nomeasse as sensações, mas, ao contrário, as mostrasse, tentando, por meio da escolha de palavras, de uma estrutura frasal e, assim, da composição de cena, estabelecer uma atmosfera. Por isso, por exemplo, essa é uma narrativa noturna. A atmosfera pode ser um tipo de sentimento constante da narrativa, um elemento presente para quem lê e que de certa forma é inconsciente. A maior parte do romance acontece durante a noite e tem um ritmo noturno, aquele ritmo silencioso de quando paramos de conversar no meio da madrugada e percebemos que o resto da cidade está dormindo. Eu queria criar esse silêncio. Além disso, os personagens do romance que estão em processo de mudança na vida não possuem rotina, a incerteza deles permite certa aleatoriedade, fato que me proporcionou criar mais cenas noturnas. Essa falta de rotina em certo sentido é o que os une, como se buscassem a mesma coisa e não soubessem, e os coloca em uma redoma narrativa. Eu trabalho com quatro personagens centrais e eles estão claramente divididos nesse sentido.

Assim, como escrevem Deleuze e Guattari, “o material particular dos escritores são as palavras, e a sintaxe, a sintaxe criada que se ergue irresistivelmente em sua obra e entra na sensação” (DELEUZE&GUATTARI, 2016, p. 198). Nesse romance, eu queria fazer com que a pessoa que lesse pudesse perceber e sentir as cenas, ao contrário de as imaginar genericamente, então tentei com que cada elemento descrito, lugares, pessoas ou objetos, tivesse características que expressassem sensações. Por exemplo, a maioria das pessoas descritas a partir da visão do protagonista está triste ou indiferente, mas elas têm atitudes que expressam tristeza e indiferença, a palavra que designa o sentimento não é utilizada, ou seja, essas pessoas compõem a atmosfera geral do romance ao contrário de apenas servirem como bengala para a verossimilhança. Por isso, apesar de o narrador ser em terceira pessoa, era necessário que ele estivesse sempre acompanhando a visão do protagonista, as impressões mostradas durante o romance são impressões dele e filtram para quem lê esses ambientes em que a melancolia está presente.

A estrutura das frases, em sua maioria, é longa, e encadeia uma série de informações conectadas. Optei por essa estrutura porque intencionava criar blocos de texto que auxiliassem na atmosfera geral do romance, assim também muitos parágrafos são longos. Gosto de pensar

no clichê da palavra escolhida como material para a literatura, como um meio de mostrar da forma mais imersiva possível o que é narrado.

Da mesma forma, os diálogos, e sobre isso Deleuze escreve:

Com efeito, quando o autor se contenta com uma indicação exterior, que deixa intacta a *forma de expressão* (“gaguejou...”), sua eficácia dificilmente seria compreensível se uma *forma de conteúdo* correspondente, uma qualidade atmosférica, um meio condutor de palavras, não recolhesse por sua vez o tremido, o murmurado, o gaguejado, o trêmulo, o vibrato, e não reverberasse nas palavras o afecto indicado. Ao menos é o que ocorre nos grandes escritores como Melville, onde o rumor das florestas e das cavernas, o silêncio da casa, a presença do violão testemunham em favor do murmúrio de Isabel e de suas doces “entonações estranhas” (DELEUZE, 2013, pp. 138-139, grifos do autor).

O autor escreve sobre as indicações de entonação nos diálogos literários, que seriam feitas ou ditas (DELEUZE, 2013). Assim, um romancista pode mostrar o tom da fala considerando os outros elementos sonoros ou visuais da cena, permitindo para quem lê escutar a fala em meio a esses elementos, ou, no entanto, o romancista pode afirmar a entonação (murmurou, gritou, soluçou). Deleuze propõe uma terceira forma, que de certa maneira une as duas anteriores e faz com que a indicação exterior, a entonação afirmada, seja mais eficiente se a forma de conteúdo da cena corresponder ao diálogo. No trecho que mencionei ele cita Melville como exemplo do que propõe, e acredito que essa ideia esteja de acordo com a minha própria tentativa de criar a atmosfera para os diálogos no romance.

Como o narrador acompanha durante toda a narrativa as percepções de Samuel, minha ideia era dar voz para os outros personagens através do diálogo, e, assim, compor a personalidade deles, as ações, manias talvez, para que, além da fala, quem lesse também tivesse acesso a traços da personalidade de cada personagem. Optei por utilizar linguagem coloquial nos diálogos e fazer um recorte regional de Porto Alegre. Então, apesar de a cidade não ser nomeada, é possível que ainda assim esses traços componham a noção de local. Ao fim da maioria das falas, quando há silêncio entre os personagens, há movimento no ambiente. Retorno ao que escrevi sobre atmosfera, cada elemento do romance, em cada situação, pode ser utilizado de maneira exponencial, desempenhando uma função objetiva ao mesmo tempo que influencia o restante do diálogo, da cena ou do texto.

Outra opção narrativa que fiz e que considero importante mencionar neste ensaio é sobre narrar o banal. Quando reestruturei o projeto para o romance apresentado aqui, mantive as primeiras cenas, longas, e decidi que o resto da narrativa seria estruturado dessa forma, em longas cenas alternadas por breves sumários. Essa escolha me permitia, além de aproveitar o tempo da narrativa, ou seja, os poucos dias em que a havia planejado, narrar também o cotidiano

banal dos personagens. Então, por assim dizer, nada espetacular acontece, Samuel compra café, procura emprego, faz caminhadas pelo bairro, e os personagens ao seu redor trabalham e vão a restaurantes. A referência para esse tipo de narrativa veio, em especial, do romance *Stoner*, escrito pelo norte-americano John Williams. O romance narra a vida de um professor universitário, desde a sua infância rural até a morte. Por mais simples que esse resumo em uma frase seja, o que está contido no romance são os acontecimentos banais na vida desse homem, o casamento fracassado e as disputas egocêntricas na profissão. *Se fosse possível cobrir com tinta preta* tem pouco em comum com a narrativa de Williams, mas o principal é essa vontade de mostrar o cotidiano, os detalhes banais que muitas vezes são ignorados e que mesmo assim fazem parte da nossa existência abundante. Mais uma vez, esse detalhe da narrativa justifica o protagonista e a escolha do narrador. Dentro da lógica interna do romance, procurei estabelecer camadas de características e ações cotidianas para que a leitura gerasse também uma identificação nesse sentido.

Sobre os personagens, comentarei brevemente porque pretendo analisar melhor as relações entre eles mais adiante. A minha maior preocupação, durante a escrita, foi Marcela. Sabia, seguindo o planejamento, que não havia tantas cenas em que ela apareceria, e que somente através dos relatos de Samuel e de suas lembranças inconfiáveis seria mostrada para quem lê. Decidi, então, criar um contraponto entre quem ele acha que Marcela se tornou e quem Marcela de fato é, ou quem ela de fato pode ser nas cenas em que aparece. Não gostaria que essa personagem ficasse destinada à espera e nem que tivesse qualquer tipo de atitude passiva. Por isso, como exemplo, Marcela também sai em uma noite, sem avisar, e mesmo que essa atitude possa ser interpretada como apenas reativa ao que Samuel está fazendo, acredito que na penúltima cena, quando parte dela o fim do relacionamento, Marcela exponha quem de fato foi durante todo o romance.

O surgimento do Agregado, assim como o de Laura posteriormente, marca o início de um novo período para Samuel e Marcela. A presença dele no romance é pontual, aparece em poucos momentos dos dias em que a narrativa ocorre, mas é retomado com certa frequência por Samuel, que o considera como o principal responsável para que sua vida com Marcela esteja acabando. O Agregado é um oposto de Samuel, mas o que os conecta, além da falsa camaradagem masculina exposta nas primeiras páginas, é que cada um deles pensa apenas em si. Podemos talvez considerar que Samuel condena o Agregado por uma atitude que ele mesmo realiza.

Laura funciona como uma espécie de saída para Samuel. No momento em que surge um problema insolúvel, ou que ele já não quer mais resolver, Laura está ali como a resposta, e o mais fácil é deixar que aconteça a ruína de tudo para só então utilizar a possibilidade que ela indiretamente oferece. Para mim, Laura é uma personagem que está ali com o propósito de expandir a narrativa. Ela é um escape, se considerarmos apenas estruturalmente, alguém que redefine as condições estabelecidas anteriormente. A narrativa se passa no presente, a partir do momento em que Laura aparece, e quem lê só tem acesso ao que ocorreu antes por meio das lembranças de Samuel e dos diálogos que tem com Marcela. A ruptura que Laura propõe é clara, porém é uma ruptura suspensa, se considerarmos o fato de que o único personagem em parte passivo na narrativa é Samuel e que, assim como Laura apareceu, depois outra personagem poderia aparecer e romper com o que ele estivesse vivendo. No entanto, Laura é outro contraponto para o romance, porque Samuel a procura com uma ideia formada de quem ela é, partindo de relatos e de pesquisas na internet. Quando começa a conhecer Laura percebe que, apesar dos traumas, ou por causa deles, ela é uma pessoa crítica e aparentemente segura.

O centro na estrutura do romance é Samuel, não apenas por ser o protagonista mas por sua condição de passividade. Ele espera por um trabalho que não quer, espera que o Agregado vá embora, espera que Laura o receba, e todos os personagens são obrigados a esperar por ele em algum momento da narrativa. O passado mais antigo a que temos acesso é o momento em que conhece Marcela. A família dele não é citada. Aliás, não é citada a família de nenhum personagem, como se todos dependessem das relações ocasionais que estabelecem e não possuíssem qualquer tipo de núcleo ou lugar central para onde voltar. Samuel não se move por conta própria, praticamente todas as suas ações são motivadas por outros personagens, parecendo que, durante todo o romance, o protagonista não demonstra vontade. As suas percepções são, na maioria, melancólicas, e se desaloja porque, de repente, perde o controle que tinha.

3 AS OBRAS DE ARTE NO ROMANCE

Em seu texto *Ao sair do cinema*, Roland Barthes escreve:

O sujeito que fala aqui deve reconhecer uma coisa: gosta de *sair* de uma sala de cinema. Ao encontrar-se de novo na rua iluminada e um pouco vazia (é sempre à noite e em dia de semana que vai ao cinema), e ao dirigir-se molemente para algum café, anda silenciosamente (não gosta muito de falar do filme que acabou de ver), um pouco entorpecido, encapotado, friorento, em suma, sonolento: *ele está com sono*, eis o que pensa; o seu corpo tornou-se algo sopitável, doce, tranquilo: mole como um gato adormecido, ele se sente um tanto desarticulado, ou ainda (para uma organização moral o repousou só pode estar aí) irresponsável. Enfim, é verdade, ele está saindo de uma hipnose (BARTHES, 1988, p. 345, grifos do autor).

Barthes se coloca como personagem de uma cena. Não é a única vez que faz isso ao longo de sua obra. Todavia, o que chama a atenção é o fato de que esse personagem narra os efeitos de uma experiência. O autor depois desenvolverá o termo que usa, hipnose, e escreverá sobre o escuro do cinema e sobre o erotismo, mas é no parágrafo inicial desse texto que está concentrada uma reação física à experiência da ida ao cinema, que, esclarece, não é comparável a assistir televisão em casa. O filme no cinema está envolto por uma atmosfera, é uma obra de arte exibida e tudo o que está no entorno dela, envolto na escuridão, faz parte do estar ali, quase como se o exterior pudesse influir na nossa memória de determinado filme. Barthes, no entanto, não descreve qualquer tipo de detalhe sobre a ida ao cinema, são reações físicas, o seu corpo sai em um estado diferente do que entrou, a sonolência, a tranquilidade, e imaginar o autor procurando um café depois de ir ao cinema nos faz querer estar com ele, compartilhar da experiência junto com Roland Barthes, mas é possível que tivéssemos uma reação diferente, que saíssemos do cinema e não entendêssemos como o autor poderia ficar em tal estado, porque nós não estamos em estado nenhum, o filme, o escuro, a atmosfera, nada disso nos comoveu de forma nenhuma.

Quando Barthes descreve as reações que tem ao sair do cinema, está descrevendo algo muito particular. Por mais que algumas pessoas compartilhem da mesma experiência, outras podem sair nesse estado específico de um concerto, por exemplo, ou de um show. Podem terminar a leitura de um livro e sentir que houve uma mudança física enquanto outras pessoas terminam um livro e começam outro sem perceber nada diferente.

A reação a uma obra de arte pode ser silenciosa, como a de Barthes, ou, digamos, expansiva, quando há uma discussão, por exemplo, sobre o que acabou de ser assistido. Esse aspecto da recepção é o que mais me intriga. Vamos supor que você foi ao cinema com outra pessoa e gostou do filme, compreendeu aspectos subtextuais, as motivações dos personagens,

as quebras na narrativa, enfim, você sai do cinema com a certeza de que entendeu perfeitamente tudo o que assistiu. Quando a outra pessoa começa a falar sobre os diálogos ou sobre aquela cena em que a temporalidade fica duvidosa mas que, por tal e tal detalhe, só pode ter acontecido no passado, ou, o que é ainda mais interessante, quando a outra pessoa faz uma espécie de análise filosófica e passa para você outra dimensão do mesmo filme. Quando esse tipo de conversa acontece, são duas recepções particulares entrando em contato. Você entendeu o filme com base no que conhece, relacionou com referências que domina ou com algum período da sua vida, aprendeu coisas novas e relacionou o que foi aprendido com coisas antigas. A outra pessoa fez o mesmo. Então, no momento em que há essa troca, a interpretação do filme recebe outras camadas, se torna mais densa, e é como se a nossa percepção aumentasse. Por isso, talvez, seja tão comum assistirmos a um filme ou lermos um livro e, imediatamente depois, pedirmos para que outra pessoa assista ao mesmo filme ou leia o mesmo livro. Queremos conversar com essa pessoa, saber o que ela entendeu da mesma obra, queremos ouvir sobre a experiência que teve.

Experiência, aqui, de certa forma pode ser comparada a conhecimento. Adquirimos experiência com situações na vida, mas também podemos adquirir experiência observando situações na vida de outras pessoas. Da mesma forma com a arte. Experimentamos uma obra de arte e é como se ela expandisse algo em nós, adquirimos um conhecimento que não conseguimos nomear e que é tão pessoal quanto qualquer outra experiência prática em nossa vida, e quando dividimos essa experiência, quando proliferamos uma obra de arte, estamos em agenciamento. Não somos os mesmos após a obra de arte e a obra de arte não é a mesma em nós.

Para Deleuze e Guattari, “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE&GUATTARI, 2007, p. 17). Talvez não possamos considerar a recepção da arte sem pensarmos em multiplicidade, sem a desterritorialização e a reterritorialização. A arte influencia sem necessitar do seu autor, mas, ao mesmo tempo, ela ainda guarda seus referentes, aquilo que só determinada pessoa pode criar sendo quem é.

Quando estabeleci a temática do romance e decidi que incluiria algumas obras de arte na narrativa, sabia que elas precisariam ter função dupla. Primeiro, as obras provocariam conversas no romance, originariam discussões que agregariam interpretações ou levariam para outras reminiscências, ou seja, as obras auxiliariam na construção dos personagens e nas questões sobre arte que me interessavam debater. A segunda função das obras no romance seria

a de acrescentar camadas na leitura de quem estivesse lendo. Nenhuma das três obras está diretamente ligada com a narrativa, nenhum dos personagens é artista ou estuda arte, de modo que, por si, as três obras são autossuficientes e são incluídas na narrativa mais como uma espécie de colagem do que como artifício técnico. Assim, as obras funcionam como elementos que potencializam o tema no romance.

Outra característica das obras é que as três são baseadas em aspectos biográficos dos autores. Eu tinha a intenção, dentro da própria narrativa, de criar o debate sobre a presença do autor na obra de arte, todavia mudar o foco, que antes era a presença do escritor na obra literária, me permitiu testar outras formas de arte e explorar de maneira mais completa a relação temática que cada obra tem com o romance. Nesse sentido, as três obras são um filme, um vídeo na internet e uma performance. Minha ideia era que as obras partissem de materiais diferentes e que, então, tivessem uma durabilidade própria. Das três, o filme é a obra de arte mais canônica e passível de ser mantida e reproduzida. O vídeo na internet, apesar de também ser uma obra audiovisual, está fadado ao *feed*, à barra de rolagem na *timeline*, ou seja, por mais que permaneça armazenado onde qualquer espectador inicialmente o encontrou, o vídeo na internet sofre o paradoxo de ser momentâneo porque se perde em meio a outros milhares de vídeos que surgem diariamente. Digamos assim, a sua armazenagem e possibilidade de cópia permite que o vídeo na internet dure tanto quanto um filme, mas o efeito que ele gera é mais instantâneo e logo ignorado em detrimento de outros vídeos. A performance, no entanto, é a única das três que tem a sua durabilidade pautada apenas em registros secundários, porque a obra em si é efêmera e dura exatamente o tempo em que ocorre. Mesmo registros secundários, como vídeos ou fotos, não dão conta de produzir a experiência que é assistir a uma performance. Os registros geram outra experiência, outra forma de interagir com a obra.

Assim, sobre o material da arte, Deleuze e Guattari escrevem:

E, todavia, a sensação não é idêntica ao material, ao menos de direito. O que se conserva, de direito, não é o material, que constitui somente a condição de fato; mas, enquanto é preenchida esta condição (enquanto a tela, a cor ou a pedra não virem pó), o que se conserva em si é o percepto ou o afecto. Mesmo se o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar em si, *na eternidade que coexiste com esta curta duração*. Enquanto dura o material, é de uma eternidade que a sensação desfruta nesses mesmos momentos. A sensação não se realiza no material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto e no afecto (DELEUZE&GUATTARI, 2016, pp. 196-197).

Todas as obras de arte dependem de um material, e esse material é perecível. A reprodutibilidade nos permite ter acesso a obras que não conheceríamos, e nos perguntarmos qual é o material da arte é, de certa forma, também nos perguntarmos o que é arte.

Como mencionei, as obras no romance têm função dupla. Se as tirarmos do contexto da narrativa, continuam funcionando, embora não com a mesma carga que possuem inseridas onde estão. As três obras são ficcionais e só existem no registro do romance. Além dos personagens, a intenção era que quem lesse a narrativa também tivesse a experiência das obras, também as interpretasse e depois concordasse ou não com as impressões emitidas pelos personagens.

Durante a elaboração do romance, percebi que o cerne do conflito era a perda de controle. Samuel não apenas perde o controle financeiro do apartamento que divide com Marcela, mas também é, em certo aspecto, financeiramente substituído pelo Agregado. Além disso, e parto da visão do protagonista, Marcela parece mais afetiva com o Agregado, eles têm uma relação antiga e, talvez, mais próxima. A personalidade extrovertida do Agregado incomoda Samuel. Então, podemos considerar que ele perde o controle financeiro e afetivo. É como se existisse uma possível disputa que Samuel desiste antes de iniciar. Por isso, as obras, em sua maior parte, tematizam o relacionamento entre homens e mulheres, colocando essas questões entre os personagens e propondo que existam variações de conflito no romance.

Por essa razão, a maioria dos diálogos entre Laura e Samuel mostram contrapontos e expõem argumentos que não haviam ocorrido ao protagonista anteriormente.

O que conta não são as opiniões dos personagens segundo seus tipos sociais e seu caráter, como nos maus romances, mas as relações de contraponto nos quais entram, e os compostos de sensações que esses personagens experimentam eles mesmos ou fazem experimentar, em seus devires e suas visões. O contraponto não serve para relatar conversas, reais ou fictícias, mas para fazer mostrar a loucura de qualquer conversa, de qualquer diálogo, mesmo interior. É tudo isso que o romancista deve extrair das percepções, afecções e opiniões de seus “modelos” psicossociais, que se integram inteiramente nos perceptos e os afectos aos quais o personagem deve ser elevado sem conservar outra vida. E isso implica num vasto plano de composição, não preconcebido abstratamente, mas que se constrói à medida que a obra avança, abrindo, misturando, desfazendo e refazendo compostos cada vez mais ilimitados segundo a penetração de forças cósmicas (DELEUZE&GUATTARI, 2016, pp. 222-223, grifos dos autores).

Deleuze e Guattari consideram nesse trecho o que analisarei mais especificamente a seguir, a elevação aos perceptos e afectos de “modelos psicossociais” (DELEUZE&GUATTARI, 2016). No entanto, os autores escrevem sobre esse contraponto entre os personagens e, seguindo a lógica interna de *Se fosse possível cobrir com tinta preta*, foi o que tentei fazer, criar personagens totalmente diferentes uns dos outros, que fossem compreendidos de determinada forma por Samuel, mas que, ao mesmo tempo, mostrassem suas personalidades através de diálogos e gestos.

A primeira obra de arte apresentada logo no início da narrativa é o filme. No projeto inicial, a ideia era que seus elementos fossem espelhados ao longo das três partes do romance,

como se o protagonista do filme estivesse ao menos em um personagem masculino de cada narrativa. No entanto, condensei seu efeito, fazendo com que Samuel existisse em paralelo ao protagonista do filme. Eles não são iguais, mas compartilham características que se tornam mais evidentes ao fim do romance.

Elaborei a narrativa do filme, ao menos a ideia geral, durante os dias que passei em Curitiba, hospedado em um hostel no centro da cidade. Era o início de fevereiro de 2017 e, no entanto, fazia frio. Eu havia passado a tarde inteira lendo em um café. Na volta para o hostel, ao fim da tarde, estava chovendo um pouco, e tentei caminhar o mais rápido possível, um pouco perdido pelas ruas do centro. Quando finalmente encontrei o hostel e entrei, a atmosfera ali era o que só consegui identificar como invernal. Alguns hóspedes estavam circulando pela sala, conversando e tomando o café da tarde, e uma das mulheres que trabalhava no hostel, uma mulher vinda da Alemanha, estava lendo Bukowski com as pernas esticadas sobre o sofá, ao lado de um abajur. A luz que entrava por uma janela grande, do outro lado da sala, era úmida, vazava direto sobre a mulher, e me surgiu instantaneamente a cena inicial do filme.

Nessa época, eu já havia começado a escrever o romance. As primeiras cenas estavam escritas, e eu previa que um filme seria narrado algum tempo depois, mas resolvi adiantar, reescrever parte das cenas iniciais, porque queria que, logo no início, o filme já estivesse presente na leitura.

Então a narrativa do filme permeia *Se fosse possível cobrir com tinta preta* desde as primeiras páginas, antecipando o que logo será mostrado como sua temática central. Optei por utilizar uma estrutura que representasse o movimento de câmera no cinema, mencionado eventualmente pelo narrador. Assim, acredito que a leitura se torna direcionada, porque um enquadramento importante, por exemplo, pode facilmente ser apontado de maneira que a pessoa que estiver lendo perceba como as cenas são construídas ou no que deve prestar atenção. Dividi a narrativa em dois núcleos para que a tensão dos atos do protagonista tivesse mais potência e, além disso, como na narrativa do romance, inseri um elemento que funciona como solução para o que ele está vivendo. Acho que o fato de ser a mulher do bar a solução para o protagonista do filme e Laura a solução para Samuel efetiva a conexão entre ambos.

A ideia para usar o vídeo na internet como obra de arte surgiu quando constatei a existência abundante de vídeos em que pessoas filmam outras enquanto estão sendo enganadas. É um fenômeno curioso e, na maioria dos casos, cruel. Geralmente, esse tipo de vídeo varia a temática, as pessoas enganadas às vezes choram, às vezes agridem a outra pessoa, às vezes revelam algo que é muito pior do que a mentira contada. Enfim, assisti a diversos vídeos em

que a pessoa enganada reage como reagiria na mesma situação sem a câmera. Comecei a me questionar se isso poderia ser uma forma de arte, se, ao contrário de estar mentindo, quem grava estivesse falando a verdade e gravasse a cena, mas uma verdade triste, que a outra pessoa soubesse estar sendo filmada e precisasse reagir a isso ao mesmo tempo em que recebe a informação.

Reparei também que na maioria dos vídeos é um homem que engana uma mulher. Então achei interessante trazer esse registro para o romance, como mais um dos traumas de Laura. Ela funciona como a variável na cena gravada, a única pessoa que não tem seus atos previstos. Podemos considerar que essa é uma obra improvisada a partir de uma estrutura estabelecida. Quem grava tem um tema principal, uma base, e consegue controlar o que acontece até certo ponto. A obra, o vídeo na internet, é chamada de arte pelo artista, é ele que designa o que aquilo é.

Sobre a performance, última obra em *Se fosse possível cobrir com tinta preta*, e para mim a que mais sintetiza o tema do romance, posso afirmar que quase se tornou outra narrativa. A imagem de uma performance em que o artista cobre tatuagens antigas com tinta preta surgiu instantaneamente quando conheci o *blackwork*, técnica da tatuagem que consiste em cobrir grandes áreas do corpo com blocos de tinta preta. O que mais me intrigou no *blackwork* é que, quando a técnica é utilizada para cobrir tatuagens, o objetivo não é que elas fiquem inteiramente cobertas, mas que espécies de falhas planejadas na tinta preta mostrem que antes havia outra arte. É como se, nesse contexto, existisse a cobertura do passado, mas que ainda assim fosse evidente que ele existiu.

A performance acontece ao vivo e é gravada para depois ser compartilhada na internet. Essa possibilidade de cobrir o passado me interessou quando pensei no que o romance tentava expressar, um momento de mudança em que o passado é um fardo ou se torna de certa forma irrelevante. Acredito deixar essa questão mais evidente durante o diálogo que ocorre entre Samuel e o Agregado após o retorno da galeria, quando Samuel diz não sentir mais o peso de Marcela em sua vida, e na conversa que Laura tem com Samuel sobre cobrir o passado com uma tinta preta. Na verdade, esse é mais um contraponto entre Laura e Samuel. O passado, para ele, é uma sucessão de acontecimentos que apenas o guiam de um ponto a outro. Laura, ao contrário, sente o passado como um peso constante.

Quando pensamos marcas corporais, pensamos também em sua irreversibilidade. Rugas que se formam com os anos, os cabelos que caem ou se tornam grisalhos, cicatrizes que adquirimos ao longo da vida. Todas marcas que atestam o tempo da nossa existência, e essas

marcas adquirem outras perspectivas ao pensarmos no corpo que produz arte. “O pintor passa por uma catástrofe, ou por um incêndio, e deixa sobre a tela o traço dessa passagem, como do salto que o conduz do caos à composição” (DELEUZE&GUATTARI, 2016, p. 239). Gosto desse trecho em que Deleuze e Guattari consideram a existência física do pintor e penso que essa ideia está completamente relacionada com o que tento mostrar neste trabalho. Ao pensarmos no corpo tatuado da performance, no corpo do cineasta, no corpo do artista que posta vídeos na internet, também pensamos no corpo do pintor de Deleuze, também pensamos no corpo do escritor. Essa é a experiência na literatura, blocos de perceptos e afectos elevados de percepções e afecções, uma transfiguração da realidade. Por isso, mantenho a presença dos autores nas três obras. A arte existe a partir de seus corpos, de suas catástrofes e incêndios, que também são passíveis de críticas e de contestação.

4 PROCESSO E SIMBIOSE

Há algum tempo me questiono, quando leio um livro de poemas ou um romance, quais elementos do texto são a pessoa que o escreveu. Esse questionamento não importa de forma prática para o texto, mas podemos pensar que se relaciona a uma dimensão de curiosidade sobre a percepção da vida, a forma como o autor compreende o mundo. É interessante como, ao lermos várias obras do mesmo escritor, reconhecemos marcas próprias, não vícios ou repetições mal colocadas em sua linguagem, mas uma atmosfera se repete, as imagens e a maneira como são mostradas mantêm semelhanças, o vocabulário e a estrutura frasal variam dentro de um mesmo escopo, como se o texto passasse por um filtro que, conforme o autor amadurece e muda, se torna mais amplo e diferente.

Sempre tive a impressão de que ler ampliava minha capacidade para compreender certas coisas, e não demorou, desde que comecei a me questionar sobre os aspectos da visão de mundo do autor, para me perguntar também o que desses aspectos interfere na minha própria visão de mundo. Me coloco ao mesmo tempo nos dois lugares. Releio os textos ficcionais antigos que escrevi e encontro ali ideias e formas de interpretação que não me ocorreram na época da escrita. É estranha a impressão ao ler um romance brasileiro do século XIX, sentir a atmosfera do texto, perceber que a ficção, como uma camada de verniz, guarda um material que esteve vivo. Ao longo deste ensaio fiz questão de mostrar de onde boa parte das ideias para *Se fosse possível cobrir com tinta preta* vieram, porque as ideias que constituem a criação artística vêm de lugares que podemos buscar, e mesmo que eu não encontre explicação para como essas ideias se constroem em mim, mesmo que parte do processo seja inconsciente e eu não consiga expor em palavras, não quer dizer que não exista no meu corpo, na materialidade que me compõe e me limita. Por mais que eu tente narrar uma cena que vivi tal como ela ocorreu, é impossível. Não consigo ultrapassar a minha capacidade, minha história, minhas referências e aquilo que enxergo. Qualquer narrativa, qualquer cena, qualquer personagem são justificadas por uma lógica interna, mas também passam por mim. Não acredito em relação filial com o texto, porque, por mais que ele exista a partir da minha capacidade, ele também muda enquanto é lido por outra pessoa, e é justamente essa uma das belezas na arte.

Deleuze e Guattari escrevem:

A moça guarda a pose que tinha há cinco mil anos, gesto que não depende mais daquela que o fez. O ar guarda a agitação, o sopro e a luz que tinha, tal dia do ano passado, e não depende mais de quem o respirava naquela manhã. Se a arte conserva, não é à maneira da indústria, que acrescenta uma substância para fazer durar a coisa. A coisa tornou-se, desde o início, independente de seu “modelo”, mas ela é

independente também de outros personagens eventuais, que são eles próprios coisas-artistas, personagens de pintura respirando este ar de pintura. E ela não é dependente do espectador ou do auditor atuais, que se limitam a experimentá-la, num segundo momento, se têm força suficiente. E o criador, então? Ela é independente do criador, pela autoposição do criado, que se conserva em si. O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é *um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos* (DELEUZE&GUATTARI, 2016, p. 193, grifos dos autores).

Para Deleuze e Guattari, a obra conserva e se conserva em seu material. A noção de bloco de sensações é interessante porque nos passa a ideia de algo ao mesmo tempo maciço e diluído. É essa definição de um composto de perceptos e afectos que nos permitirá pensar na existência de uma relação rizomática entre quem cria arte, quem recebe arte e a obra de arte em si, porque Deleuze e Guattari não eliminam a existência de um autor e de um leitor, mas, sim, os colocam em um mesmo plano junto com a obra, um “ser de sensação” (DELEUZE&GUATTARI, 2016), onde não há hierarquia, apenas agenciamentos. “Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto” (DELEUZE, 2013, p. 10).

O escritor Ricardo Lísias, em seu texto *Eu sou normal*, publicado na revista *Scriptorium* em 2015, escreve:

Toda vez que o leitor se apodera de uma obra literária e utiliza seus próprios elementos para construir uma interpretação, realiza um movimento fundamentalmente artístico. A obra passa de matéria concreta criada pelo artista para se tornar uma infinidade de sentidos constituídos pelo público. Houve um trânsito em direção ao outro e, de alguma forma, a realidade se transformou. Quanto mais intenso, profundo e duradouro for esse movimento, maior será o alcance da obra (LÍSIAS, 2015, p. 94).

Esse trecho parece estar em consonância com uma ideia de processo que acho necessária para a recepção da arte. O artista encerra uma obra dentro do que considera ser um fim possível, de certa forma abandona a obra, baseado muito mais em uma sensação do que em uma certeza. Existe, portanto, uma abertura na obra, e nessa abertura acontecerá o movimento fundamentalmente artístico que Lísias menciona, porque cada leitor, formado por suas referências culturais, sociais e históricas, irá se colocar de uma maneira específica no texto, e essa maneira específica é variável de acordo com o seu período de vida, amadurecimento ou vivências específicas que embasem ou tornem a recepção mais intensa e rica.

Corroborando essa ideia, Roland Barthes escreve sobre o leitor:

Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura;

a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito (BARTHES, 1988, p. 70).

Existe uma abstração intransponível ao considerarmos o leitor (ou qualquer receptor de uma obra de arte), pois o texto sai de uma unidade, o autor, e podemos facilmente verificar as características pessoais e biográficas dessa unidade, características essas que, inclusive, são muitas vezes adotadas para anexar camadas de interpretação ou de crítica, mas é praticamente impossível pensarmos no leitor como uma unidade, ou mesmo como representante de uma unidade. Essa abstração é o espaço de multiplicidade do qual Barthes fala. O leitor, também resultado da sua época e da sua biografia, ao conferir sentido para uma obra está colocando a sua experiência ali, mas é justamente nesse espaço de multiplicidade que a experiência é expandida, como se o receptor incorporasse os elementos da obra e, assim, os tornasse orgânicos, vivos, potentes. A obra se redimensiona quando é recebida, deixa de ser desconhecida e ganha um contexto afetivo, está temporalmente ligada ao leitor, e nunca será de novo a descoberta absoluta que já foi.

Por outro lado, para o autor, o não encerramento da obra mostra o quão fácil é dissolver a unidade subjetiva em um objeto artístico. Estamos lidando com tempos diferentes, pois o tempo da criação e o da vida, apesar de paralelos, são diversos, e o tempo de vida da obra, se o seu reconhecimento ocorre logo após a publicação ou se leva décadas, forma já um terceiro tempo, não mais paralelo, mas autossuficiente. O autor, como essa figura reconhecível e cada vez mais acessível se torna objeto de interesse, sua existência passa a ser considerada como fator na obra e, muitas vezes, define como a recepção irá interpretar o seu trabalho. Em *Se fosse possível cobrir com tinta preta*, eu quis trabalhar autores que aproveitam a tecnologia e o interesse pela vida do artista para construir esses fatores em suas próprias obras. Essa camada biográfica na arte, surgida não através do interesse pela vida do autor mas potencializada por esse fato, se dissolve em várias manifestações, quase como uma performance e um processo artístico constantes.

Barthes já escreveu sobre a mesma celebração do autor:

O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz mais nobremente, da “pessoa humana”. Então é lógico que, em matéria de literatura, seja o positivismo, resumo e ponto de chegada da ideologia capitalista, que tenha concedido a maior importância à “pessoa” do autor (BARTHES, 1988, p. 66, grifos do autor).

Barthes, em *A morte do autor*, opera as noções de performance e de gênio, partindo da ideia de que “[...] a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (BARTHES, 1988, p. 65). Para Barthes, então, a linguagem substitui o autor, e o escritor moderno, ao contrário do clássico, do gênio, escreve em uma performance:

É que (ou segue-se que) *escrever* não pode mais designar uma operação de registro, de verificação, de representação, de “pintura” (como diziam os Clássicos), mas sim aquilo que os linguistas, em seguida à filosofia oxfordiana, chamam de performativo, forma verbal rara (usada exclusivamente na primeira pessoa e no presente), na qual a enunciação não tem outro conteúdo (outro enunciado) que não seja o ato pelo qual ela se refere [...] (BARTHES, 1988, p. 68).

É necessário aqui trazer novamente uma argumentação anterior, o corpo do pintor descrita por Deleuze e Guattari, o artista que imprime sua experiência na obra. Discordo quando Barthes considera que a escritura anula a origem, a identidade do corpo que escreve. Escrevemos com um corpo, não há dúvida, e imprimir isso em uma obra não significa limitar a experiência de leitura, ou, em último caso, não creio nem que a torne tendenciosa. Quando Barthes menciona a representação no trecho que citei, está mencionando também o costume de buscar a vida do autor em sua obra. “[...] a *explicação* da obra é sempre buscada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o *autor*, a entregar a sua ‘confidência’” (BARTHES, 1988, p. 66, grifos do autor). Sobre isso, Deleuze e Guattari escrevem que “a fabulação criadora nada tem a ver com uma lembrança mesmo amplificada, nem com um fantasma. Com efeito, o artista, entre eles o romancista, excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido. É um vidente, alguém que se torna” (DELEUZE&GUATTARI, 2016, p. 202). A pessoa que escreve está em devir.

O conceito de experiência é muito amplo, e por essa amplitude é difícil apreender com exatidão o que significa a experiência dentro de uma obra literária. Minha intenção tanto com o romance quanto com o ensaio era abordar a experiência como uma relação simbiótica entre quem cria arte e quem recebe arte. Essa experiência se manifestaria de forma completamente abstrata, sem que existisse de fato uma concretude específica fora do objeto artístico, mas, justamente por essa abstração, a experiência se propagaria em novas leituras e novas interpretações, em um processo contínuo.

A leitura torna a obra viva, horizontaliza a relação entre quem escreve e quem lê, não há hierarquia, e essa experiência difundida, a simbiose que se estabelece, está na literatura e está no mundo, na forma como enxergamos tudo e na forma como falamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse romance é sobre a vontade de apagar o passado, mas também é sobre a relação desse passado com quem somos agora. Mencionei no início do ensaio que retomar a origem de uma obra nunca é fácil, e concluir as ideias sobre ela, ter certeza de que todos os argumentos foram utilizados, também não é. Apesar da temática definida, de tentar seguir um esboço de planejamento, muitos outros fatores se aglomeram e acrescentam à narrativa. Usar outras formas de arte como condutoras da temática foi a escolha indireta que fiz para ligar as questões dos personagens a obras específicas. Nesse sentido, a intenção era a de que conforme as obras fossem surgindo os personagens se tornassem mais complexos e tivessem novas camadas das suas personalidades reveladas. As três obras que trabalho durante a narrativa são obras em processo, ou seja, todas têm reverberações na realidade e, por isso, recebem novas possíveis interpretações conforme os laços entre a realidade e a arte se estreitam. A ideia era que existisse esse processo contínuo, que a arte permanecesse aberta, não encerrada, e por esse processo estabelecesse as conexões com os personagens.

A leitura de Deleuze e Guattari, fundamental para chegar ao ponto teórico exato que gostaria de expressar neste ensaio, complementou muito do que estudei e li nos dois anos de mestrado, trazendo uma visão para a literatura e para as artes em geral que, ao menos para mim, é muito refinada, apesar da dificuldade e do esforço de compreensão. Aos poucos, no entanto, a visão deles se inseriu na maneira como eu queria que os personagens recebessem as obras de arte e, em especial, como expressavam isso para o leitor.

Os romances que menciono ao longo do ensaio me auxiliaram, mesmo de forma indireta, na compreensão de como gostaria de construir meu próprio trabalho, aspectos específicos da sua elaboração me fizeram enxergar nuances possíveis, novas opções estéticas para que *Se fosse possível cobrir com tinta preta* se tornasse a narrativa que é agora. Tentei desenvolver a linguagem como atmosfera, as palavras escolhidas em frases longas que formam parágrafos longos, para criar o espectro noturno que permeia o romance. Esses romances também me ajudaram a pensar na estrutura da narrativa, a separação em blocos de texto, cortes temporais ao invés da divisão em capítulos.

A relação que se estabelece entre quem lê e quem escreve dificilmente será compreendida com qualquer precisão. O que chamei de simbiose, palavra mais próxima do que tento expressar, são esses fatores orgânicos de recepção da arte que estão mais para a sensibilidade do que para o cálculo. A arte, como intensificação da vida, se distancia da reprodução, e a

experiência que menciono ao longo deste trabalho é a intensidade que se cria a partir da obra, transformando a obra e ampliando a compreensão do mundo com uma potência nova. Tentei mostrar isso durante o romance e durante o ensaio. E, na pior das hipóteses, seguirei tentando.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix: 1971.
- _____. *O rumor da língua*. São Paulo, Brasiliense: 1988.
- _____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo, Estação Liberdade: 2003.
- BOLAÑO, Roberto. *2666*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Noturno do Chile*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo, Companhia das Letras: 2006.
- _____. *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras: 2007.
- _____. *O filho da mãe*. São Paulo, Companhia das Letras: 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G.&GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2007.
- _____. *O anti-édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. São Paulo: Paz & Terra, 2016.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. São Paulo: Alfaguara, 2013
- _____. Eu sou normal. In: *Scriptorium*. v. 1, n. 1, jul-dez. Porto Alegre, 2015, p. 84-100. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/21617/14229>>. Acesso em 29 de dezembro de 2017.
- WILLIAMS, James. *Stoner*. Rio de Janeiro: Rádio Londres, 2015.